

# LEITURAS COMPARTILHADAS

REVISTA DE (IN)FORMAÇÃO PARA AGENTES DE LEITURA | ANO 3 | FASCÍCULO 11 | EXEMPLAR AVULSO R\$ 12,00 | WWW.LEIABRASIL.ORG.BR | ASSINATURAS@LEIABRASIL.ORG.BR

# SONHOS

"O SONHO ACABOU"  
(JOHN LENNON, 1940-1980)

## NA INTERPRETAÇÃO DE:

ALBERTO GUZIK, BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS, BELLA JOZEF, ELIANA YUNES, HENRIQUE LINS DE BARROS, HILÁRIO FRANCO JÚNIOR, MARINA COLASANTI, NEI LOPES, REGINA NAVARRO LINS, SUSANA SCHILD, SUZANA HERCULANO-HOUZEL, TATIANA BELINKY E MUITOS OUTROS.



ISSN 1677-387X





# ONDE SOMOS POSSÍVEIS

Dê asas  
à imaginação!  
A liberdade  
para percorrer  
o infinito sempre  
ocupou o nosso imaginário  
como forma de transporte para  
um lugar além do firmamento, que  
a limitada condição humana reservou  
para os deuses.

Logo, inatingível para mortais.

Por isso, inspirados nos pássaros que  
planam acima das nuvens, tornamos alados os  
símbolos de nossa transcendência, dos quais  
Ícaro, talvez, seja o mais emblemático.

Voar, até pode. Ir além é a perdição.

Além, só no imaginário. Seja nos devaneios  
que constroem cidades por trás do arco-íris, seja  
no desejo de mudança. De qualquer mudança  
que transforme nossa realidade.

Neste lugar, nada é impossível. Só torná-  
lo real.

Este é um dos conceitos de sonho que  
trabalhamos nesta edição: o lugar onde somos  
possíveis.

O outro é uma de suas variáveis. Trata  
do lugar que o pensamento ocupa quando  
perdemos os limites da realidade e entramos  
no regime da inconsciência. Em outras palavras,  
quando dormimos, deliramos ou estamos  
simplesmente desacordados.

Neste lugar,  
mais uma vez,  
somos possíveis. E  
falamos disso numa  
linguagem própria,  
selvagem e soberana.  
Aqui também há  
mais asas do que pegadas  
ou escamas.

Seria por esta razão que as  
fadas voam e realizam sonhos?

Aproveite o que queremos  
partilhar com você.

Editor: Jason Prado  
Subeditora: Ana Claudia Maia  
Redação: César Guerra Chevrand  
Direção de arte e produção gráfica: Daniel Pinna  
Consultoria editorial: Bianca Ramoneda, José Durval Cavalcanti  
de Albuquerque, Maria Clara Cavalcanti  
de Albuquerque, Ricardo Oiticica  
Revisão: Sueli Rocha  
Tiragem: 3.000 exemplares

LeiaBrasil é uma ONG especializada no incentivo e promoção da leitura como  
ferramenta de combate ao analfabetismo funcional, com 12 anos de atuação em  
mais de dez estados brasileiros.  
Diretor Executivo: Jason Prado  
Diretor Secretário: Tânia Ahouagi

Leia Brasil - Organização Não Governamental de Promoção da Leitura  
Praia do Flamengo, 100/902 - Flamengo  
Rio de Janeiro CEP: 22210-030  
Tel/Fax: (21) 22245-7108  
leiabr@leiabrasil.org.br  
assinaturas@leiabrasil.org.br  
www.leiabrasil.org.br

Leituras Compartilhadas é uma publicação do Leia Brasil distribuída  
gratuitamente às escolas conveniadas.  
Todos os direitos foram cedidos pelos autores para os fins aqui descritos.  
Quaisquer reproduções (parciais ou integrais)  
deverão ser autorizadas previamente.  
Os artigos assinados refletem o pensamento de seus autores.  
Leia Brasil e Leituras Compartilhadas são marcas registradas.





*Unidade  
de Leitura*

# ARCO-ÍRIS, ESTRELAS E PAPOULAS

## MARIA CLARA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Desde a antiguidade o homem vem tentando explicar a origem dos sonhos. O mito grego de Morfeu, por exemplo, nos conta:

Numa caverna, na região cimeriana, fica o palácio letárgico onde mora Hipnos, Deus do Sono. Lá, este Deus sonolento vive cercado por seus inúmeros filhos, entre eles Morfeu, o Deus dos Sonhos, que percorre o mundo em vôo silencioso, distribuindo sonhos. Para isso, ele toca os homens com uma papoula para adormecê-los e depois assume formas humanas e povoa de imagens a mente do mortal adormecido. Os sonhos são, portanto – diz o mito –, essas aparições do Deus.

Muito parecido com este mito grego temos o mito brasileiro da Kerpimanha:

Contam os tupis, que junto a Tupã, o Deus dos deuses, capaz de dominar os raios e os trovões, mora uma “deusa - anciã” chamada Kerpimanha.

A velha senhora, dona dos sonhos, desce do céu pelo caminho do arco-íris para trazer os sonhos que sonhamos, por vezes acordados durante o dia, e pelos raios das estrelas os que sonhamos em repouso, durante a noite.

Como um sopro de vida, ela entra no coração das pessoas e só sai de lá quando elas despertam. Assim, quando uma pessoa se lembra de seu sonho ou devaneio, encontra o recado de Tupã que a velha deixou gravado em seu coração.

Em todos os povos e épocas, o sonho sempre foi visto como um elemento mágico e despertou no homem uma imensa curiosidade. Os deuses falam através dos sonhos, os oráculos, adivinhas e psicanalistas tentam interpretá-los, e diferentes ciências os estudam. Enquanto isso

o povo propaga: sonhar com cobra é sinal de gravidez, com dentes caindo é sinal de pobreza, com a própria morte é sinal de vida longa.

No entanto, a necessidade de sonhar, inerente ao homem, não se limita aos sonhos que sonhamos à noite quando tocados pela papoula de Morfeu: há também a necessidade de sonhar de olhos bem abertos, e esta explica o fascínio que exercem sobre nós, até hoje, os relatos mitológicos e os contos de fada.

Mesmo numa época em que o conhecimento científico caminha a passos largos, em que já conhecemos a trajetória dos astros e a força da energia atômica, conseguimos enviar imagens de um ponto ao outro do planeta em questão de segundos e somos capazes de produzir clones em laboratórios, esses relatos continuam a povoar o imaginário de todas as culturas como forma de aliviar a aridez da vida cotidiana.

Usando uma linguagem onírica, eles nos falam dos sonhos universais: sonho de uma vida mais digna; de encontrar um par; de ascensão social; de driblar a morte etc. Utilizam-se de fadas, bruxas, heróis sobre-humanos; nos transportam a reinos distantes com príncipes, princesas, reis, unicórnios, sultões; nos levam a lugares desconhecidos e tempos indeterminados, mas permanecem enraizados nas necessidades do mundo real e falando de sonhos bem atuais.

Quantos “Joãos e Marias” encontramos perambulando pelas ruas da cidade, abandonados pelos pais e sonhando com casas de doces? Quantas “Cinderelas” sonham acordadas suspirando frente a fotos de artistas de novelas e de jogadores de futebol? As salas de espera dos consultórios dos cirurgiões plásticos transbordam de “Peters Pans” e “Afrodites” em busca da juventude eterna. Nas ruas escuras, lobos famintos esperam nas saídas das escolas por “Chapeuzinhos” desavisadas.

Levando-nos a uma dimensão atemporal e a lugares imprecisos, os contos de fada nos dão o distanciamento necessário para podermos

ouvir falar de nossos sonhos sem censura ou culpa. Não será isto tudo o que nossos alunos precisam num tempo em que está cada vez mais difícil sonhar?

Afinal, é Cinderela que suspira por um príncipe que mudará sua vida; é João que sente medo ao se ver largado à própria sorte; é o Patinho Feio que deseja ser aceito e sai pelo mundo em busca de aceitação... tudo tranquilamente afastado de nós por um Era uma vez... no entanto, tão estranhamente familiar.

Então, por que não mergulharmos com nossos alunos, sem medo, neste mundo de sonho e fantasia, sem perder a conexão com o real e tendo sempre a opção de falar em alto e bom tom, tal e qual Ali-Babá, o “Fecha-te Sésamo”, que nos deixa novamente com os pés no chão e reabastecidos de sonhos para enfrentar o dia-a-dia?

Seja através da figura encarquilhada de Kerpimanha, chegando mansamente até nós pelas cores do arco-íris ou pelos raios das estrelas, seja através de um Deus alado, pelo suave toque de uma papoula, ou pelas histórias que lemos ou ouvimos, os sonhos, sejam eles sonhados à noite ou não, coloreem nossa vida. Sem sonhos, o homem ficaria paralisado diante de sua própria pequenez e impotência face ao mundo que o cerca.

MARIA CLARA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE é psicóloga, especialista em Literatura Infanto-juvenil (UFF) e Leitura (PUC-Rio) e contadora de histórias do Confabulando.

“Se um pouco de sonho é perigoso, não é menos sonho que há de curá-lo, e sim mais sonho, todo o sonho. É preciso conhecer inteiramente os nossos sonhos, para não mais sofrer com eles.”

MARCEL PROUST, 1871-1922. Um dos escritores mais importantes da Literatura Francesa e um dos mais influentes do século XX. Escreveu *Em busca do tempo perdido*.





# COM EM SET

## SUZANA HERCULANO HOUZEL

Eu nunca tinha vestido um sári. Estava na Índia fazia duas semanas, visitando a família do meu noivo, e todas as manhãs acompanhava, admirada, os movimentos precisos e delicados da minha futura sogra enquanto ela se enrolava em metros e mais metros de seda colorida. O tecido formava uma saia longa que, graças a dobras estrategicamente posicionadas, permitia o movimento livre das pernas, depois se transformava num belo drapeado que cobria os seios e, por fim, sua extremidade repousava displicentemente sobre o ombro esquerdo, enfeitando as costas.

Eu também queria usar um. Achava lindo, e queria me vestir como as indianas, não como turista – ainda mais porque na rua, ao lado do meu futuro marido, eu passava facilmente por uma natural do norte do país. O tecido nós já havíamos encontrado, em uma loja de sonhos onde sáris para todos os gostos e orçamentos se empilhavam nas prateleiras. Mas faltava encontrar o costureiro que fizesse um choli sob medida, a mini-blusa milimetricamente ajustada ao busto e aos braços, feita sempre do mesmo tecido do sári. Os dias se passavam, e ainda nada de costureiro.

Foi então que comecei a sonhar que eu vestia um sári. Toda noite, durante uma semana, em sonhos eu colocava meu sári, passo a passo, exatamente como vira minha sogra fazer. Da direita para a esquerda, começando pela frente, eu sonhava que ia me enrolando, preparando as dobras nos lugares certos com trejeitos copiados da Surya, até terminar com o comprimento exato de tecido pousado sobre o ombro esquerdo.

Quando por fim pude vestir meu sári, surpresa: foi como se houvesse feito aquilo todos os dias da minha vida. Meu noivo ficou impressionado. A saia caía por igual até um centímetro do chão, sem pontas arrastadas ou curtas demais; as dobras estavam nos lugares



# COMO ENROLAR UM SÁRI E LIÇÕES ADORMECIDAS

certos, sem engruvinhar nos quadris; a ponta sobre o ombro começava certinho na marca do bordado. Mesmo sem “prática” no mundo real, eu já aprendera o procedimento: meu cérebro havia treinado sonhando.

É isso o que a neurociência hoje comprova: o sono, incluindo o período de sonhos, é para o cérebro um período de aprendizado intensivo, e não exatamente de descanso. O caminho até a comprovação foi longo, mas não por falta de idéias sobre a importância do sono. Alguns cientistas acreditavam, e continuam acreditando, que o sono serve para reforçar circuitos que cuidam dos comportamentos mais básicos e inatos dos animais, como andar e caçar. Outros supõem que ele deve servir para apagar memórias desnecessárias, “fazendo espaço” no cérebro para que ele aprenda coisas novas no dia seguinte. Outros, ao contrário, acham que o sono é necessário para que o aprendizado se cristalice na forma de modificações permanentes no cérebro. Para esses, o sono seria a oportunidade de o cérebro “fechar para balanço”, rever os acontecimentos importantes dos últimos dias, reforçar esses registros, e passar a limpo anotações recentes – exatamente como estudantes fazem com seus rascunhos.

É esta a idéia que vem ganhando força nos últimos dez anos, a partir da descoberta de que é necessária uma noite de sono – e com sonhos, mesmo que eles não sejam lembrados – para o cérebro “consolidar” o que foi aprendido durante o dia. Sem sono, nada feito: qualquer esforço diurno de aprendizado é desperdiçado. Os efeitos benéficos do sono para o aprendizado provavelmente vêm da alternância de ciclos de sono com e sem sonhos ao longo da noite. Talvez o sono sem sonhos sirva como um “restaurador” do funcionamento do cérebro exaurido ao longo do dia, e pré-requisito para que na fase seguinte, com sonhos, ocorram as modificações necessárias nas conexões entre os neurônios – as sinapses – para que o aprendizado se instale de modo permanente.

O sono, completo com sonhos, parece ser tão eficaz como período de passar a limpo anotações temporárias feitas pelo cérebro que um ciclo completo de pouco mais de uma hora já traz benefícios ao aprendizado do dorminhoco. Sonecas diurnas, tantas vezes consideradas sinal de preguiça, hoje são uma maneira cientificamente comprovada, e quase tão boa quanto uma noite inteira de sono, de ajudar o cérebro a aprender – desde que elas sejam longas o suficiente para incluir uns bons 20 minutos de sonhos.

Mais do que simplesmente passar a limpo o que começou a ser aprendido durante o dia, no entanto, os sonhos são um grande tubo de ensaios para a mente. Hoje já se sabe que a imaginação recruta as mesmas regiões do cérebro ativadas por sensações “verdadeiras”, vindas de fora. E o mesmo acontece durante os sonhos. Portanto, o que se vê e se sente durante os sonhos, incluindo emoções, são para o cérebro tão reais quanto tudo o que vem de fora quando se está acordado – e com um bônus adicional: sonhando, vale tudo. Primeiro, porque os sonhos são absolutamente privados; e segundo, porque o cérebro tem um mecanismo que bloqueia praticamente todos os movimentos do corpo durante os sonhos, o que garante, por exemplo, que ninguém vai revelar segredos ditos em sonhos, nem sair chutando o parceiro na cama se sonhar com um ladrão. Por isso, em sonhos é possível ensaiar reações a boas e más notícias, se acostumar com a idéia de uma prova temida, treinar um concerto de piano ou um pedido de casamento ou se abandonar a fantasias sexuais as mais ousadas, sem sofrer conseqüências... e até praticar como enrolar um sári ao redor do corpo. Enquanto isso o cérebro, aparentemente desligado e descansando, anota tudo furiosamente; ao despertar, depois de tanto treino, os dedos encontram habilmente sua posição na seda.

E como desenrolar um sári após o uso? Ah, fácil. Isso qualquer namorado, noivo ou marido descobre rapidinho. Nem é preciso sonhar para aprender...

SUZANA HERCULANO-HOUZEL é neurocientista, professora no Departamento de Anatomia da UFRJ e autora de O Cérebro nosso de cada dia e Sexo, drogas, rock'n'roll... & chocolate. [www.cerebronosso.bio.br](http://www.cerebronosso.bio.br)

## Caravana

no meio do deserto  
os homens arrumam  
a noite  
para que a caravana  
pouse  
o céu é de zuarte  
e o silêncio anda  
em círculos  
feito lobo

alguns mastigam  
sonhos  
enquanto o sono  
costura as pálpebras  
com o fio do não-tempo

essa é a pausa  
entre um século  
e outro  
entre um delírio  
e outro

em algum lugar  
dorme um poço  
com seus anjos  
e demônios

ROSEANA MURRAY é poeta, autora de Jardins, Manual da delicadeza e Caminhos da magia.



# UM PAR DE SONHO

## NILMA LACERDA

Miguel já estava indo dormir e atravessou a saleta, onde o resto da família assistia à televisão. Na tela, uma imagem fixa, a voz do locutor anunciando que Bagdá, às cinco da manhã, esperava o ataque devastador do inimigo. Madrugada ainda, a tomada da tevê punha em destaque os focos de luz na cidade iluminada para a morte. Nenhum carro ou ônibus passando nas ruas, nem uma bicicleta ou pessoa, nem um cão, sequer. O reinado da morte não tem concorrentes.

Miguel fez um comentário de revolta e impotência, foi para o quarto e dormiu logo. Sonhou, naturalmente. Acordou, como de costume, às cinco da manhã, se lembrou de Bagdá e da sentença de morte que também pesava sobre ele. As lâmpadas do quarto estavam acesas, o retângulo da janela era negro lá fora e ele sabia que esperava apenas uma sirene qualquer para a porta se abrir e a morte entrar. Não ia ficar parado enquanto isso acontecia, decidiu. Pegou o papel na cabeceira da cama, o lápis que estava ao lado e começou a escrever. Escreveu:

“Concebido por uma mulher, um dos maiores estratagemas da História consistiu em deixar insones as noites de um califa despótico. Sem poder dormir, mas sonhando sem parar, o tal califa, ao fim de mil e uma noites, suspendeu a pena de morte que pesava sobre a esposa. Ao parar de contar para ele as histórias que pertenciam mais ao povo do que a ela, Scheherazade tirou dele – sem saber – os sonhos suspensos nas madrugadas escuras. E, a partir daí, a vida de casada correndo normal, dizem certas crônicas que ela acabou perdendo o poder de narrar. Outra vertente de registros, no entanto, sustenta que Scheherazade começou a desenvolver uma obra pessoal, uma literatura em que o fermento dos sonhos desponta como etapa preliminar maravilhosa da experiência de transformação a ser vivida pelos personagens. Certo que essa obra nunca teve sua presença material confirmada e, agora, com os bombardeios sobre

Bagdá, a Biblioteca sendo atingida, vão se esvaír as esperanças de encontrar esses manuscritos, perdidos ou mal catalogados em meio aos tesouros para sempre afastados da memória humana.

O certo é que a tradição oral foi registrando que Scheherazade escritora não só chamou a atenção para a força dos sonhos nos relatos literários que a antecederam e nos que eram contemporâneos dela, como confirmou a constância dessa presença em toda literatura que se viesse a produzir pela humanidade.

A criação habita terras vizinhas ao sonho, o artista invade a noite ou precisa dela para seu trabalho, interrompe o sono para o registro de uma idéia. Todo artista é, de certa maneira, considerado um ser da noite. Essa idéia se estende a ele como uma capa singular, uma camada fosforescente que se cola à pele, e ajuda a encontrar o caminho certo para a sensibilidade dos leitores. É assim que Lewis Carroll chega até hoje à alma das crianças, com o célebre Alice no País das Maravilhas.

A menina Alice escorregou por um túnel e encontra o País das Maravilhas, com personagens fabulosos, um corpo que ela não controla, uma linguagem delirante e uma Rainha de Copas despótica, a gritar sentenças de morte a torto e a direito. Arma-se um julgamento e a Rainha insiste em que a sentença seja pronunciada antes do veredicto. Como Alice questiona essa ordem estúpida, a Rainha grita, mais uma vez, a sentença de morte: – Cortem-lhe a cabeça, cortem-lhe a cabeça!!

Osguardas não se movem, e Alice, tendo voltado ao seu estado normal, se vira e diz para todos eles: – Vocês não passam de um baralho de cartas!

Enfurecidos, avançam contra ela, mas Alice lembra do longo sonho. Realizou, dormindo, a travessia do id para o ego, do princípio do prazer para o princípio da realidade. Numa porção de sonho, viveu a experiência que a fez capaz de nomear o que está ao seu redor, capacitou-se para as etapas seguintes da vida.

Já Monteiro Lobato segue a lição de Coleridge, célebre crítico literário inglês: 'Se um homem atravessasse o Paraíso em um sonho e lhe dessem uma flor como prova de que havia estado ali, e se

ao despertar encontrasse essa flor em sua mão... então o quê?'<sup>1</sup>

Em suas Reinações de Narizinho, a menina Lúcia, apelidada de Narizinho, adormece à beira de um ribeirão, vive uma aventura fantástica no Reino das Águas Claras, vê sua boneca de pano, a Emília, tomar uma pílula do doutor Caramujo e ganhar o dom da fala. De volta ao espaço do cotidiano, Emília continua a falar. Fala de forma plena – eu quero, eu posso. Fala e faz coisas com o que fala. Muda o mundo como expressão do seu pensamento, expressão adquirida durante um sonho da menina a quem foi dada de presente.

Entre quem sonha e quem pensa o sonho, entre quem faz o sonho e quem lê o sonho, o que acontece nesse emaranhado? O que é o sonho? Que poder mágico dele advém? Qual a sua significação – o verdadeiro lugar dos sonhos na cultura humana? Um pilar do precário, um suporte do pedagógico, uma rede de potência, o sonho é narrativa de leis próprias, capaz de abrir estratégias, configurar possibilidades, aguilhoar o sonhador com o impossível que pode alcançar. Zona de fronteiras fluidas, o sonho nos coloca diante de nós mesmos, de nossas mais profundas indagações e brincadeiras do tempo e do espaço.”

Atento ao soar da sirene, à morte que estava a chegar também para ele, Miguel continuava escrevendo. Preocupava-se, inclusive, em não dormir de novo. Na literatura, o tempo do sono (que guarda o sonho como um envelope a sua carta) é sempre considerado um tempo não-histórico. Washington Irving dá forma literária à narrativa de Rip Van Winkle, história do homem que encontra duendes na montanha e, enfeitiçado por eles, dorme um sono de vinte anos, acreditando que dormiu por algumas horas. Ao regressar à sua cidade, vê que os Estados Unidos fizeram sua independência, os filhos cresceram, casaram, os netos chegaram. Embora tenha envelhecido sem se dar conta, o final é feliz: ele vai morar com a filha e continua a ser o homem bonachão que sempre foi. O protagonista do conto



# OS, E A LITERATURA



Uma noite no Paraíso, uma das Fábulas Italianas recolhidas pelo escritor Ítalo Calvino, não teve a mesma sorte.

Em sua noite de núpcias, um rapaz acompanha o amigo morto – que voltara à Terra para ser padrinho dele – ao Paraíso e regressa à aldeia após algumas horas de deslumbramento. Mas aqui na Terra se haviam passado trezentos anos. Ao ter conhecimento de que a esposa morrera de desgosto pelo sumiço dele, fica amarelo como a morte, cai morto no chão.

“Costumo atravessar o Paraíso e regressar com flores nas mãos, mas isso nunca me perturbou” – é a última frase escrita no texto de Miguel, colocada no fim da página, sem ponto final. A guerra havia chegado e, demolida em Bagdá a biblioteca que poderia trazer alguma luz à hipotética obra de Scheherazade, restava a Miguel aguardar a sirene, a entrada da morte no quarto. Foi o que fez.

Mas como havia trabalhado e esperado todo o dia sem que a morte viesse, e agora já era noite de novo, resolveu mudar de roupa, deitar-se, dormir. Sonhou que era um sultão e que acabava de liberar Scheherazade de sua sentença funesta. No fundo do sonho de Miguel, Bagdá acordava para um dia esplêndido e, apesar de ainda madrugada, o movimento de gente e carros nas ruas demonstrava o ritmo de trabalho e movimento característico dos dias de paz e fartura.

## NOTAS:

1. BORGES, Jorge Luís. Livro dos sonhos. Trad. Cláudio Fornari. São Paulo: Circulo do Livro, s/d. p. 52.

NILMA LACERDA escreve, sonha, viaja e dá aulas também. Autora de Manual de tapeçaria, As fatias do Mundo, Cartas do São Francisco: Conversas com Rilke à beira do rio, desenvolve no momento o Diário de navegação da palavra escrita na América Latina.



# TODOS OS SONHOS

## BELLA JOZEF

"...os sonhos, vão produto — De quimeras num cérebro ocioso, — os quais inconsistentes como o ar — são inconstantes como o próprio vento"

(ROMÉU E JULIETA, ATO I)

O sonho é um dos temas fulcrais da arte de todos os tempos. Talvez seja a expressão estética mais antiga: toma a forma dramática, já que somos o teatro, o espectador, os atores, a fábula.

Segundo Frazer, os selvagens não distinguem entre o sonho e a vigília (e as crianças também, acrescenta Borges). Um poeta austríaco von der Vogelweide, pergunta-se: "Sonhei minha vida ou foi um sonho?". Shakespeare nos assegura que "a vida do homem está feita da mesma matéria dos sonhos" e há uma passagem na *Odisséia* em que se fala de duas portas, a de chifre e a de marfim. Pela de marfim, chegam aos homens os sonhos falsos e pela de chifre, os verdadeiros ou proféticos.

Em *A vida é sonho*, Calderón de la Barca narra a história de Segismundo, príncipe da Polônia que foi condenado pelo pai a viver prisioneiro nas masmorras do castelo porque, quando nasceu, o rei consultou o horóscopo e este predisse que seu filho o destronaria e arruinaria o país. Durante anos, o príncipe viveu encarcerado, como um animal. Até que o rei decide pô-lo à prova: dá-lhe um narcótico e o leva adormecido a palácio. Ao despertar, e ver-se rodeado de riquezas e luxo, Segismundo não sabe se seus sentidos o enganam e o que vê é apenas um sonho. E se pergunta: "Que é a vida? Um frenesi. Que é a vida? Uma ilusão, uma sombra, uma ficção e o maior bem é pequeno; que toda a vida é sonho, e os sonhos, sonhos são". Segismundo, condenado a seu sonho que não é (ou a sua realidade que é), joga com suas circunstâncias como um pequeno demiurgo de escassos poderes. Não pode ser rei do espaço infinito (conforme a afirmação de Hamlet: "I could be bounded in a nutshell and count myself a

King of infinite space"). Homem barroco, seu destino é parte do caminho da melancolia. Ao final, só permanece o desengano: A vida é sonho não é matéria de sonho, mas de vigília, de existência conformista e sujeita à cosmovisão da época. O sonho de Basílio, rei que inscreve sua ordem nas estrelas, é garantir a permanência. Sua impossibilidade é despertar. Em *A vida é sonho*, todos sonham mas apenas um desperta: Segismundo.

Seu canto à liberdade, sua encenação barroca de uma existência dramática, recusa a idéia renascentista de que o homem tudo pode. A oposição entre vida e sonho funciona como motor da vaidade humana. O que se toca e o que se vê, parecem patrimônio exclusivo da vigília, do estado de conhecimento em que a dúvida é descartada. Qual o conteúdo do sonho? A impossibilidade do livre-arbítrio, o determinismo dos fatos, a passividade do sonhador ante o que sucede. E, por conseguinte, a porta de entrada ao lugar limite da existência, a ante-sala do sobrenatural e a imagem, recorrente, da morte. Três tópicos repetem-se no teatro barroco: loucura, sonho e morte.

Jorge Luis Borges, o tecedor de sonhos, escreveu um relato *As ruínas circulares*, centrado na idéia de um homem empenhado em sonhar outro homem. O personagem não tem nome nem descrição física, a única característica é ser um mágico. Ele vai até as ruínas de um antigo templo, em forma circular, para sonhar com um ser humano perfeito, idealiza-o como um homem-modelo. Instrui-o com a erudição do mundo e desfruta de sua contemplação. Mas, em determinado momento, o sonhador desperta e sua criação desaparece. Sofre enormemente com o ocorrido e em meio a esse sofrimento, descobre que ele próprio, o sonhador, não tem realidade. É, também, produto imaginário de outro ser e, em definitivo, fruto do sonho de um terceiro. O homem sonhado, resultado de um mago ou da vontade inescrutável do acaso, é um elo a mais de uma cadeia

infinita e concêntrica, o fechado labirinto em que coexistem realidade e ficção. O que nos leva a suspeitar que só há um sonhador e este é cada um de nós. Borges prefacia o conto com uma epígrafe de Lewis Carroll, "and he left of dreaming about you". Justapondo a frase de Carroll em sua obra, Borges convida à especulação sobre seu terreno comum: ambos atestam a reversibilidade de sonho e realidade, um é igual ao outro. O mundo do real é criado por nossa presença, tal como as imagens dos espelhos. "Passei uma semana escrevendo esse conto", narrou Borges. "Durante essa semana ia trabalhar em uma biblioteca de Almagro, algumas vezes ia ao cinema, via meus amigos, mas tudo era como se eu estivesse em um sonho, porque enquanto isso eu estava vivendo, como não vivi nenhuma obra nem antes nem depois". O conto *There are more things*, toma seu título do Hamlet, de Shakespeare (ato I, cena V): "Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonhou sua filosofia". Seguindo esta idéia, Borges narra a história de um indesejado inquilino que talvez chegou das estrelas para instalar-se na Casa Colorada, lugar de nostalgias do narrador, cujo tio quer iniciá-lo no conhecimento da filosofia. Também há na história um sonho-pesadelo diretamente extraído dos terrores noturnos de Borges. O narrador sonha "com uma gravura à maneira de Piranesi: Com um vidro de aumento eu tratava de ver o Minotauro. Afinal percebi. Era o monstro de um monstro, tinha menos do touro que de bisonete e, estendido na terra o corpo humano, parecia dormir e sonhar. Sonhar com quem e com quem?".

Borges refere-se a um livro que seu pai possuía, com a reprodução em cores das sete maravilhas do mundo, entre elas, o labirinto. Ele ainda recorre a esta imagem para ilustrar os caminhos que a alma livre percorre durante o sonho, na conferência *O pesadelo em Sete noites*. Assim, encontramos-nos no reino do pesadelo em um conto dedicado a Lovecraft.

É indubitável que Franz Kafka viveu em perigosa convivência com o universo do sonho ao dizer-nos que "o sonho revela a realidade. Este



# INHOS DO MUNDO

é o horror da vida, o terrível da arte". Tanto que Sartre chegou a dizer que "Kafka nos mostra a vida de ser humano perpetuamente transtornado por uma transcendência impossível, isto sucede porque ele crê que existe tal transcendência. Seu universo é, ao mesmo tempo, fantástico e rigorosamente verdadeiro". Kafka chegou a compreender o mundo do sonho não através da psicanálise de Freud mas devido a sua intuição, a seu poder de percepção. A metamorfose, uma das narrativas mais angustiantes de horror e grotesco que já se escreveu, projeta em nós a angústia da transformação em inseto, devido a um discurso transparente, que transmuta esse sonho espantoso na realidade mais crível, apesar da aparência de absurdo. E o horrível é que nos identificamos com o monstro até sofrer os mesmos padecimentos. Esta autêntica representação onírica é uma das metáforas mais bem sucedidas da literatura universal e revela a magnitude das faculdades criadoras de Kafka, precisamente sua "técnica onírica". Ele denominava-se "cidadão desse outro mundo". Não era um visitante transitório do universo do sonho, mas um residente vitalício desse universo fantasmal. Ao tomar o sonho como modelo de suas narrativas, criou as condições das formas de representação da experiência do inconsciente. Funde o contato do leitor com a realidade, eliminando as barreiras que separam a realidade do sonho, já que o sonho, para ele, é uma faceta da realidade.

Se existe um documento inigualável para analisar as relações entre os sonhos, a projeção dos mesmos no cérebro do sonhador em estado de vigília e sua transfiguração em obra literária, esse documento é o Diário de Kafka, onde o escritor nos descobre sua verdadeira alquimia da palavra, mediante a qual transforma a inquietante vibração de seus sonhos no metal precioso de suas narrativas. Seus personagens imitam os vivos, são uma espécie de abstração com palpitações humanas, em certo modo fantasmal, como os personagens dos sonhos.

O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha, de Cervantes, é um símbolo da dualidade do homem, uma alegoria da condição humana. Logo no primeiro capítulo, resolve "fazer-se cavaleiro andante e ir por todo o mundo, com suas armas e cavalo, à cata de aventuras (...) desfazendo todo o gênero de agravos e pondo-se em ocasiões e perigos, donde, levando-os a cabo, cobrasse perpétuo nome e fama".

"E assim, do pouco dormido muito se perdeu o cérebro, de modo que veio a perder o juízo. Encheu-se-lhe a fantasia de tudo o que lia nos livros, tanto de encantamentos, quanto de contendas, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, tormentos e disparates impossíveis e instalou-se-lhe de tal modo na imaginação que era verdade toda a máquina daquelas afamadas e sonhadas invenções que lia, que para ele não havia outra história mais verdadeira no mundo" (Quixote, 1, i, 73). "Encheu-se-lhe a fantasia", "instalou-se-lhe na imaginação" apresentam o domínio mental em que D. Quixote e sua empresa nasceram. As duas expressões também apontam para uma das dimensões de nosso pensamento. Imaginar o real não pertence exclusivamente aos escritores de ficção como Cervantes. Nós todos passamos boa parte de nossas vidas imaginando o real, como é ou foi, como poderia ter sido, como gostaríamos que fosse. Ele imagina o real e nós também. Mas enquanto nós parecemos saber, em algumas ocasiões, como levar nossas realidades imaginadas para a existência atual, a visão convencional de D. Quixote leva-o ao inevitável divórcio entre realidade e imaginação. Seu objetivo é reconciliar contradições numa ordem maior de experiência em que a prosa se torna felizmente poesia, o familiar, extraordinário, o real, imaginado. Nesse processo, identidades individuais estão transmutadas, sem estarem perdidas, e sua diversidade não se mantém simplesmente intacta, mas multiplicada.

D. Quixote é visto como visionário por todos os que acham que a vida é apenas para ser vivida. Ele acredita no sonho, na utopia que envolve e entusiasma o ser humano. Sair dos

estritos limites, passando a viver criativamente. A utopia cria um espaço entre o possível e a realidade.

"Onde está o colocado nos sonhos com que força? Que empresa ou trabalho preenche nossa vida e nos faz sentir que, por um momento, somos nós próprios? Que presença orienta nossa expectativa, que antecipação nos polariza, estende o arco do nosso projeto e se converte no alvo involuntário e irremediável do mesmo?" (Julián Marías).

O que une o Quixote e Hamlet, dois grandes ícones literários do homem ocidental nos últimos quatro séculos, é o sonho de ordenar o mundo.

Sonhar é ser livre. Só quem é livre pode sonhar...

BELLA JOZEF é professora emérita da UFRJ, autora da História da literatura hispano-americana.

"DON QUIXOTE", DE HIROSHI KADO, 1955





# BATE- MARINA C

Com a escritora Marina Colasanti inauguramos um novo espaço em Leituras Compartilhadas, um espaço fora de reuniões de pauta e redações, onde aproximamos o leitor de nossos entrevistados e, assim, chegamos mais perto do “compartilhar” que nos nomeia.

Para a estréia, quem melhor que Marina Colasanti, que escreve com a intimidade de quem narra uma história ao pé-do-ouvido, sussurrada, suave e que toca adultos e crianças com igual magia. Histórias de ninar e para fazer sonhar.

Por e-mail e fax dezenas de perguntas chegaram a nós. Procuramos escolher as que mais sintetizaram o interesse geral e ei-las aqui, respondidas com a simpatia e inteligência usuais da autora.

1. Marina, as suas obras cantam e encantam a minha alma, saiba que seus escritos me ajudaram nos momentos difíceis da minha vida. Por isso desejo saber se quando iniciou sua carreira como escritora você já vislumbrava esse sucesso?  
Dilcelena da Silva Oliveira, Casimiro de Abreu — RJ

Marina: Dilcelena, creio que nenhuma pessoa sensata, ao começar uma carreira, sabe, exatamente, aonde esta vai lhe levar. O fato de ter ajudado pessoas, sobretudo mulheres, através dos meus textos, foi um presente belíssimo que recebi da vida.

2. Você realizou algum sonho de criança?  
Maria Auxiliadora S. Santos, Vitória da Conquista — BA

Marina: Devo ter tido sonhos, em criança, como todo mundo. Mas não consigo lembrar de nenhum sonho específico, nenhuma meta que eu estabelecesse para o meu futuro. E quando falamos em “criança”, a que idade, a que sonhos estamos nos referindo?

3. Qual é o seu maior sonho?  
Simone Michelle Silvestre, Campinas — SP

Marina: Viver bem. E com isso quero dizer viver uma bela vida decente, em que o melhor para mim não aconteça a custa dos outros, uma vida de respeito, de amor, de produção. É um sonho muito ambicioso, eu sei. Mas é o meu.

4. Qual seu maior pesadelo?  
Francisco Otávio Cintrade Oliveira, Rio de Janeiro — RJ

Marina: Nunca pensei nesses termos. Mas na hora de escrever qualquer coisa horrenda que possa acontecer às pessoas do meu coração, receio que os deuses da China ouçam, receio atrair essas coisas através das palavras, e então não as nomeio.

5. Marina Colasanti, você sonha mais dormindo ou acordada?

Izabel Maria de Aguiar, Londrina — PR

Marina: Há diferença? Para mim, nenhuma.

6. O escritor e o educador vivem de sonhos. Será por isso que a esperança é considerada eterna?  
Deonilza Ribeiro Silveira Mesquita Pereira, São Francisco de Itabapoana — RJ

Marina: Será mesmo eterna, Deonilza? Com certeza, você esta fazendo um jogo de metáforas, não despido de ironia. Mas escritor e educador, embora vivendo de sonhos, operam a realidade. E só estando bem atento a ela podem colher algum fruto de seu esforço.





# PAPO OLASANTI

7. O que te motivou a escrever histórias para crianças já que no início da sua carreira seus textos eram voltados para o público feminino?

Eliane Luiza de Freitas Lyrio, Casimiro de Abreu – RJ

Marina: No início da minha carreira meus livros não eram voltados para o público feminino, mas para qualquer público. Livros de contos, livros de crônicas. E depois também quatro livros para o público feminino, e um ensaio, e mais contos, e poesia, e mais crônicas. E os livros para crianças. E os contos de fadas que, vendidos como livros para crianças, destinam-se a qualquer idade. Gosto de escrever para públicos diferentes, porque para cada público há uma voz distinta a ser utilizada, e eu sinto necessidade de utilizar todas as minhas cordas vocais. Cada história tem sua vocação. Eu obedeco à vocação das histórias que minha alma me conta.

8. Muitas crianças são consideradas dispersas porque vivem sonhando acordadas, mas não é importante para o desenvolvimento delas esse mundo de fantasia?

Eliane Corrêa de Oliveira, São João Del Rey – MG

Marina: Acho importantíssimo. Às vezes, porém, uma criança parece estar sonhando acordada apenas porque não tem poder de concentração. Isso pode ser temperamento ou pode ser um problema. A capacidade de atenção, hoje, é estudada dentro da química cerebral. As fronteiras são tênues, e o bom educador, com sua dedicação e seu afeto, pode contribuir para descobrir-lhes os limites.

9. Como sensibilizar os alunos sobre a importância do tema SONHOS?

Izana Oliveira Coutinho, Carapebus – RJ

Marina: Os alunos - as crianças - não precisam ser sensibilizados para os sonhos, já que ainda estão abertos para eles. Os adultos, ao contrário, é que precisam esforçar-se para manter um pé no universo dos sonhos, sem medo do ridículo, e sem medo de cair lá dentro.

10. Você se acha uma sonhadora?  
Adriano de Oliveira Santos Lago, Uberlândia – MG

Marina: Eu sou uma habitante dos sonhos, com carteirinha, diploma, crachá. E, dito isso, sou muito atenta à realidade, muito lógica, muito consequente. É da soma dos dois que tiro o meu equilíbrio, e faço o meu trabalho.

11. Quem você considera um grande sonhador?

Juliana de Queirós, Ribeirão Preto – SP

Marina: Não tenho a menor idéia. Eu poderia citar os grandes místicos ou os grandes criadores, mas seria leviano, porque nunca pensei nisso, e para fazê-lo agora eu precisaria de definições mais claras, até mesmo do nosso conceito de sonho.

12. Você acredita em sonhos impossíveis ou eles só acontecem nos livros e no cinema?

Ana Vitória Rezende P. Gonçalves, Goiânia – GO

Marina: A impossibilidade existe, uma vez que não existe vida eterna terrena. Os sonhos costumam ser mais impossíveis, até por isso os chamamos sonhos. Mas é, assim, tantas vezes impossíveis, que eles nos alimentam, equilibrando as asperezas da realidade.

13. Você já escreveu algum livro ou conto baseado em algum sonho que você teve?

Itália Stefanon, Conceição de Macabu – RJ

Marina: Não. Para escrever, uso outro tipo de sonhos, os que eu busco, acordada.

14. O que você acha desses romances de jornaleiro, que vendem histórias melosas em que a heroína sempre é salva por um "príncipe", e dessas revistas que focalizam gente famosa em suas casas e viagens suntuosas?

Genuíno Ferreira, São Paulo – SP

Marina: Os romances melosos, mais conhecidos como cor-de-rosa, têm uma função. Não à toa existem há vários séculos, e há vários séculos fazem sucesso. São livros que não têm nada a ver com literatura, mas têm a ver com fantasmas românticos. Servem, justamente, para fantasmarm. É provável que muitas pessoas usem as revistas a que você se refere também para isso, "viajando", imaginariamente, em casas e viagens impressas a cores.

15. Você morou no Parque Lage, no Rio de Janeiro, em um verdadeiro castelo. É uma mulher bonita, inteligente, educada, bem-casada, com sucesso profissional e pessoal. Sua vida é um sonho?

Maria José Guerra Telles, Rio de Janeiro – RJ

Marina: Não, Maria José. Minha vida talvez pareça um sonho, vista assim, de longe. Digamos que a ossatura da minha vida dá um bom cabide de sonhos alheios. Mas espero que o que eu escrevo, minha poesia e meus contos, sejam mais consistentes e revelem uma vida lentamente construída, erguida, com consciência, palavra a palavra.

"Sempre ansiamos por visões de beleza, sempre sonhamos com mundos desconhecidos."

MÁXIMO GORKI 1868-1936. Escritor russo



"Eu nunca fiz senão sonhar.  
Tem sido esse, e apenas  
esse o sentido da minha  
vida."

FERNANDO PESSOA

# FERNANDO O POETA QUE SONHA

## MADALENA VAZ PINTO

O poeta é um sonhador.  
Sonha tão completamente  
Que chega a fingir ser outros  
Aquele que é ele somente.

Paródia ao poema Autopsicografia

Um poeta existe através da linguagem de seus versos. Fernando Pessoa, poeta que inventou poetas, existe através de uma multiplicidade de linguagens. "Escravo da multiplicidade desipróprio", fragmentou-senuma pluralidade de vozes a que deu o nome de heterônimos<sup>1</sup>: "Sinto-me múltiplo. Sou como um quartocominumerosespelhosfantásticosquetorcem parareflexõesfalsasumaúnicaanteriorrealidadeque nãoestáemnenhumaeestáemtodos". A encenação resultou tão bem que nos esquecemos que Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares só existem enquanto "seres de papel".

Integrante de uma geração que assistiu à Primeira Guerra Mundial e ao desmoronar da visão positivista da história, Pessoa experimentou também a frustração de criar uma linguagem que Portugal, ainda preso a uma estética naturalista, estava impossibilitado de absorver. Esses fatores contribuíram para que se sentisse estrangeiro em seu país "como em toda a parte", e procurasse na invenção de outros "eus" uma saída para a sua solidão: "com uma tal falta de gente coexistível como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos, ou, quando menos, os seus companheiros de espírito?"

À desconfiança lançada sobre a consciência como fundadora do sujeito, opôs a metafísica das sensações: "a única realidade para mim são as minhas sensações" e introduziu em sua poesia o desafio de "sentir-tudo-de-todas-as-maneyras".

Sobre esse jogo, de que os heterônimos são a expressão mais refinada, escreveu Pessoa: "(...) é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer deles pus um profundo conceito da vida, diverso em todos os três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir".

A sensação de mistério, de estranheza em relação a todas as coisas é o que de mais concreto existe na poesia de Fernando Pessoa para quem real e irreal se equiparam. A questão verdade-fingimento é assim uma falsa questão, já que para o poeta é tão irreal a vida "verdadeira" como a inventada pelos seus versos:

"Temos todos duas vidas:

A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,  
E a que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;  
A falsa, que é a que vivemos em convivência com os outros,  
Que é a prática, a útil,  
Aquele em que acabam por nos meter num caixão."

ÁLVARO DE CAMPOS

A multiplicidade não serviu para o afastar de sua angústia, antes lhe deu formas diferentes de falar dela através de palavras-sensações – anseio, nostalgia, tédio, mistério, saudade – presentes em toda a sua poesia.

A uma realidade dinâmica, múltipla e oscilante, Pessoa respondeu expondo as várias vozes que coexistiam dentro de si. No entanto, essa festa da fragmentação é aparente, já que o que dela se depreende é a nostalgia de uma unidade impossível. É esse o sentimento que seus poemas nos transmitem, um sentimento de falta insanável, de algo irremediavelmente perdido:

"Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo."

Tabacaria  
ÁLVARO DE CAMPOS

Nos poemas em que "sonha", seu sonho não funciona como evasão ou desejo, mas como reconhecimento do desajuste entre o que poderia ter sido e a saudade do que nunca foi:

"Tive grandes ambições e sonhos dilatados – mas esse também esteve o modo de fretes ou costureira, porque sonhei em toda a gente: o que nos diferencia é a força de conseguir ou o destino de se conseguir conosco."

Livro do Desassossego





# PESSOA FOU SER VÁRIOS



Perder-se no labirinto pessoano é aceitar um sujeito fragmentado que nos diz da impossibilidade de ser uno. É esse o sentido fundamental de toda esta encenação onde heterônimos e ortônimo partilham do mesmo estatuto de legitimidade ficcional.

O desafio é abdicar da procura de uma coerência e aceitar como intencional a contradição de suas vozes: a apologia do não-pensamento em Caeiro; a encenação no mergulho das sensações em Álvaro de Campos; o espetáculo da abdicação de viver em Ricardo Reis; a paralisia pela memória do que nunca existiu em Pessoa ortônimo:

"Eu já não sou quem era;  
O que eu sonhei, morri-o; E até do que  
hoje sou  
amanhã direi, quem dera  
Volver a sê-lo!"

Como escreveu Otávio Paz, nada existe de extraordinário na vida de Fernando Pessoa; nada, exceto seus versos. Terá Pessoa sonhado que com eles iria conquistar o mundo?

"Em quantas mansardas<sup>2</sup> e não-mansardas  
do mundo  
Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos  
sonhando?  
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas—  
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas—  
E quem sabe se realizáveis,  
Nunca verão a luz do sol real nem acharão  
ouvidos de gente?  
O mundo é para quem nasce para o conquistar  
Enão para quem sonha que pode conquistá-lo,  
ainda que tenha razão."

Tabacaria  
ÁLVARO DE CAMPOS

## NOTAS:

1. Heterônimo: nome imaginário que o autor dá a certas obras suas, atribuindo a esse(s) autor(es) por ele criados qualidades e tendências literárias próprias, individuais, diferentes das suas.

2. Mansarda: água-furtada, sótão.

MADALENA VAZ PINTO é professora de Literatura Portuguesa da PUC-Rio.



ARTE SOBRE ILUSTRAÇÕES DE JÚLIO POMAR (1926, Lisboa)

Um dos mais importantes nomes das artes plásticas em Portugal privilegia o retrato como temática, inclusive expressivas obras inspiradas em artistas e escritores (Baudelaire, Poe, Mallarmé e, claro, Pessoa). Participou em numerosas exposições coletivas, como a do Pittsburg Carnegie Institute, em 1964, as Bienais de São Paulo de 1953 e 1985 e a exposição "Fernando Pessoa" no Centro Georges Pompidou, em Paris (1984).



# ELA NÃO SABE SO

## LÍCIA MANZO

“Não sei se é o sonho que me faz escrever, ou se o sonho é o resultado de um sonho que vem de escrever”

CLARICE LISPECTOR, Um sopro de vida

Entre as muitas acepções da palavra sonho, está a de aspirar ou desejar algo veementemente. Ao aspirar pensar o texto de Clarice Lispector a partir da palavra sonho, de imediato me vem à cabeça a idéia seguinte: Clarice, em cada um de seus livros, sonhava, aspirava, projetava e desejava ardentemente conhecer e vislumbrar a si mesma.

Usando a própria ficção como forma de auto conhecimento e auto descoberta — processo que explicitará progressivamente ao longo da vida —, Clarice escreve repetidas vezes para desdobrar situações presentes, reevocar situações passadas, ou projetar situações futuras.



CLARICE LISPECTOR / DIVULGAÇÃO

Em cada um de seus romances nucleares, é possível perceber este movimento:

O sonho e o desafio de liberdade proposto por Joana, a protagonista de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, de 1944. Assim como Clarice, Joana casa-se com um jovem advogado para, em seguida, entregar-se ao projeto de desconstrução do próprio casamento e à reconstrução de sua individualidade: “Como ligar-se a um homem senão permitindo que ele a aprisione? Como impedir que desenvolvas sobre seu corpo sua alma suas quatro paredes?”

A consumação da própria separação, dezesseis anos depois, aparece projetada em *Martim*, protagonista de *A maçã no escuro*, publicado em 1961. A reeducação existencial a que *Martim* se entrega, o reaprender a caminhar sobre as próprias pernas, a redefinição de metas e sentidos de vida, o sonho de reencontrar-se consigo mesmo: “Corajosamente fizera o que todo homem tem que fazer uma vez na vida: destruí-la. Para reconstruí-la em seus próprios termos”.

A afirmação de sua própria singularidade e a comunhão com o lado selvagem da vida, consumadas em *A paixão segundo G. H.* e desdobradas em *Água Viva*. Em ambos os livros, Clarice aspira a uma existência — para a própria ficção e para si mesma — tanto menos convencional quanto mais liberta. *G.H.* e *Água Viva* são os livros “estranhos” que surgem em resposta às aspirações dessa escritora igualmente esquerda. Ambos escapando a classificações (seriam romances?/ fragmentos?/ trechos autobiográficos?/ poesia?), assim como Clarice, que igualmente se esforçava para fugir delas, rejeitando o rótulo de “escritora” e chegando a ponto de afirmar: “Nos últimos tempos, perdi o jeito de ser gente. Não sei mais como se é”.

Mas se ao longo do caminho percorrido — de *Perto do coração selvagem* a *Água Viva* —, Clarice consegue deixar para trás seus sucessivos papéis de mulher/ esposa/ dona-de-casa/ escritora e, até mesmo, “gente”, chegando a ponto de afirmar: “Eu sou um ‘isso’ (...) sou uma

respiração (...) sou uma pergunta”, a que então poderia ela aspirar a partir dali? A que “sonho” ou desejo Clarice Lispector se entregaria deste ponto em diante?

Em janeiro de 1977, Clarice concedia à TV Cultura uma entrevista na qual falava de seu novo trabalho:

“É a história de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente. Mas a história não é só isso não. É a história de uma inocência pisada. De uma miséria anônima.”

Ao ser perguntada sobre o título de seu novo romance, Clarice limitou-se a responder: “São treze nomes, treze títulos”. De fato, na folha de rosto do livro, encontramos os treze títulos cogitados por ela, entre eles: *A hora da estrela* ou *Saída discreta pela porta dos fundos*.

No ano em que escreve *A hora da estrela* — romance que pode ser considerado o seu réquiem —, Clarice preparava-se para sair de cena. Materializando um fastio, ou uma desesperança profunda — com seu país, consigo mesma, com a própria linguagem —, Clarice constrói uma obra sobre alguém à margem: de seu país, de si próprio e de sua linguagem. Alguém à margem da própria idéia de sonho. A este seu último personagem, Clarice o batizaria de *Macabéa*:

“*Macabéa* nunca tinha tido coragem de ter esperança (...) Não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro (...) A única coisa que queria era viver. Não sabia pra que, não se indagava.”

O segundo personagem central do livro é *Rodrigo S.M.* — alter ego explícito e declarado de Clarice — um escritor que tenta adivinhar os sonhos e as aspirações íntimas de *Macabéa*, personagem que, segundo seu autor, mais parece “oco de sentimentos”. Como se aspirasse compreender através da nordestina — que em sua miséria e ignorância mal consegue pisar com os dois pés no território da linguagem — o seu próprio fastio diante da palavra, e sua própria descrença em atingir o “it” (para usar o modo como Clarice costumava chamar), ou o



# SONHAR

# A ARTE DE SONHAR



DIVULGAÇÃO

núcleo, o essencial, o âmago. Rodrigo/Clarice, em *A hora da estrela*, anota: "Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo".

Macabéa é a que não sabe sonhar. Segundo Rodrigo/Clarice, seus sonhos eram vazios porque lhes faltava "o núcleo essencial de uma prévia experiência de êxtase – digamos". Em seu último livro, Clarice aspira à sua própria saída de cena, e sua própria morte aparece desenhada nos passos de Macabéa, que morre atropelada por um carro de luxo ao sair de uma cartomante. Em 09 de dezembro de 1977, poucos meses após a publicação de *A hora da estrela*, morria Clarice Lispector, vítima de câncer. Nas páginas de seu último livro, através de Rodrigo S. M., ela se despede:

"Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela porta dos fundos."

LÍCIA MANZO é mestre em literatura brasileira pela PUC/Rio e autora do ensaio *Era uma vez: Eu – a não-ficção* na obra de Clarice Lispector (UFJF/2002), indicado para o Prêmio Jabuti do mesmo ano. É roteirista de cinema, teatro e TV.

## AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Dizem os antigos:

- é preciso sonhar

para que o real se realize.

Então, desesperado, sonho industrial nos fornos altos do dia, e à noite sou o tecelão sozinho fiando um sonho novo.

Sonhar é ciência que requer estudo. Escolar releio o mundo e sonho com a história e o povo.

- Há um inquilinato dos sonhos? Desconfio, pois há quem se instale no sonho alheio, e aí reside até que venha o despejo ou desmonte.

- Há uma engenharia dos sonhos? Suponho, porque há quem levante os escombros do sonho alheio e o habite.

- Sonhamos alto? Sonhamos pouco? Exercitamos o inconsciente dos gregos numa olimpíada de loucos?

- É o sonho um palco improvisado com cenários e atores convidados?

- Ou um afresco de cascada urgindo restauração num convento de desejos recalçados?

- É o sonho um trompe-l'oeil, onde quem está fora está dentro e quem está dentro está por fora confuso e louco?

- Como proteger o sonho em caixa-forte contra gazuas e assaltos, e como evitar que nas ruas escape do tiro e morte?

Aprendamos com os antigos muçulmanos, essa raça acostumada a cavalgar no pêlo das miragens plantando oásis no seco céu da boca dos camelos:

- quando o sol do dia se transforma em flor de fogo, se deitam em alucinados tapetes na aragem

evão abrindo seus desejos sob o feltro das tendas e sombreando o seu deserto de imagens.

Nahoradocombate como sonhavam os generais antigos!

Um delessonh outão forte, quem um sonho fez o exército

atravessar o rio.

- e surpreender o inimigo adormecido.

Sabiam que uma guerra não se ganha só com lanças e gritos

- mas com sonhos ativos. Em tendas opostas punham-se a sonhar, de monte a monte, num tropel de imagens desesperadas até que a madrugada jorrasse seus clarins nas cores da alvorada.

Os muçulmanos antigos sonhavam e destituíam políticos. Sonhavam e libertavam os amigos. Sonhavam e pagavam dívidas. E houve uma cidade que de tanto sonhar inteira, inteira se libertou.

Então me indago sobre que sonhará meu povo, se sonha pouco o meu povo, se sonha,

o meu fraco povo.

Penso:

vai ver que sonhamos certo e errada é a interpretação Ou será que sonhamos sonhos que não têm realização?

Déspotas!

Melhor não rir dos sonhos do poeta, que um deles, estando preso após compor uma epopéia sobre um exército de macacos

foi libertado por sua armada imaginária que convertendo o velho sonho num real novo invadiu o reino e a torre

e o arrebatou

para o convívio simples de seu povo.

(QUE PAÍS É ESTE? ED. ROCCO. RIO DE JANEIRO, 1992, 4ª EDIÇÃO)



# MAGIA EM



## ALBERTO GUZIK

Respostas do nosso inconsciente a anseios ancestrais, diálogos do espírito com a realidade, os sonhos rondam a arte desde que os homens começaram a expressar por meio dela suas angústias, indecisões, dúvidas e desejos. As imagens e tramas que se desvelam no mundo dos sonhos povoam a literatura, e, como não poderia deixar de ser, a literatura dramática. Sonhos premonitórios estão listados em todos os épicos, desde a Ilíada e a Odisséia até o Mahabharata. Estão presentes também na Bíblia e desempenham papel crucial na história de José. Muito antes que os psicanalistas se apossassem do material dos sonhos como ferramenta para entender melhor a natureza humana, artistas de todos os continentes já haviam expressado em verso ou prosa sentidos, imagens e histórias arquitetadas em sonho.

No teatro, entre inúmeras peças provocadas ou inspiradas por sonhos, podemos listar três obras-primas: *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare, *A vida é sonho*, de Calderón de Barca e *O sonho*, de August Strindberg. Não por coincidência, são três fábulas, obras não-realistas que se passam em terras de fadas, em reinos distantes, ou que envolvem filhos de deuses. Nas três, o universo onírico ganha diferentes abordagens e revela ao público, pela mão de artistas magistrais, verdades candentes sobre a condição humana e a dor que implicam sua fugacidade e seus dolorosos limites.

Dessa visão soturna não está livre nem mesmo a mais luminosa e alegre das três obras, *Sonho de uma noite de verão*. Escrita na juventude de Shakespeare, é uma comédia repleta de ação, que envolve quatro casais, os sobrenaturais Oberon e Titânia, os aristocráticos Teseu e Hipólita, e os burgueses Hérnia, Helena, Lisandro e Demétrio. Na trama, situada em um bosque próximo de Atenas, o rei das fadas, Oberon, briga com Titânia, sua rainha, e vinga-se dela fazendo-a apaixonar-se por Bottom, um tosco artesão, ator amador, ao qual, por chacota, é aposta uma cabeça de burro.



# TRÊS ATOS

Ao mesmo tempo, o rei de Atenas, Teseu, prepara-se para casar com Hipólita, rainha das amazonas. E os rapazes Lisandro e Demétrio estão apaixonados ambos por Hércia, o que torna a vida da garota um inferno, atormentando também Helena, que ama Lisandro e foi por ele abandonada. Ao longo de uma noite na qual as entidades sobrenaturais surgem por todo canto, os amantes perdem-se e se perseguem em meio a denso nevoeiro, em um bosque mágico. Os eventos sucedem-se a galope, orquestrados por Oberon e por seu astuto ajudante, o duende Puck.

Além das tramas amorosas, a peça comporta uma saborosa sátira ao teatro, protagonizada por atores amadores, artesãos de Atenas, cujo líder é Bottom, e que representam de modo hilário, no casamento de Teseu e Hipólita, a trágica história de amor de Píramo e Tísbe. A peça tem um lirismo arrebatador, e de certa forma é o oposto de Romeu e Julieta, pois aqui as histórias de amor têm final feliz. Menos a de Píramo e Tísbe, claro. Mas essa é incluída na trama de forma brincalhona, farsesca. Ainda assim, tem a função de lembrar, dentro da mais otimista das comédias de Shakespeare, que seres humanos, mesmo quando protegidos pela fortuna e pelas benesses do amor, são na verdade joguetes do destino, de forças que desconhecem.

Exatamente a mesma visão, expressada porém de modo mais sombrio, impregna *A vida é sonho*, de Pedro Calderón de la Barca, que foi, ao lado de Lope de Vega, o maior nome do Século de Ouro espanhol. A trama, situada na Polônia, narra a história de Segismundo, príncipe aprisionado desde que nasceu pelo pai, o supersticioso rei Basílio, que teme o cumprimento de profecias que vaticinavam que a criança se transformaria em um cruel tirano. Sentindo-se velho e próximo da morte, Basílio resolve soltar Segismundo por um dia e permitir que ele reine. Criado como uma fera e solto de repente, sem nenhum preparo, Segismundo revela-se tão violento que é aprisionado de

novo, adormece e acorda convencido de que viveu um sonho.

Mas no país estoura uma revolta que tira o velho Basílio do trono. Os populares rebelados exigem que Segismundo seja coroado rei. Ao ver-se de novo no trono, o príncipe pergunta-se se não voltou a sonhar. Mas agora, senhor de si mesmo, consciente de que pode fazer tanto o bem quanto o mal, escolhe perdoar o pai e iniciar uma etapa de concórdia e harmonia no reino. Na metade da peça, ao fim do segundo ato, Calderón coloca na boca de Segismundo uma das mais belas falas já escritas para teatro. Depois de ser solto pela primeira vez e de novo encarcerado, o príncipe pergunta-se "O que é a vida? Uma loucura. O que é a vida? Uma ilusão, uma ficção, uma sombra. E o maior dos bens é o menor de todos; pois que toda a vida é sonho, e os sonhos, sonhos são". Há também uma intriga de amor na peça. Rosaura, que chega ao reino disfarçada de homem, vai apaixonar-se por Segismundo.

Shakespeare (1564-1616) e Calderón (1600-1681), por breve período, foram contemporâneos, e as obras de ambos refletem tanto o ambiente cultural quanto as lutas políticas e religiosas da Renascença, ainda que vistas por ângulos opostos, pois Espanha e Inglaterra eram desde meados do século 16 inimigas fúteis. A terceira obra que nos leva ao mundo onírico, já no século 20, é *O sonho*, de August Strindberg (1849-1912). Nesse texto o autor não leva o público para terras de fadas ou para regiões distantes. O drama, escrito em 1901, situa-se em uma cidade como as que conhecemos, em um tempo próximo daquele em que a peça foi escrita.

O sonho era considerado pelo próprio Strindberg como uma de suas obras-primas. Nesse vasto painel da sociedade moderna, Agnes, a filha do deus Indra, desce à terra contra a vontade do pai para conhecer o fado destinado aos humanos. Será uma longa peregrinação a sua, semeada de dores e sofrimento. Entrará em contato com as hierarquias, as injustiças, as

doenças, a miséria. Conhecerá também o prazer e a arte, mas o lote de desgraças vai superar em muito as poucas graças colhidas. Carregada de simbolismo, com cenários complicadíssimos, que se prestam muito mais ao cinema que ao teatro (há até mesmo, contra um fundo formado por um muro feito de rostos humanos enlutados, desesperados, um castelo em chamas do qual brota um gigantesco crisântemo), *O sonho* é uma viagem cética e descrente. Da qual Agnes vai livrar-se, graças à sua condição de filha de deus, entrando naquele castelo em chamas. Embora escrita há mais de cem anos, é uma peça que fala ainda, com eloquência impressionante, de problemas com os quais convivemos todos os dias. *Sonho de uma noite de verão*, *A vida é sonho* e *O sonho* são textos obrigatórios na estante de qualquer amante do teatro. Provas palpáveis da riqueza que a terra dos sonhos guarda para aqueles que a exploram com engenho e gênio.

ALBERTO GUZIK é escritor, jornalista e crítico teatral. Entre seus livros estão: *O que é ser Rio, e correr?* (Iluminuras) e *Risco de vida* (Globo).



[www.leiabrasil.org.br](http://www.leiabrasil.org.br)

Um encontro marcado com  
os maiores escritores da  
Língua Portuguesa.



# SONAMB

CHARLES FEITOSA

"I'm wide awake  
I'm wide awake  
Wide awake  
I'm not sleeping - oh, no, no..."

U2, Bad

O sonho é a matéria a partir da qual é feita uma grande parte das questões da filosofia: De onde vêm os sonhos? Qual a sua função? Como interpretá-los? Como diferenciar o sonho da realidade? Os antigos (egípcios, babilônicos, assírios) acreditavam que os sonhos eram mensagens dos deuses, funcionando como alertas ou profecias. Mas desde seus primórdios a filosofia grega já suspeitava que a origem dos sonhos estava no próprio homem. Aristóteles (384-324 a.C.), por exemplo, escreveu um pequeno ensaio intitulado Sobre a arte de adivinhar através dos sonhos (ca. 350 a. C.). Nesse texto ele procura refutar a origem divina dos sonhos sugerindo que os deuses prefeririam muito mais revelar suas verdades a um homem em vigília, em pleno exercício das suas funções racionais, do que a um ser em um estado inferior (dormindo, quiçá roncando). Além disso como explicar os sonhos dos animais? Aristóteles foi o primeiro a constatar através dos movimentos dos olhos sob as pálpebras (fenômeno mais tarde identificado pela ciência moderna como REM: rapid eye movements), que cães de caça também sonhavam. A argumentação aristotélica promove uma pequena revolução copernicana na investigação filosófica sobre a origem

dos sonhos, deslocando o foco do exterior (deus) para o interior: as percepções sensíveis e as atividades da faculdade da imaginação.

Embora a filosofia antiga contestasse a divina dos

sonhos, estes eram quase sempre considerados como o oposto do verdadeiro e do real, sendo frequentemente mencionados juntamente com a loucura e a embriaguez como estados temporários de suspensão da racionalidade. Mas se o homem é um animal que se distingue dos outros justamente por causa da sua racionalidade, então ainda somos nós mesmos (seres humanos) enquanto sonhamos? Agostinho (354-430 d.C.) faz essa angustiada pergunta em seu relato autobiográfico As confissões (397-401 d.C.) ao perceber que no sonho sua racionalidade falhava em controlar seus desejos: "Meu Deus e Senhor, será que eu já não sou eu no sonho? E por que tanta diferença dentro de mim mesmo, quando passo da vigília para o sono e vice-versa? Onde está nesse momento a razão que resiste a tantas tentações quando estou acordado? Ela se fecha junto com os olhos? Dormes simultaneamente com os sentidos corporais?" (Livro X, 30).

Serão mesmo tão diferentes o Eu que dorme e o Eu que está desperto? Não serão o sono e a vigília apenas estados diferentes do mesmo Eu? E se for assim, então como distinguir um estado do outro? Para Schopenhauer (1788-1860) talvez o único critério disponível para distinguir o sonho da vida cotidiana seja a conexão contínua dos fatos segundo a lei de causa e efeito nessa última: "A vida e o sonho são páginas de um mesmo livro. A leitura continuada chama-se vida real. Mas quando a hora habitual da leitura (odia) chega a seu termo e chega o tempo do descanso, então, às vezes continuamos ainda, fracamente, sem ordem e conexão, a folhear aqui e acolá algumas páginas: às vezes é uma página já lida, muitas outras vezes uma outra ainda desconhecida, mas sempre do mesmo livro" (O mundo como vontade e representação [1818], I, §5). Isso quer dizer que se sonhássemos todas as noites o mesmo sonho então não haveria mais garantia nenhuma da distinção. O filósofo francês Pascal (1623-1662) acreditava que se um artesão sonhasse todos os dias durante 12 horas ser um rei, viveria feliz no mesmo grau e intensidade que um rei que sonhasse todos





# ULANDO



"SONHO", XILOGRAVURA DE M. C. ESCHER, 1935

os dias durante 12 horas ser um artesão (Cf. Pensamentos sobre Religião [1670], 20).

Talvez o filósofo que mais tenha se ocupado dos sonhos tenha sido Nietzsche (1844-1900). Muito antes de Freud publicar sua Interpretação dos Sonhos (1900) o pensador alemão já desconfiava que as vivências oníricas tinham seu fundamento em desejos e impulsos insatisfeitos: "nossos sonhos podem ter o sentido de compensar a falta de nutrição [dos desejos] durante o dia" (Aurora [1881], §119). Para Nietzsche, a força em nós que gera as imagens oníricas é a mesma que faz nascer as metáforas e a arte em geral. Precisamos dos sonhos (e da arte) para não sucumbir às verdades absolutas que nos cercam. Enquanto sonhamos estamos momentaneamente livres da lei da causalidade que cerceia nossos atos, enquanto sonhamos estamos mais próximos daquilo que constitui o mais próprio da nossa existência: o devir livre das interpretações na forma de um acaso cruel e multicolorido. Se são as conexões de causa e efeito que nos dão segurança acerca do real, então toda vez que os elos dessa cadeia são rompidos através do êxtase dos corpos, seja nas artes, nos esportes, nas festas ou no amor, somos como que levados a nos sentir em um sonho. Nesses momentos o princípio da causalidade parece ser apenas uma invenção, uma aparência de ordem no caos. Por isso Nietzsche prefere colocar em dúvida a fronteira absoluta que separa o real do sonho, a diferença é apenas de intensidade. Para Nietzsche, é preciso aprender a viver tal como se sonha: "A gente não sonha nada ou sonha de um jeito interessante. Será preciso aprender a ficar acordado da mesma maneira: ou nada ou de um jeito interessante" (Gaia Ciência [1882], §232).

O desafio da filosofia depois de Nietzsche é ser capaz de pensar os sonhos sem destruí-los através da análise e da reflexão. Qual seria a aparência de um discurso sobre o sonho que permanecesse nele mesmo onírico? Talvez a filosofia tenha que se aproximar ainda mais da arte (da música, da dança, da literatura,

do cinema etc.) para realizar essa tarefa. Um discurso que respeitasse o sonho deveria se mostrar como uma espécie de "sonambulismo": que dorme, mas caminha; que sonha, mas age; que está livre, mas ainda pensa. Uma filosofia que soubesse atender o apelo de Clarice Lispector (1920-1974) em A paixão segundo G.H. (1964): "Dorme comigo acordado, só assim poderás saber de meu sonho grande e saberás que é o deserto vivo".

CHARLES FEITOSA é doutor em Filosofia pela Universidade de Freiburg i. B./ Alemanha. Professor adjunto na área de Estética da Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO. Co-organizador do Simpósio Internacional de Filosofia Assim Falou Nietzsche. [charles@bridge.com.br](mailto:charles@bridge.com.br)

"Durmo. Se sonho, ao despertar não sei  
Que coisas eu sonhei.  
Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto  
Para um espaço aberto  
Que não conheço, pois que despertei  
Para o que inda não sei.  
Melhor é nem sonhar nem não sonhar  
E nunca despertar"

FERNANDO PESSOA, 1888 - 1935. Considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, escrevia também em outros idiomas como francês e inglês.

"LÍMITE CIRCULAR IV (CÉU E INFERNÃO)", XILOGRAVURA DE M. C. ESCHER, 1960 / DETALHE



# SONHOS ER



## REGINA NAVARRO LINS

Entre as acepções da palavra “sonho”, está o desejo idealizado e o fenômeno psíquico que ocorre durante o sono. Se acrescentarmos o adjetivo “erótico”, ainda podemos manter as palavras juntas em ambas as acepções. É humano sonhar com sexo, acordados ou não. Em sua notável obra *A interpretação dos sonhos*, Freud os considera expressões de nossos desejos. Ele chega a afirmar que “quanto mais nos empenhamos nas soluções dos sonhos, mais somos levados a reconhecer que a maioria dos sonhos dos adultos refere-se a material sexual e dá expressão a desejos eróticos”.

Voltaremos a ele, mas antes vamos examinar alguma literatura sobre os sonhos eróticos. A história humana está cheia de exemplos sobre como eles são reprimidos ou mitificados, conforme o caso. Iniciemos com a Bíblia: Provérbios 23:7 nos diz que: “como imagina em sua alma - assim você é. Se enchamos nossa cabeça durante nossas horas de consciência (quando estamos acordados) com pensamentos pecaminosos, isso vai contribuir para que tenhamos sonhos eróticos. Os sonhos não são pecado, mas os pensamentos que nos permitimos ter ou experimentar enquanto estávamos acordados podem ser”. O livro das três religiões não se atreve a associar sonho erótico e pecado, simplesmente. Faz-se necessário que alimentemos esses delírios noturnos “quando estamos acordados”.

Ou seja, a Bíblia concorda com Freud: se pensamos acordados, é porque desejamos, e se desejamos, sonhamos. Sonhos eróticos sem pensamentos despertos implicariam um complexo fenômeno, que talvez envolva o próprio demônio, ainda segundo essa leitura.

Durante os sonhos, somos todos potencialmente livres e inimputáveis, uma vez que não temos controle sobre o que sonhamos. O onírico, por essas características, nos livra do jugo das instituições, sejam elas governamentais ou religiosas, e ainda morais ou éticas.

O sonhar é, portanto, revolucionário e o sonhar erótico, um desejo de revolução do prazer.

A esta altura talvez as acepções acima descritas hajam se amalgamado. Sonhos eróticos, quando estamos despertos ou dormindo, ocupam lugar importante na psiquê humana. São sinais de nossa sanidade ou de nossas dificuldades. Elevam ou destroem nossa auto-estima. Eros impera de olhos muito abertos.

Se observarmos com distanciamento, verificamos que a publicidade se baseia em grande parte em sonhos eróticos. Produtos fazem a intermediação entre objetos sexuais humanos e o consumidor. Mas a própria narrativa dos filmes publicitários é baseada no sonho. Só a força do onírico conduz o homem comum ao volante do automóvel veloz onde o aguarda a modelo sorridente. Os sonhos fazem parte do cotidiano das pessoas, sejam de forma sublimada ou não.

Quase todas as pessoas têm fantasias sexuais. Existem as que não sentem muito prazer, e até mesmo são incapazes de atingir o orgasmo sem recorrer a elas. Com as fantasias, a vida sexual ganha uma diversidade que seria impossível no dia-a-dia. Por mais que exista grande atração entre um casal, a excitação não se dá sempre da mesma forma, tem altos e baixos. Lançar mão desse recurso funciona, muitas vezes, como estimulante para se recuperar a intensidade do desejo. E a variedade é grande: cenas, lugares, pessoas, podendo ser, em alguns casos, sobre um parceiro mais desejável do que aquele com quem se está fazendo sexo.

A grande vantagem das fantasias é poder inventá-las da maneira que se quiser. Cada um é dono do seu próprio espetáculo: decide o elenco, o argumento, a direção, a edição, os ângulos de câmera e os efeitos especiais. Além disso, não há motivos para se preocupar com críticas negativas ou censura: você é a única pessoa que poderá ver as suas fantasias sexuais. Contudo, nem todos se sentem tranquilos dando asas livremente à imaginação. Muitos



# ÓTICOS

se culpam e se envergonham de suas fantasias, jamais as revelando para alguém. Por que é tão difícil aceitá-las naturalmente?

As fantasias são geralmente associadas à idéia de desvio sexual, gerando forte sensação de inadequação. Fantasias o que não é aceito socialmente — relações incestuosas, homossexuais, sadomasoquistas etc. — ameaça pelo temor de que acabe se tornando realidade. Para a grande maioria, o dia-a-dia é regido por regras de comportamento e elas tendem a se enquadrar nos padrões aceitos. Nas fantasias todas as convenções são reviradas, de forma a surpreender até mesmo no meio de um dia de trabalho. Numa empresa, por exemplo, um assessor de confiança pode, ao ser apresentado à mulher do seu chefe, imaginar estar agarrando-a pelos cabelos e forçando-a a fazer sexo com ele em cima da mesa. E um heterossexual convicto pode fantasiar estar transando com o entregador de bebidas, bonito e musculoso, que bateu à sua porta.

Num estudo da universidade americana de Colúmbia, o psicanalista G. Fogel afirma que virtualmente todos têm fantasias sexuais aberrantes, embora nem sempre conscientes do fato. Ele também admite que elas são tão frequentes nas mulheres como nos homens. A questão é que, como ninguém tem coragem de contar suas fantasias, todos se assustam, pensando que são os únicos a tê-las.

As fantasias mais comuns são sexo grupal, incluindo a idéia de ser observado, fantasias de dominação — ser amarrado e subjugado durante o sexo —, inversão de papéis, relação com pessoas do mesmo sexo, principalmente em lugares inusitados, e parecem existir na mesma proporção para homens e mulheres. Algumas são bastante elaboradas. Um homem descreveu em detalhes a fantasia de ter múltiplas parceiras sempre que fazia sexo com a esposa. Ele imaginava que seis mulheres, uma das quais era sua mulher, estavam na cama com ele, imobilizando-o. Todas disputavam as várias partes do seu corpo, tentando cada uma

proporcionar-lhe mais prazer do que a outra. Uma tímida e recatada secretária também descreveu a sua fantasia de sexo grupal com exibicionismo. Ela relata que se excita ao imaginar estar indo para o trabalho no metrô lotado e que de repente um homem atravessa a multidão e lhe arranca bruscamente a roupa e a amarra no banco, começando a fazer sexo oral com ela. Ele salta na estação seguinte e todos os que permanecem no metrô fazem o mesmo, enquanto ela vai tendo orgasmos consecutivos.

É comum se alimentar a dúvida se as fantasias representam, na verdade, o que temos vontade de fazer. Será que a fantasia de um homem pegando uma mulher à força significa que ele é um estuprador disfarçado? E a da mulher que se imagina com outra mulher? Será homossexual reprimida?

Não me parece possível especificar essas relações e acredito que as fantasias, assim como os sonhos, pertencem justamente a uma área de repouso da experiência humana, livre de explicações racionais. E muito mais prejudicial do que elas acontecerem na realidade é o sentimento de culpa que provocam.

REGINA NAVARRO LINS é psicanalista e sexóloga. Autora de *A cama na varanda* e *Na cabeceira da cama (Rocco)*, entre outros.

“Se alguém se comportasse acordado da mesma maneira como nos sonhos, seria tachado de louco”.

SIGMUND FREUD 1856-1939 Psicanalista austríaco.

“PEIXES DOURADOS”, DE GUSTAV KLIMT, 1901/02





# LIVROS DE

1, 2, 3 e ... Já! Luciana Savaget. Ed. José Olympio. D. Carminha é uma catadora de sonhos que corre o mundo ensinando as crianças a sonhar.

Acamaquesonhava. Carlos Queiroz Telles. Ed. Moderna. Em um sonho de Tônico está a chave do enigma que pode quebrar uma antiga maldição.

A casa feita de sonho. Ricardo Alberty. Ed. Melhoramentos. Nem o vento, nem o mar, nem o fogo poderiam destruir a casa feita com os sonhos do poeta.

Acentopéiaquesonhava. Betinho. Ed. Salamandra. Neste livro, Betinho nos mostra que, sozinhos, podemos muito pouco, mas juntos podemos realizar nossos sonhos.

A hora da estrela. Clarice Lispector. Ed. Rocco. A nordestina Macabea é uma mulher miserável que mal tem consciência de sua existência e que, depois da morte da tia, viaja para o Rio onde acredita que sua hora de brilhar vai chegar.

A interpretação dos sonhos. Sigmund Freud. Ed. Imago. Uma das obras mais importantes do pai da psicanálise. O sonho é, segundo Freud, um fenômeno que revela os processos inconscientes da mente, seus conteúdos reprimidos ou excluídos da consciência como mecanismo de defesa do ego.

A mensagem. K.A. Applegate. Ed. Rocco. Cassie possui poderes muito especiais. Começa a ter sonhos com o mar e a sensação de que alguém lhe pede ajuda.

A portamágica. Haroldo Maranhão. Ed. Scipione. Um grupo de amigos funda uma sociedade secreta para contar histórias fantásticas. O

poder imaginativo é tão grande que os transporta fisicamente para outra dimensão.

A república dos sonhos. Nélida Piñon. Ed. Record. Uma saga sobre os imigrantes que aportaram no Brasil na virada do século, homens e mulheres que deixaram como herança um legado cultural construído com lágrimas, suor e sonhos.

A visita. Ivo Marino. Ed. Scipione. Um menino usa as asas da imaginação para visitar o irmão que se foi.

Além da floresta mágica. Vinicius Caldevilla. Ed. Moderna. Uma mulher, ao bordar seus sonhos num lenço, nem imaginava que, como isso, mudaria o destino de todos.

Astronáutica – do sonho à realidade. Ronaldo Rogério de Freitas Mourão. Ed. Bertrand. A história de quatro décadas de exploração do espaço.



Balançando sonhos. Salvador Barletta Nery. Ed. do Brasil. Como enxergar

a vida de uma forma diferente colocando-se no lugar do outro.

Caçador de sonhos e outros contos da Criação. Ted Hughes. Ed. Cia das Letras.

Deus está ocupado em inventar os animais, e ainda tem problemas com pesadelos constantes. Quem poderá ajudá-lo?

Cadernos dos sonhos. Ana Miranda. Ed. Dantes. Para a autora o sonho é uma espécie de experiência literária. À medida que se interessava pela literatura, se interessava pelos sonhos.

Depapocomanoite. João Anzanello Carrascoza. Ed. Scipione. Um menino levado brinca de sonhar acordado enquanto o sono não vem.

Depende dos sonhos. Stela Maris Rezende. Ed. Miguilim. Os conflitos e fantasias da adolescente Luiza.

Dorminhoco. Cléo Busatto. Ed. Scipione. Bernardo era chamado de Dorminhoco na escola porque adorava dormir e sonhar. E é nos sonhos que ele aprende a se conhecer e a lidar com esta situação.

Escolha seu sonho. Cecília Meireles. Ed. Record. Em pequenos contos, a escritora nos embala em suas recordações, reais ou ficcionais.

Histórias e sonhos. Lima Barreto. Ed. Ática. Um retrato irônico de uma sociedade marcada pelo preconceito e pela hipocrisia.

Madame Bovary. Gustave Flaubert. Ed. Ediouro. A jovem casada que encontra nos livros o ideal romântico e a fuga da realidade.

Não deixe morrer meu sonho. Kalunga. Ed. Miguilim. Os pequenos prazeres, desconfortos, tristezas e alegrias do cotidiano nas lembranças do autor.

O apanhador de sonhos. Truman Capote. Ed. Brique-Book. O Apanhador de Sonhos está com um probleminha: a vizinhança está repleta de sonhos, e eles precisam ser apanhados antes do nascer do sol ou se tornarão realidade.

O carrinho vermelho. Regina Drummond. Ed. Moderna. Quando vão dar um presente, as pessoas pedem que a gente feche os olhos, é que assim os presentes ficam mágicos.

O engenho do fidalgo Dom Quixote de La Mancha. Miguel de Cervantes Saavedra. Ed. 34. Um homem enlouquece, de tanto ler romances de cavalaria, e sai pelo mundo enfrentando monstros e vilões imaginários.

O fantástico mundo da lua. Alexandre Azevedo. Ed. Moderna. Um menino aprende com o pai a como sonhar acordado. Anos mais tarde, esse menino faz o mesmo com o filho.

O feijão e o sonho. Orígenes Lessa. Ed. Ática. Um poeta vive um dilema: como conciliar a necessidade de sustentar sua família e sua alma sonhadora.

O homem bicentenário. Isaac Asimov. Ed. L&PM. Um robô tecnicamente perfeito, dotado de extrema inteligência persegue as fragilidades para tornar-se humano.

O ladrão de sonhos e outras histórias. Ivan Ângelo. Ed. Ática. Doze contos que captam com muita sensibilidade momentos de surpresa, dor, descoberta e esperança na vida de pessoas como nós.

O livro dos sonhos. Jack Kerouac. Ed. L&PM. Uma compilação dos



# CABECEIRA



sonhos do autor símbolo da geração beat.

O *Mágico de Oz*. Lyman Frank Baum. Ed. L&PM. Livro em que se baseou o filme de grande sucesso sobre as aventuras da pequena Dorothy pelo mágico mundo de Oz.

O *mar de Mariana*. Rogério Borges. Ed. Scipione. Mariana encontra uma concha na praia, leva-a para casa e acaba tendo um lindo sonho.

O *mar e os sonhos*. Roseana Murray. Ed. Miguilim. A incansável viagem de um homem pelo mar e pelos próprios sonhos em busca de si mesmo.

O *pequeno papa-sonhos*. Michel Ende. Ed. Ática. Terríveis pesadelos não deixam a princesa Soninho dormir. Como no País do Sono o que importa é dormir bem, o rei sai em busca de uma solução.

O *pesadelo*. R. L. Stine. Ed. Rocco. Toda noite, Maggie tem o mesmo pesadelo. Mas o pior é quando o pesadelo se torna realidade e horríveis acidentes começam a acontecer.

O *príncipe sem sonhos*. Márcio Vassallo. Ed. Brique-Book. Thiago era um príncipe que tinha tudo, por isto não conseguia sonhar.



O *sonhador*. Ian McEwan. Ed. Rocco. Peter tinha um mundo invisível que nem seus pais, nem sua irmãzinha conseguiam entender.

O *sonho da vaca*. Sônia Junqueira. Ed. Ática. Quando uma vaca dorminhoca tem um sono agitado, na certa agita tudo que estiver a seu lado.

O *sonho de Beto*. Iduina Mont'Alverne/ Sylvia de Castro/Tânia Cozzi. Ed. José Olympio. O sonho repleto de fantasia de um menino.

O *sonho dos heróis*. Adolfo Bioy Casares. Ed. José Olympio. Durante três dias e três noites de carnaval, o real e o irreal se fundem para esclarecer o passado do protagonista.

O *veleiro de cristal*. José Mauro de Vasconcelos. Ed. Melhoramentos. Garoto deficiente físico e de saúde precária utiliza o sonho e a imaginação para superar as dificuldades.

O *minutos dentro de uma fotografia*. Ganymedes José. Ed. Melhoramentos. Uma fotografia antiga transporta um casal para a Nova Iorque de 1914, e eles vivem mil aventuras em

apenas oito minutos de sonho.

O *sonhos atribulados de Maria Luísa*. Mario Novello. Ed. Jorge Zahar. Maria Luísa é filha de um físico, que convive intensamente com o ambiente científico. Seus sonhos atribulados misturam emoções e informações científicas.

O *Sandman – o livro dos sonhos*. Neil Gaiman e Ed Kramer. Ed. Conrad Livros. Originados dos quadrinhos, os livros apresentam o personagem mitológico Sandman, responsável pelos sonhos humanos.

O *sonhando Santos Dumont*. Sylvia Orthof. Ed. Salamandra. O livro narra em versos os sonhos de um menino que queria voar e acabou por se tornar o pai da aviação.

O *sonho de Einstein*. Alan Lightman. Ed. Cia. das Letras. O jovem Albert Einstein tem sonhos estranhos, nos quais a noção de tempo é totalmente subvertida.



O *sonho de papel*. Ciro Fernandes. Ed. José Olympio. O que pode sonhar um pedaço de papel largado na rua?

O *sonho de uma noite de verão*. William Shakespeare. L&PM. Em uma noite de verão, jovens mortais têm seus corações atingidos pelas brincadeiras dos seres mágicos

habitantes do bosque.

O *sonho passado ao limpo*. Léo Cunha. Ed. Ática. Em seus sonhos tristes, Isabela era só bela no nome. Espelhos, vindos de todos os lados, mostravam uma imagem que ela não gostava de olhar nem de sonhar.

O *sonhos de galinheiro*. Noemia Sartori Ponzeto. Ed. Códice. Nestor Roberto quer muito se aposentar, comprar um sítio e criar galinhas. Cansado de esperar, decide ter um galinheiro dentro de seu apartamento.

O *sonhos de Ícaro*. Luis Augusto Gouvêa. Ed. Fala Menino. Quadrinhos – O menino Lucas sonha que encontra um amiguinho muito especial, Ícaro

O *sonhos de sonhos*. Antonio Tabucchi. Ed. Rocco. Como poderiam ter sonhado mitos como Rimbaud, Garcia Lorca, Goya, Toulouse-Lautrec e o grande estudioso da interpretação dos sonhos, Freud?

O *sonhos D'Ouro*. José de Alencar. Ed. Ática. Nos tempos do Segundo Reinado, as barreiras sociais impedem a plena manifestação do amor entre Ricardo, jovem bacharel provinciano, e Guida, uma moça da corte, educada à inglesa.

O *sonho e a Fada dos Sonhos*. Daniel Joris e Lilá Joris. Ed. Laurousse Brasil. Peixe-Moinho é uma cidadezinha onde todas as crianças são muito inteligentes, mas, de uma hora para outra, os pequenos não conseguem mais dormir por causa de terríveis pesadelos.

O *Trilogia do sonho (Amor/Vida/Esperança)*. Nora Roberts. Ed. Bertrand. O destino de três mulheres que cresceram como irmãs.

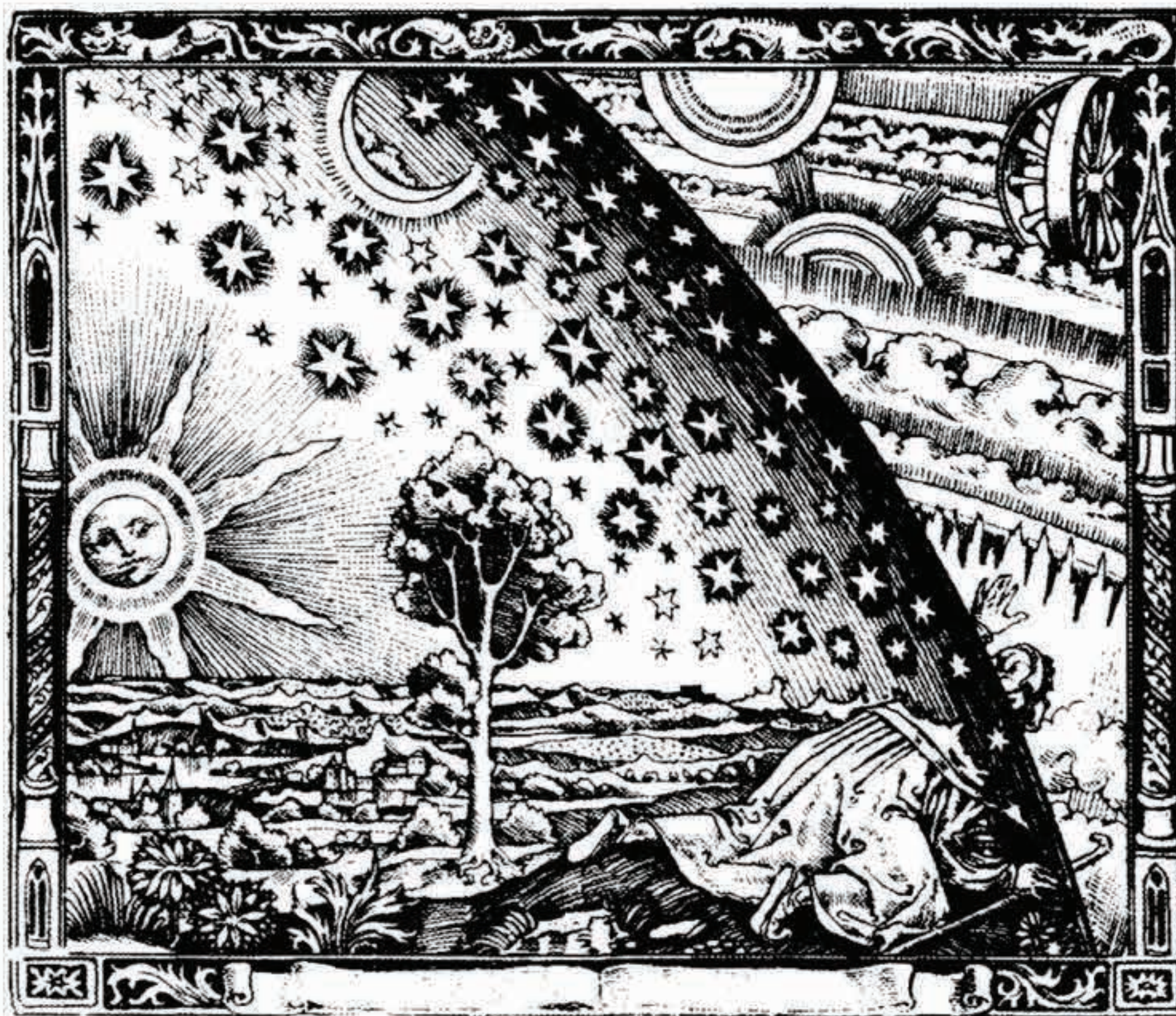


# O LIVRO DO

## JOSÉ DURVAL CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

A moderna neurobiologia aborda o sonho como um tipo de comportamento. Um “comportamento onírico”, melhor dizendo. Descreve-o como um estado paradoxal. Enquanto sonha, o sonhador não dorme, mas precisa dormir para sonhar. Curioso, não? Pois é, a fisiologia nos ensina que o sonho ocorre durante a fase do sono profundo! Caracteriza-se eletroencefalograficamente por um movimento rápido dos olhos, ou seja, uma atividade elétrica cerebral semelhante àquela que se encontra nos estados de vigília, porém, na ausência de atividade muscular. Quando dormimos, entramos em um estado de abolição do interesse pelo meio ambiente e de quase total isolamento dele. Desta maneira, o sono nos leva a uma situação de extraordinária aproximação com aquela do início do desenvolvimento de nossas vidas. Mas, para além da neurofisiologia, o sonho pode ser pensado como uma experiência. Pode-se verificar que o sonho da vigília, também chamado de devaneio e fantasia, é relatado no presente (“eu sonho com..”). No entanto o sonho do sono, por sua vez, é contado no passado (“..tive um sonho..”). Ora, a narração destas experiências e daquelas que vivemos acordados não guardam muita diferença entre si. Algumas histórias de modo intenso, outras leve, umas ricas outras pobres, experiências que podem ser contadas, esquecidas, remendadas, acrescidas, reconstituídas, etc... Então acontecem ao sonhador experimentos que, tanto quanto na vigília, podem marcar, impressionar ou mesmo mudar o curso da sua existência. Não por outro motivo sonho e ficção, dizem, confundem-se com a realidade.

Na época em que Sigmund Freud, no ano de 1900, publica A interpretação dos sonhos, a comunidade científica de Viena reage com descaso. O lançamento de “o



ANTIGO ENTALHE ALEMÃO QUE MOSTRA EZEQUIEL ATRAVESSANDO A REALIDADE MATERIAL DO UNIVERSO PARA O UNIVERSO DE COMPREENSÃO ESSENCIAL. (AUTOR DESCONHECIDO)

livro dos sonhos”, como ele o designava em suas correspondências, marcou também o nascimento da psicanálise. Naquele tempo, um predomínio científico considerava o sonho como sendo destituído de qualquer sentido, não tendo outro valor que não o de um simples resíduo da atividade do corpo ou da mente. De uma exaustiva leitura das publicações da época sobre os sonhos, Freud concluiu que, de sério, havia uns três ou quatro estudos que falavam sobre o traçado do sonhos, outro sobre os significados dos símbolos. A maioria os abordava como premonições ou mensagens de uma significação simbólica única. Que eram mensagens Freud reconhecia. Discordava de que pudessem constituir-se de mensagens semelhantes às que todos esperavam que fossem. Ora, Freud, na sua curiosidade sobre a alma humana, já em

1890 encontrava-se ligado no que viria a se constituir como psicanálise. Tendo abandonado o método catártico e a hipnose, trabalhava então com outra técnica, que uma paciente chamou de “cura pela palavra”. Estimulando seus pacientes a dizerem o que lhes viesse à cabeça, pôde perceber algo como um fio a ligar certas associações no falar, conferindo-lhes um sentido que ficava por trás do explicitamente falado. Dizendo de outra maneira: por mais honesto e franco que o paciente fosse com seu médico, havia sempre algo de “não dito” entre as palavras. Freud comparava o encoberto, no discurso aparente, com as distorções no sonho. Perseguir o fio destas associações “mudas”, contidas nas narrativas do paciente, o levou ao escondido do desejo inconsciente. Por volta de 1897, numa correspondência, ele vai falar na lenda grega e peça de Sófocles, Édipo Rei.



# OS SONHOS

Ao comentar a identificação do público com o personagem Édipo, Freud se refere ao modelo das relações das crianças com os pais, ou seja, do desejo infantil de afastar o pai e ficar com a mãe. Essa ocorrência tem um peso extraordinário na história da infância e restará oculta, reprimida. Decorrerá disto todo um fardo a ser carregado para a idade madura, a separar o estado infantil do adulto. O complexo de Édipo, como mais tarde vai ser chamado, encarnado em mitos, tragédias e sonhos, tanto quanto na vida cotidiana das rivalidades entre irmãos, tensões entre filhos e pais, mães e filhas, desejos de morte relativos a membros da família, é levado para o inconsciente. Freud estava disposto a demonstrar, partindo do exame de seus próprios sonhos e dos de seus pacientes, "que a criança com seus impulsos continua a viver no sonho". Tomando separadamente cada elemento do sonho e usando como ponto de partida o método da associação livre, ele chegou a um processo interpretativo no qual revelava os sonhos como dotados de sentido. Das centenas que interpretou, retira uma lei geral de que o sonho é uma realização disfarçada de desejos reprimidos. Os sonhos aflitivos, aterradores ou desprovidos de emoção seriam uma necessidade de encobrir seu significado.

Debruçando-se sobre a questão da dissimulação no sonho, Freud percebe que ele se inscreve em dois registros: um correspondente ao sonho lembrado e contado e um outro oculto, inconsciente. O primeiro é chamado de sonho manifesto e o segundo de pensamentos latentes do sonho. Esses pensamentos, de significados ocultos, pressionam por se manifestar para, digamos assim, "ganhar a luz do dia". Para obter este acesso, precisam passar por uma censura. Toda uma roupagem é então providenciada: a copiosa produção de pensamentos do sonhador é abreviada para um conjunto de imagens. Esta é maquiada, adquire uma aparência de algo entre o estranho e o familiar e aparece transformada em palavras, formando uma história de ar

inofensivo no relato daquele que sonhou. Todas estas operações conferem ao sonho um caráter enigmático. Mais ainda: de acordo com Freud, existe aí uma linguagem enigmática que pode ser decifrada. O trabalho da interpretação, portanto, vai do conteúdo manifesto para o pensamento latente do sonho.

Certamente esta exposição acanhada de A interpretação dos sonhos fica longe de demonstrar com adequação o alcance da descoberta contida nesta obra. Ela se inicia com um exaustivo levantamento bibliográfico da literatura sobre os sonhos, encerrando-se no sétimo capítulo com uma ampla teoria da mente. É bem possível que seu autor, ao dizer que "a interpretação dos sonhos é a via régia que leva ao conhecimento das atividades do inconsciente", já vislumbresse a revolução que tal livro causaria à humanidade. Hoje, nos surpreendemos ao saber que, nos primeiros seis anos depois da sua publicação, apenas 351 exemplares haviam sido vendidos. Trinta anos depois, no prefácio da terceira edição inglesa, Freud escreve: "Contém ela a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Compreensão dessa espécie só ocorre uma vez na vida".

Diante disto, não temos como negar que este primeiro livro, tão pouco lido no início, foi a obra predileta de Freud. Dizem os especialistas que nenhuma elaboração teórica se revelou tão estável quanto a teoria do sonho. Durante 30 anos seu autor enriqueceu-a e fez revisões de pontos importantes. Mas o conjunto foi preservado, as teses essenciais não foram rediscutidas e a concepção do sonho foi mantida até hoje.



JOSÉ DURVAL C. CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE é Médico, psiquiatra e membro psicanalista da Sociedade de Psicanálise Tracy Doyle. (jdurval@unisys.com.br)



## Meu sonho

"Eu  
Cavaleiro das armas escuras,  
Onde vais pelas trevas impuras  
Com a espada sangüenta na mão?  
Porque brilham teus olhos ardentes  
E gemidos nos lábios frementes  
Vertem fogo do teu coração?  
Cavaleiro, quem és? o remorso?  
Do corcel te debruças no dorso...  
E galopas do vale através...  
Oh! da estrada acordando as  
poeiras  
Não escutas gritar as caveiras  
E morder-te o fantasma nos pés?  
Onde vais pelas trevas impuras,  
Cavaleiro das armas escuras,  
Macilento qual morto na  
tumba?...  
Tu escutas... Na longa montanha  
Um tropel teu galope acompanha?  
E um clamor de vingança retumba?  
Cavaleiro, quem és? – que mistério,  
Quem te força da morte no império  
Pela noite assombrada a vagar?  
O Fantasma  
Sou o sonho da tua esperança,  
Tua febre que nunca descansa,  
O delírio que te há de matar!..."

ALVARES DE AZEVEDO 1831 - 1852. Poeta, contista e ensaísta, expoente do romantismo no Brasil





# NA FRONTEIRA DA V

## ELIANA YUNES

Contemporaneamente, há algumas áreas do conhecimento que só podem ser tratadas pela perspectiva inter e transdisciplinar. Entre elas estão, com certeza, a leitura como prática interativa dos sujeitos com a textualidade de que se reveste o mundo da cultura – aí incluída a própria natureza, pelas artes dos recortes e interpretações; e o sonho como linguagem quase fronteira do mistério e da morte, cuja véspera, - dizem os poetas - é o sono dentro do qual emerge este H, empurrando para a vida além da imobilidade...

Não podemos viver sem sonhar, garante a ciência, mas podemos esquecer nossos sonhos... Mas tanto há quem tenha feito da vida sonho, quanto quem tenha feito do sonho vida...

Desde tempos cuja primeira memória se guardou, aparecem infalivelmente os sonhos como experiência estranha e familiar a uma só vez, maravilhosa e assustadora, ambivalente. No começo, fonte de apreensões; depois, de fantasias absurdas e, mais recentemente, objeto de estudos em áreas tão distantes como a teologia, a psicanálise e a neurociência. Já sabemos, com surpresa, que há atividade onírica em animais e que Aristóteles tratou do assunto com certa especulação.

Seu prestígio definitivo, depois de instalado com a modernidade o jugo da razão, adveio das análises e associações freudianas, entre desejo e repressão, entre vigília e censura, consciente e inconsciente que transformaram os sonhos em solo favorito da psicanálise. A partir daí, o tópico passou da esfera religiosa e mítica, para o campo da medicina; porém, uma centena de anos na categoria "científica" não lhe trouxe o desvendamento esperado.

Eles têm quase tudo a ver com as nossas vivências, aparentemente as mais próximas e não só. O jeito lúdico com que Freud apresentou sua formação, associado ao processo da memória (lembança e esquecimento), é de

uma simplicidade e complexidade paradoxais, traduzidos ambos para a experiência de uma lousa mágica, onde tanto se in(e)scribe e apaga que as marcas guardadas e superpostas no fundo escuro, confundidas portanto, vêm à superfície mal se toca a folha branca da superfície dos registros, mesmo involuntariamente. É como se o fundo estivesse à tona...

Seu mecanismo elétrico-nervoso é dos mais interessantes e complexos, gerando alterações motoras e de nosso sistema vegetativo, como pressão arterial, respiração etc., interferindo, pois nas funções neurais que consomem do sangue, muito oxigênio, por exemplo. Estas descobertas embora só há pouco confirmáveis, datam de muito tempo. Somos capazes de ver, ouvir, sentir com acuidade, nos sonhos; o paladar e o odor, menos expressivos como percepção, igualmente funcionam. Vivemos, mesmo dormidos.

Sucintamente, recordando ou ensaiando experiências, "os sonhos me levam até onde não posso ir", diz a rainha ao marido excitado com a materialização dos sonhos, em Entre leão e unicórnio, de Marina Colasanti. O território dos sonhos, como se vê com certeza neste número das Leituras Compartilhadas, tem sido um favorito entre poetas e escritores de todos os tempos e latitudes. Porta do imaginário, onde o descortino de horizontes de possibilidades se desdobra e alavanca o potencial criativo humano, o sonho está presente no relato de todas as culturas e impregnado de mistério, mesmo entre cientistas; estes admitem conhecer razoavelmente suas manifestações eletrofisiológicas e os circuitos neurais que os geram, mas ignoram solenemente suas funções que apenas a psicanálise ousou adentrar com algumas hipóteses interpretativas.

Os sonhos vêm de longe e vêm longe segundo as tradições religiosas muito anteriores aos tempos judaico-cristãos, segundo D. Estevão Bettencourt, na recente edição do Pergunte e responderemos, do Mosteiro de S. Bento. O povo do oriente, de sensibilidade aguda para ler

o real - este inatingível que perseguimos com o nome de Verdade – comutando-o por sua própria experiência, em que se fundem o sentir e o saber, tomava-os como o terreno do diálogo com as divindades. Não foi diferente com o povo hebreu, em que provocados ou elucidados pelo Senhor, os sonhos desempenharam função mais que notável, decisiva.

Se há insistentes passagens do Antigo Testamento em que Deus Pai e Criador se manifesta falando em sonhos, eles se rarefazem nos Evangelhos (o sonho tinha virado carne e osso e poucos se deram conta?) e nas Cartas, mas o Apocalipse de João parece ser um único sonho. Adentremos pois, a Bíblia, - que este foi o pedido, - com um olhar que não é o de exegeta, nem de teólogo, mas lendo os sonhos numa isotopia literária.

Aqui, eles estão por toda parte. Só no Gênesis, primeiro dos livros, há 26 referências. Daí em diante, elas se multiplicam, nos Profetas, nos Reis, nos Salmos, em Jó, e depois, no Evangelho de Mateus, nos Atos dos Apóstolos... "Outrora Deus nos falou de diversos modos", diz S. Paulo, e lembra os Profetas, que muitas vezes foram "acordados" por Deus para ouvir o que Ele queria. Mas Ele também falou a pagãos, segundo o Gênesis, quando Abimalec soube por sonhos que Sara não podia ser tocada, por ser mulher e não irmã de Abraão. (20,3 ss). Os sonhos de Jacó e Labão "acertam as contas" que despertos não acertavam (31, 4-45). Maravilhosa é a história de José, vendido pelos irmãos invejosos e que, escravo do Faraó, lhe decifra o célebre sonho das vacas gordas e magras, garantindo prestígio e consideração real (Gn.40, 5-22 e 41, 1-36), além da posterior salvação de sua família da fome.

Esses sonhos têm seu deciframento na própria seqüência bíblica, assim como o do Livro de Daniel (Dn. 2) que, além de adivinhar o sonho de Nabucodonosor, interpreta-o e tem em visões (7 e 8) a confirmação de seu significado através do anjo Gabriel, o



# VIDA POSSÍVEL

anunciador. As alegorias estão ali mesmo indicadas e sua riqueza demandaria domínio desta língua e cultura, para aproximar o intérprete de seus valores e referências. No Pentateuco (Num.12,6), lê-se: “se há entre vós um profeta, é em visão que a ele me revelo, é em sonhos que lhe falo”.

No Antigo Testamento ainda há relatos de sonhos como o do livro dos Juizes (7,13 ss) e o do Primeiro de Samuel (28,6), ambos dramáticos; o do Primeiro dos Reis (3,5), em que Salomão dialoga com Deus e recebe a Sabedoria; o de Joel (3,1), o de Jô (33,15), onde se lê:

“Pois Deus fala de uma maneira e de outra e não presta atenção; por meio dos sonhos, das visões noturnas, quando um sonop profundo pesa sobre os humanos, enquanto o homem jaz adormecido em seu leito, então abre o ouvido do homem, e o assusta com suas aparições, a fim de desviá-lo do pecado, e de preservá-lo do orgulho, para salvar-lhe a alma do fosso e sua vida da seta mortífera”.

Em Jeremias (23,25) e no livro dos sábios costumes ou o Eclesiástico (34,1-7), consta advertência contra os falsos profetas que se apresentam como sonhadores, aqueles que usavam os sonhos como artifício de estilo para persuadir com a autoridade dos oráculos. Neste livro que não tem nome próprio, pois bíblia é mesmo livros, não há intérpretes profissionais e Deus mesmo é quem revela o sentido da Palavra.

Percebe-se, pois, que no Novo Testamento, diante do verbo revelado, o Cristo encarnado, os sonhos têm seu ímpeto diminuído. Mas os sonhos rondaram o nascimento do menino com força expressiva. Não, o Anjo Gabriel não falou a Maria em sonhos: ela estava bem acordada em oração. Os que oram, transitam espaços intocáveis. Imaginemos, ficcionalmente o que se segue ao anúncio da encarnação. Aquela menina que na ficção pictórica de George de la Tour (A mestra e sua discípula) aprendera a ler nas sagradas escrituras com Ana, sua mãe e conhecia as profecias, exulta de alegria, porque

é ela mesma a predita, com quem começa a nova história, a de Deus no meio de seu povo.

Ela vai ao noivo, José, a quem está prometida em casamento para lhe contar a novidade.

Por mais que fosse justo e crente, é difícil aceitar, compreender que isto possa estar acontecendo com ele, um mísero carpinteiro, que da família de Davi guardava o sangue, sem marcas exteriores de nobreza. Ao ouvi-la, radiante, seu mundo desmorona como as muralhas de Jericó. Diante de seu assombro e contenção, Maria começa a perceber que este anúncio do Anjo não será algo tranqüilo para o povo de Israel. Ela não conhece homem e está grávida! Deus já tinha tirado o povo do Egito, aberto o mar Vermelho, mas fora já há tanto tempo, tanto cativo acontecido, que a intervenção esperada tinha que ser gloriosa e não sóbria e misteriosa, como se propunha.

José preferiu ficar sozinho para pensar. O romantismo estava a séculos de existir; a questão ali era de princípios: a dignidade da mulher não era propriamente a virgindade mas a integridade para a maternidade – qualquer mulher da família de Davi (e ela também o era) poderia vir a ser a mãe do Salvador, do Libertador de Israel... E o que poderia passar pela cabeça de um judeu, seria a revelação do divino em

continua



"SÃO JOSÉ COM A CRIANÇA", DE GOYA, 1597-1599



# NA FRONTEIRA DA VIDA POSSÍVEL (continuação)

continuação com um homem justo, já adulto, "possuído" pelo espírito de Deus ou a súbita descida dos céus com poder e majestade? Mas ele a amava, e isto era pior que todos os sonhos destruídos, denunciá-la como adúltera: ele conhecia a morte por apedrejamento. Quando a noite desceu sobre sua casa na aldeia da Galiléia, o encontrou insone, atormentado.

Maria deve ter considerado, se tinha ainda algum parente próximo, que seria bom afastar-se um pouco, ir ao encontro de Isabel sua prima em segundo grau, a quem também uma gravidez insólita havia acontecido (Lucas, 1, 5-24). Maria sentia que algo se passara nela, mas com quem partilhar senão com alguém que como ela tivesse experimentado a intervenção do Senhor? Quem poderia crer no que ela cria?

José não conseguia sequer ir para casa. Trabalha como forma de se afastar da decisão, procurando esgotar-se. E ali mesmo adormece, quando a vela se apaga. As emoções silenciam e o Senhor lhe abre o ouvido em sonhos para que ele aceite o mistério: "não temas", palavra-chave da relação com o divino. Nem um temor. Ela vai dar à

luz um filho que terá o nome que José lhe dará. Ao abrir os olhos, toda mágoa, todo tormento haviam desaparecido: era o sinal. Esperou clarear para ir ao encontro de sua Maria, mas ela já estava na caravana, a caminho. Não é preciso esforço de imaginação para supor que ele vai buscá-la nas montanhas e espera o nascimento do filho de Isabel e Zacarias, João, "o maior nascido de ventre de mulher", assumindo-a no retorno.

José, no entanto não terá descanso com este Filho do Alto, Filho do homem como ele mesmo se proclamará. Depois que o menino nasce numa gruta e ele sabe dos anjos cantando aos pastores; depois que ele recebe a visita de sábios do Oriente que lhe falam igualmente de sonhos (Mateus 2-12) e acompanha o velho Simeão no Templo, confessando que seus olhos maravilhados se podiam fechar agora que havia visto O Menino, (Lucas 2,29) José tem toda a confirmação de que precisava para seus sonhos. Porém, o que está por vir ainda será pesadelo.

"Levanta-te, toma O Menino e sua mãe e fuge para o Egito e fica lá até que eu te avise" – volta o Anjo do Senhor em sonhos. "Levanta-te, toma O Menino e sua mãe e retorna à terra de Israel" – de novo em sonho lhe aparece o mensageiro celeste. Considerou que era guardião de um bem maior que ele e teve medo de ficar na Judéia dos herdeiros de Herodes. Os céus outra vez ouviram sua angústia: avisado em sonhos, partiu para a Galiléia, e foi morar em Nazaré... Jesus Nazareno, reidos Judeus, escreve na tabuleta da cruz Pilatos, sob protesto da mulher que lhe suplicara "não entre na questão deste justo, pois num sonho sofri por causa dele." José já não estava vivo para testemunhar a diferença entre sua resposta e a do governador romano. A vida se tece em sonho - como diz Shakespeare na abertura de Ricardo III? Como

testemunham as literaturas todas contempladas neste número?

Não se sabe quantas vezes mais José terá sonhado e guardado em seu coração as revelações sobre "seu" menino. Mas aquelas foram decisivas para que houvesse a História de Jesus da Galiléia. José ouviu os recados do Senhor e acreditou neles: "isto lhe foi atribuído como Justiça", este novo Abraão. Tal como seu antepassado do mesmo nome, o José, filho de Jacó, confiou nos sonhos porque tinha o coração e a mente abertos ao Deus que fala, oráculo de Javé. "Quem tiver ouvidos, ouça!" - insistiu "seu" Filho.

Por que o escolhi e me demorei sobre seus sonhos? Sempre tive desejo de me debruçar sobre o sono desta figura silenciosa e decisiva, que foi José, codinome, o Carpinteiro, tomado como Justo, que faz uma passagem humilde, obediente, confiante na história do Filho do Homem, amparado apenas no que o Senhor lhe diz enquanto dorme. Será que os que não recordam seus sonhos, estão surdos ao que diz o Senhor? Ou perderam a simplicidade de ouvir por terem acreditado que há "exegetas da palavra", construtores do sentido? Ou será porque não dormem o sono "de" justos?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FREUD, S. A interpretação dos Sonhos .....  
RYLE, J. Tudo sobre Sonhos. S Paulo: ed. Vida,.....  
BETTENCOURT, E. Os sonhos na Bíblia. In: Pergunte e Responderemos Ed. Lumen Christi, Rio de Janeiro, RJ, 2001, v.42, n.475, p.39-43  
CAMPBELL, J. Mitos, sonhos e religião nas artes, na filosofia e na vida contemporânea. Rio de Janeiro. Ediouro, 2001  
BÍBLIA ECUMÊNICA TEB, Ed. Loyola, 1997  
ELIANA YUNES é doutora em letras, PUC-Rio. Organizou Pensar a leitura — complexidade e escreveu Leituras & leituras da literatura infantil com Glória Pondé.





# SONHAR NÃO CUSTA NADA. E SAMBANDO É MELHOR AINDA

## NEI LOPES

A primeira edição da Enciclopédia da Música Brasileira: erudita, folclórica e popular (São Paulo, Art Editora, 1977) em que pese a polêmica que envolveu sua publicação, tem, pelo menos, um grande mérito. E esta qualidade é a de apresentar, no final do segundo volume, uma listagem, com autores e anos de lançamento, das dezenas de milhares de obras musicais mencionadas em seus verbetes. Pois bem: desses milhares de obras, registradas do século anterior até o início da década de 1970, algumas dezenas têm seus títulos iniciados com os vocábulos “sonhando”, “sonhei” e “sonho”. E isto sem contar aquelas inúmeras outras que, a exemplo do samba *Eu sonhei*, de Ari Barroso (1935) e da valsa *Eu sonhei que tu estavas tão linda*, de Lamartine Babo e Francisco Matoso (1941), têm seus títulos iniciados com pronomes ou outros elementos gramaticais introduzindo a idéia.

Essa tabulação nos leva a concluir que, provavelmente, nenhuma música do mundo, aí incluídas as co-irmãs e pujantes músicas de Cuba, México e Argentina, cantou tanto e tão bem o sonho como a música brasileira, notadamente aquela de extração popular. E quando falamos de “sonho”, estamos falando não só do conjunto de sensações e representações que nos surgem durante o sono, mas também de devaneios, fantasias, caprichos, conjeturas, quimeras, planos, idéias e ideais. E até mesmo de visões involuntárias que nos ocorrem em estado de vigília.

Pois “Sonhar não custa nada. Ou quase nada!” – já dizia o enredo da Mocidade Independente, vice-campeã do carnaval carioca em 1992. E, em busca da glória do campeonato, as hoje controversas escolas de samba carioca têm se valido, e muito, do sonho, do devaneio e da fantasia. Mesmo porque há muito elas vêm deixando de lado seus propósitos iniciais – que incluíam principalmente a legitimação de suas

comunidades ante a sociedade abrangente e sua defesa contra o racismo e a exclusão – para serem, antes de tudo, usinas de ilusão e de sonhos, cada vez mais espetaculares.

Já em 1965, o Império Serrano, através de Silas de Oliveira, Dona Ivone Lara e parceiros, anunciava: “Eu e meu amigo Orfeu, / sedentos de orgia em desvario, / cantaremos em sonho / cinco bailes da história do Rio...”. Dois anos depois, na sua Vila Isabel, o grande Martinho invocava as musas, ao estilo do mestre Silas: “Fantasia, deus dos sonhos, estejapresente / nos devaneios de um inocente! (...) Morfeu em balia a criança tão feliz / que num sonho encantador / viaja ao mundo da fabulação...”. E, no carnaval de 75, a Mocidade, pelo estro dos compositores Tatu, Nezinho e Campo Grande, repicava: “Sonhei, sonhei, sonhei / coma floresta encantada / eseu pequeninorei / (...) E, no auge do meu sonho, / o uirapuru surgiu / na imensidão da floresta (...) / Eu acordei / com seu canto original / radiante de alegria porque era carnaval”.

O ano de 1976, decisivo no carnaval das escolas cariocas, porque sepultou de vez a tradicional hegemonia das quatro grandes, Mangueira, Portela, Império e Salgueiro, foi o ano do *Sonhar com rei dá leão*, enredo campeão da Beija-Flor. Com esse enredo, Joãozinho Trinta e a escola de Nilópolis penetravam no onírico terreno do “palpite”, da “fezinha”, do polêmico jogo do bicho, em que “sonhar com filharada” é indício de que vai dar coelho; “com gente teimosa”, vai dar burro; e com “rapaz todo enfeitado” o resultado vai ser pavão, pela beleza espetaculosa e cheia de si, ou então veado, por ser bicho arisco, elétrico, assustadicho – como crêem os entendidos na arte da interpretação dos sonhos. E o fato é que o samba das escolas, novamente com o múltiplo Martinho, já sonhou até com um “sonho sonhado”.

Bem verdade que o sambista da Vila e seus parceiros Tião Graúna e Djalma Sapo (olha o bicho aí de novo!) inspiraram-se num poema de Drummond – não do Barão, inventor da zooteca, na própria Vila; mas do próprio, Carlos

Drummond de Andrade. Isso, entretanto, não os impediu de construir, no carnaval de 1990, um belíssimo poema sobre o sonho dentro de outro e sobre o eterno sonho da liberdade.

Mas na música popular brasileira não é só o samba-enredo que sonha, não! A bossa-nova também: “Vivo sonhando, sonhando, mil horas sem fim...” – cantava Tom Jobim em 1966. E a mesma Dona Ivone Lara, “amiga de Orfeu”, treze anos depois daquele enredo antológico, e em parceria com Délcio Carvalho, escrevia definitivamente seu nome entre os grandes com o tão melodioso quanto espetacular “Sonho Meu (vai buscar quem mora longe, sonho meu)”.

Enfim, seja através do amor idealizado (como em “Eu sonhei que tu estavas tão linda”); da aventura da conquista do espaço sideral (como em *O sonho*, de Egberto Gismonti, em 1969); do pesadelo de um amor doentio (“Meu sonho é você / que é todo o meu mal”, cantava na década de 1950, o vozeirão de Orlando Correia, de dedo em riste, botando na conta “daquela ingrata” toda a sua desventura); seja “na vitória ou na derrota”, a música popular brasileira sempre cantou o sonho, a ilusão, o devaneio, o anseio. E, muitas vezes, embora sem expressar, ela tem sonhado também com sua independência, com sua libertação do jugo mercadológico que a desnacionaliza, embrutece e nivela por baixo. Porque, afinal, como diz o samba de Paulinho Mocidade, Dico da Viola e Silveira, “sonhar não custa nada”. Principalmente em ritmo de samba.



NEI LOPES é compositor popular, escritor e autor de *Sambeabá*; o samba que não se aprende na escola, Folha Seca/Casa da Palavra, 2003.



# A CRIAÇÃO DE IMAGEM PARA SATISFAZER DESEJO

SUSANA SCHILD

Em 1995, o cinema fez 100 anos. A primeira sessão pública da sétima arte aconteceu em Paris, em 28 de dezembro de 1895, quando 30 espectadores assistiram, em estupor, a imagens em movimento projetadas por um aparelho chamado cinematógrafo. A invenção dos irmãos Louis e Auguste Lumière se transformou no meio de expressão por excelência do século XX e modificou, em escala sem precedentes, a forma de representação do homem e seu mundo - real ou imaginário. Também em 1995, comemorou-se o centenário de nascimento da psicanálise, criada por Sigmund Freud. Curiosamente, esses dois acontecimentos tinham mais em comum do que o ano de nascimento.

A psicanálise acredita chegar ao inconsciente - fonte de desejos ocultos - por meio de sinais fornecidos pelo sonho. E não demorou para que estudiosos dos dois campos apontassem afinidades entre as novas "invenções". À noite, somos todos diretores, produtores, atores, roteiristas e fotógrafos de sonhos individuais. No escurinho do cinema, se repetiria a situação de exclusão da realidade e de baixa de defesa que ocorrem durante o sono. E através de um mecanismo mental de projeção/identificação com as imagens na tela, o espectador assistiria aos filmes como se fossem sonhos, desta vez, coletivos.

Não foi por acaso que a Hollywood, a maior fornecedora de filmes do planeta, também ficou conhecida como "fábrica de sonhos". Afinal, "vender filmes é vender sonho", definiu o escritor Nathaniel West, autor de *O dia dos gafanhotos*, corrosiva ficção sobre perdedores em Hollywood. Apesar do cinema ter se consolidado como expressão de diferentes culturas, o modelo norte-americano se firmou como o entretenimento-padrão em escala mundial.

Ao longo de sua história, o cinema vem produzindo sonhos para sonhadores de todos



"O MÁGICO DE OZ", DIVULGAÇÃO

os tipos e idades através de gêneros como romance, aventura, épico, western, musical, drama, comédia, ficção científica, horror. O cinema reproduz também realidade através de cinejornais e documentários, que podem, ironicamente, serem percebidos como sonho - ou pesadelo.

Sonho, fantasia, imaginação, delírio, evocação, alucinação. No espaço da tela, imagens mentais geralmente exibem um tratamento visual diferenciado - textura, cores, ritmo, som - da "realidade" fílmica. O diretor espanhol Luis Buñuel (1900-1983) dizia que o cinema era a coisa mais próxima do sonho que conhecia. E foi fiel à crença ao longo da carreira: das associações livres - *O Cão Andaluz* (*Le Chien Andalou*, 1928) e *L'Âge d'Or* (1930), marcos do cinema surrealista realizados em parceria com Salvador Dalí, a *A bela da tarde* (1967), em que as transgressões sexuais de uma mulher burguesa não passariam de um longo e detalhado sonho, entre outros.

Alfred Hitchcock também recorreu a Salvador Dalí para pintar os cenários dos sonhos de *Quando fala o coração* (*Spellbound*, de 1945), suspense passado em instituição psiquiátrica. Já no clássico *O mágico*

de Oz (*The Wizard of Oz*, 1939), de Vincente Minelli, a realidade da menina Dorothy (Judy Garland) era em preto e branco, mas suas peripécias oníricas mereceram as cores fortes do technicolor.

Há filmes em que o personagem sonha a trama principal, criando "um filme dentro do filme", como no clássico *Um retrato de mulher* (*A woman in the window*, 1945), de Fritz Lang em que um advogado (Edward G. Robinson) pensa ter matado uma mulher, e *O mistério de Lulu* (*Lulu on the bridge*, 1998), de Paul Auster: o personagem vivido por Harvey Keitel tem um longo delírio antes de morrer, delírio que constitui a própria trama do filme.

Em *O beijo da Mulher Aranha* (Hector Babenco, 1984), um presidiário narra para o parceiro de cela filmes como se fossem sonhos, em bela homenagem ao poder de escapismo do cinema. E Federico Fellini, com *Oito e meio* (1963), misturou sonhos e as dúvidas de um diretor (ele próprio) em uma das obras mais magistrais da história do cinema. Ingmar Bergman também recorreu a sonhos para falar de um velho professor em *Morangos silvestres* (1957), e o mestre japonês Akira Kurosawa colocou suas fantasias mais pessoais



# ENS EJOS



# FÁBRICA DE SONHOS

em filme coerentemente chamado Sonhos de Kurosawa (1990).

Já o diretor americano David Lynch vem preferindo embaralhar, sem cerimônia, as fronteiras entre sonho e "realidade", como fez em Veludo azul (Blue velvet, 1986), A estrada perdida (The lost highway, 1998) e Cidade dos sonhos (Mulhoand Drive, 2001) para fascínio de alguns e perturbação de muitos.

A maior homenagem às possibilidades do cinema como a terra do sonho, no entanto, foi realizada por Woody Allen em 1985 com A Rosa Púrpura do Cairo. (The Purple Rose of Cairo). Sua personagem principal, Cecilia (Mia Farrow) usufrui do privilégio de transitar por dois mundos - a realidade colorida e o filme em preto e branco - e virou símbolo da submissão ao fascínio do cinema. Depois de muitas peripécias, Cecilia pensa que vai terminar seus dias em Hollywood, mas acaba mesmo no cinema, assistindo a Fred Astaire e Ginger Rogers cantarem "heaven, I'm in heaven". Ao seu lado, na pequena mala da viagem frustrada, ela carrega a principal bagagem do espectador: a capacidade de se emocionar diante da tela. Bons tempos.

Neste começo do século XXI, o pacto entre o cinema (e outros canais audiovisuais) com o imaginário do espectador vem sofrendo mudanças. Fala-se na sociedade como um permanente espetáculo - tema do excelente O Show de Truman (The Truman Show, Peter Weir, 1998) e presente na sucessão de reality-shows da TV. Sem falar de tantas outras realidades e fantasias virtuais proporcionadas pelo computador. Mas esta é uma outra história - que está apenas começando.

SUSANA SCHILD é jornalista e crítica de cinema. Dirigiu a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro entre 1993 e 1997.

Assim o cinema é chamado por muitos. Uma linha de montagem que produz beijos ao pôr-do-sol, homens com super poderes, animais falantes e tudo mais que a imaginação humana pode aspirar. Sonhos que, ao acender das luzes, terminam, mas onde, muitas vezes, o final é feliz.

A Bela da Tarde (Belle de Jour), 1967, França/Itália, de Luis Buñel. Séverine leva uma vida aparentemente perfeita, mas busca satisfazer suas fantasias se prostituindo.

A casa dos sonhos (Paperhouse), 1989, Inglaterra, de Bernard Rose. Garota de 11 anos, que se sente incompreendida por todos, se refugia num mundo de fantasia.

A enfermeira Betty (Nurse Betty), 2000, EUA, de Neil LaBute. Garçonete obcecada por telenovelas passa a acreditar que é personagem de uma delas.

A felicidade não se compra (It's a wonderful life), 1946, EUA, de Frank Capra. George é um rapaz de bom caráter que pouco a pouco desiste de seus sonhos para ajudar as pessoas de sua cidadezinha.

A história sem fim (The never ending story), 1984, Alemanha/Inglaterra, de Wolfgang Petersen. Menino se refugia em uma biblioteca com um livro mágico.

A hora da estrela, 1985, Brasil, de Suzana Amaral. A vida da migrante nordestina Macabéa na opressora São Paulo. Baseado no romance de Clarice Lispector.

A rosa púrpura do Cairo (The purple rose of Cairo), 1985, EUA, de Woody Allen. A jovem Cecília leva uma vida apática e desesperançosa e tem no cinema sua grande fuga.

A voz da lua (La voce della luna), 1989, Itália, de Federico Fellini. Homem recém-saído de manicômio sonha com o amor e é guiado pela voz da lua.

Abra os olhos (Abre los ojos), 1997, Espanha, de Alejandro Amenábar. Rapaz vai para a prisão acusado de assassinato e demonstra um comportamento que intriga seu psiquiatra,

misturando lembranças e desejos.

Almas gêmeas (Heavenly creatures), 1994, Nova Zelândia, de Peter Jackson. Duas meninas desenvolvem uma poderosa e obsessiva amizade e criam um mundo fictício.

Alucinações do passado (Jacob's ladder), 1990, EUA, de Adrian Lyne. Ex-combatente não consegue distinguir entre o presente e o passado, a ilusão e a realidade.

Brazil, o filme (Brazil), 1985, Inglaterra, de Terry Gilliam. Sátira futurista onde ilusão e realidade se misturam.

Cidade das mulheres (La città delle donne), 1980, França/Itália, de Federico Fellini. Em uma viagem de trem, homem de meia-idade cai no sono e sonha que vive em um mundo habitado somente por mulheres.

Cidade dos sonhos (Mullhollad Drive), 2001, EUA, de David Lynch. Hollywood, a cidade das ilusões, é o palco da história de Betty, uma aspirante a atriz e Rita, uma bela jovem desmemoriada.

Fantasia, 1940, EUA, de James Algar, Samuel Armstrong, Ford Beebe, Bill Roberts. Clássico da Disney que reúne música clássica com belas animações.

Freud, além da alma (Freud), 1962, EUA, de John Huston. Focalizado na juventude de Freud, o filme mostra o desenvolvimento de seus estudos sobre o inconsciente e a importância dos sonhos para compreendê-lo.

Horizonte perdido (Lost horizon), EUA, 1937, de Frank Capra. Avião com passageiros fugindo da guerra civil chinesa cai no Himalaia e são resgatados pelos habitantes de Shangri-lá, cidade da paz e juventude eternas.

José, o rei dos sonhos (Joseph, king of dreams), 2000, EUA, de Robert Ramirez e Rob de Luca. A história bíblica de José, traído por seus irmãos, vendido como escravo, e salvo por seu dom de interpretar os sonhos.

Ladrão de sonhos (La cité des enfants perdus), 1995, França, de Jean-Pierre Jeunet e Marc



# FÁBRICA DE SONHOS



Caro. Cientista louco, incapaz de sonhar, seqüestra crianças para roubar-lhes os sonhos.

Minhavidademcor-de-rosa(Mavie em rose), 1997, Bélgica/França/Inglaterra, de Alain Berliner. Garoto que sonha em tornar-se uma mulher cria um mundo de faz-de-conta.

Morangos silvestres (Smultronstället), 1957, Suécia, de Ingmar Bergman. Ao retornar a sua cidade parareceberumahomenagem,velho professor passa por lugares que lhe despertam antigas lembranças.

Oabismodeumsonho(LoSceicco Bianco), 1952, Itália, de Federico Fellini. Mulher recém-casada foge do marido durante sua lua de mel para tentar encontrar o Xeiue Branco, personagem de sua fotonovela preferida.

ObeijodaMulherAranha(Kiss of the Spider Woman), 1984, Brasil/EUA, de Hector Babenco. Molina, homossexual aficionado por filmes românticos e Valentin, um revolucionário, dividem uma cela em prisão latino-americana. Ali,

o único alívio para o sofrimento físico e mental é a narração que Molina faz de antigos filmes.

O campo dos sonhos (Field of dreams), 1989, EUA, de Phil Alden Robinson. Fazendeiro ouve insistentemente uma voz que lhe manda construir um campo de golfe dentro de seu milharal.

Ocãoandaluz(Achienandalou), 1929, França, de Luis Buñel e Salvador Dali. A união dois dois artistas resultou em um filme com princípios surrealistas, com imagens chocantes e humorísticas.

Oestranhomondo de Jack (The nightmare before Christmas), 1993, EUA, de Henry Selick. Jack mora na Cidade do Dias das Bruxas e é muito bom em seu trabalho: ser assustador. Mas um dia ele descobre o Natal e, encantado com a beleza da festa, resolve raptar Papai Noel

O mágico de Oz (The Wizard of Oz), 1939, EUA, de Victor Fleming. As aventuras da menina Dorothy no reino mágico de Oz. O escapismo do filme levou milhares de pessoas aos cinemas no conturbado período da Segunda Guerra Mundial.

O mistério de Lulu (Lulu on the bridge), 1998, EUA, de Paul Auster. Uma estranha pedra azul, um músico acidentado e uma garçonete aspirante a atriz são o início de uma história de amor e destino interrompido.

OsonhodeRose,dezanosdepois, 2000, Brasil, de Tetê Moraes. Em 1987, a cineasta fez o filme Terra para Rose mostrando famílias de agricultores sem terra. Dez anos

depois, a diretora reencontra os mesmos personagens para este documentário.

Oito e meio (Otto e mezzo), 1963, França/Itália, de Federico Fellini. Autobiográfico.

Os bandidos do tempo (Time bandits), 1981, Inglaterra, de Terry Gilliam. Anões que viajam pelo tempo roubando tesouros, por acaso entram no quarto de um garotinho e o levam junto em suas aventuras.

Peggy Sue, seu passado a espera (Peggy Sue got married), 1986, EUA, de Francis Ford Coppola. A quarentona Peggy Sue desmaia e retorta ao seu último ano de colégio. Ela agora tem a chance de mudar seu destino.

Quando fala a coração (Spellbound), 1945, EUA, de Alfred Hitchcock. O novo diretor de uma clínica psiquiátrica começa a apresentar um estranho comportamento e a situação se complica quando uma psiquiatra se apaixona por ele. As seqüências de sonho foram criadas por Salvador Dali.

Réquiem para um sonho (Requiem for a dream), 2000, EUA, de Darren Aronofsky. O filme gira em torno de quatro personagens e os vícios que as afastam de seus sonhos, fazendo com que vivam entre a esperança e o desespero.

Solaris, 1971, URSS, de Andrei Tarkovski. Psiquiatra vai à estação espacial Solaris, onde os tripulantes sofrem estranhas alucinações.

Sonhos (Yume/Dreams), 1990, EUA/Japão, de Akira Kurosawa. Em oito episódios, o diretor fala da ligação do homem com a destruição da natureza,

da morte, da arte e outros "sonhos" humanos.

Sonhos de um sedutor (Play it again, Sam), 1972, EUA, de Herbert Ross. Baseado na peça de Woody Allen e protagonizado por ele, o filme acompanha as desventuras de um homem recém abandonado pela mulher que tenta conquistar uma nova namorada auxiliado pelo espectro de Humphrey Bogart.

Sonhos de uma noite de verão (A midsummer night's dream), 1999, EUA, de Michael Hoffman. Os desencontros amorosos de quatro jovens em uma noite passada em uma floresta mágica habitada por fadas e duendes. Baseada na peça de William Shakespeare.

Trem da vida (Train de vie), 1998, Bélgica/França, de Radu Mihaileanu. Para fugir da perseguição nazista, os habitantes de uma pequena aldeia resolvem simular um trem de prisioneiros que os leve até a fronteira soviética.

Tucker, um homem e seu sonho (Tucker, the man and his dream), 1988, EUA, de Francis Ford Coppola. Na década de 40, um homem revoluciona a indústria automobilística ao construir um carro de aerodinâmica perfeita.

Tudo por um sonho (The Perez Family), 1995, EUA, de Mira Nair. A vida de imigrantes cubanos que chegam a Miami com o sonho de uma vida próspera e feliz, mas encontram uma realidade bem diferente.

Um retrato de mulher (A woman in the window), 1945, de Fritz Lang. Professor de psicologia criminal se encanta por uma jovem que sintetiza todas as suas fantasias.





# O PAÍS DA COCANHA

## HILÁRIO FRANCO JÚNIOR

Da mesma forma que o sonho individual é essencial para o equilíbrio psíquico de uma pessoa, o sonho coletivo o é para uma sociedade. Sonhar as mesmas coisas é um dos mais poderosos fatores de construção de uma identidade coletiva, seja o sonho de títulos por parte das torcidas de clubes de futebol, seja o sonho de determinadas opções político-econômicas por parte dos adeptos de uma ideologia. Além de responderem a necessidades profundas do ser humano de todas as épocas, os sonhos coletivos – mesmo quando radicalizados e exagerados, ou seja, transformados em utopias – evidentemente expressam as condições históricas do momento que os vê nascer. No período conhecido por Idade Média não foi diferente, como mostram por exemplo as descrições da Ilha de São Brandão ou do Império de Preste João, dentre tantas outras manifestações do Paraíso terreno.

Um dos casos mais interessantes é, sem dúvida, a de uma terra maravilhosa revelada por um pequeno texto francês de meados do século XII (Cocanha. A história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, prefácio de Jacques Le Goff). Naquele poema de apenas 188 versos, o autor anônimo reúne um vasto material literário e folclórico para construir um país ideal caracterizado por abundância, ociosidade, juventude e liberdade. Isto é, por situações contrárias àquelas conhecidas por boa parte da população medieval.

Ele afirma (versos 31-76) que na Cocanha as casas são feitas de alimentos, as paredes de peixes, o telhado de toucinho, as cercas de salsichas, o riacho local é metade de vinho branco, metade de vinho tinto, ali três vezes por semana chovem pudins quentes. Todo mês distribui-se

gratuitamente roupas e sapatos de qualidade e de modelos variados (vv.125-150). Toda essa riqueza está à disposição de qualquer pessoa sem esforço, pois lá “quem mais dorme mais ganha” (v.28), todo momento é de festa, não de trabalho: cada ano tem quatro Páscoas, quatro Natais, quatro Carnavais, “todo dia é feriado e domingo” (v.84). A abundância e a ociosidade podem ser bem desfrutadas pela população, pois esta é constituída apenas por jovens graças a uma Fonte da Juventude que mantém cada pessoa nos seus trinta anos de idade (vv.151-163). Para que o vigor e os apetites dos jovens possam ser plenamente gozados, há naquela terra liberdade total. A fartura alimentar está sempre acessível, pois a Quaresma ocorre apenas de vinte em vinte anos e mesmo nessa época pode-se comer “carne, peixe ou outra coisa” (v.88-93). A prática sexual também é livre, pois “as mulheres dali, tão belas(...)/cada qual pega aquele convém/sem descontentar ninguém/Cada um satisfaz seu prazer/ como quer e por lazer” (vv.109-114). Liberdade sexual efetiva, sem machismo: “E se acontece porventura/de uma mulher se interessar/por um homem, ela o pega no meio da rua/e ali satisfaz seu desejo.” (vv.117-121).

É inegável que nas condições da sociedade medieval, dominada por um clero misógino e uma aristocracia laica detentora dos meios de produção, o poema sobre a Cocanha era uma crítica social. Mas crítica tão aguda que, em certo sentido, é atemporal. Isso explica que o poema tenha sido traduzido e adaptado para o inglês em fins do século XIII, o alemão em princípios do século XIV, o italiano em meados do mesmo século, o holandês no século seguinte, o castelhano duzentos anos mais tarde. Também apareceram diversas representações figuradas da Cocanha, a mais famosa pintada em 1567 por Pieter Bruegel.

Nessa ampla circulação pelo mundo acidental, a terra maravilhosa ganhou uma

versão brasileira, aparecendo no nordeste em 1947, em um folheto de cordel, sob o nome de país de São Saruê. Neste “não existe pobre/é tudo rico” (vv.59-60), lá o povo “não precisa trabalhar” (v.77), há “rios de leite/barreiras de carne assada/lagoa de mel de abelhas/atoleiros de coalhada/açudes de vinho quinado/montes de carne quisada./As pedras em São Saruê são de queijo e rapadura/as cacimbassas de café/já coado e com quentura,/de tudo assim por diante/existe grande fartura.”(vv.85-96) Roupas e sapatos dão em árvores. Um rio da mocidade deixa qualquer um com vinte anos de idade. Separados pelo oceano, pela língua e por oitocentos anos, o poeta da Cocanha e o de São Saruê foram porta-vozes de um mesmo sonho coletivo, o da, na expressão que ambos utilizaram, “terra feliz”.

Tudo isso não é, porém, apenas manifestação de férteis imaginações? Os adeptos de uma historiografia mais interessada pelo material, pelo supostamente mais objetivo, responderiam que sim. No entanto é preciso não desconsiderar as expressões subjetivas, impalpáveis, que também têm uma história que merece ser estudada. O desejo, a esperança, o sonho, são fatores históricos tanto quanto a guerra, o comércio, as instituições. A rigor, os dois planos se confundem, interagem, um não existe sem o outro, não pode ser efetivamente compreendido sem o outro. Entre uma sociedade imaginária e uma sociedade concreta de um mesmo contexto histórico existe um complexo jogo especular, que torna impossível pretender identificar o que é modelo e o que é imagem. O homem – e portanto a sociedade – sonha o que é, é o que sonha.

HILÁRIO FRANCO JÚNIOR é professor da Universidade de São Paulo, especialista em História Medieval. Autor de Cocanha — A história de um país imaginário e A Eva barbada, entre outros livros.





# ALBERTO SANTOS DUMONT

## ENTRE O SONHO E O PESADELO

### HENRIQUE LINS DE BARROS

O sonho de voar parece ser manifestação comum entre os povos. Talvez esteja associado a um desejo primário de liberdade, pois ao voar estaríamos livres para nos locomover para onde quiséssemos. Estaríamos capazes de abandonar as restrições impostas pelo fato de sermos animais terrestres, diferentemente das aves. Pode ser também manifestação de algo mais primitivo, associado a nossa história evolutiva que encontra antepassados mais longínquos em primatas que habitavam as árvores. Mas a verdade é que o sonho de voar tem sido sempre lembrado: nos anjos cristãos, nos deuses egípcios, ou nos mitos de diferentes tradições.

De fato, dentre os mitos gregos, a história de Ícaro é uma das mais conhecidas. Filho de Dédalo, criativo artesão e artífice da ilha de Minos, Ícaro teve um fim trágico ao tentar voar mais alto do que podia. Seu pai, após ter criado o labirinto para manter preso o Minotauro, viu-se em situação adversa e para sobreviver teve que abandonar a ilha. Construiu, então, leves asas de penas e com seu filho Ícaro voaram para conseguir a liberdade. A sensação de prazer que o vôo despertou em Ícaro foi de tamanha intensidade que ele, sem ouvir os conselhos do pai, voou mais alto e o Sol aqueceu a cera que mantinha as penas presas na estrutura. Ícaro caiu e perdeu a vida, enquanto Dédalo ganhou a liberdade, mas já não via mais sentido em viver sem o filho, e morreu deprimido e triste.

O mito de Ícaro é interessante por dois aspectos: o primeiro é sua íntima ligação entre a idéia de voar e a noção de liberdade. O segundo, não menos importante, está relacionado com o momento em que o vôo é subitamente interrompido e dá lugar ao pesadelo, pois tão comum quanto o sonho de voar é o pesadelo da queda, uma vez que é impossível dissociar o vôo da queda. Isto dá ao vôo um caráter ambíguo.

Alberto Santos Dumont é um exemplo de inventor que conseguiu, por um lado, sonhar e, por outro, transformar o sonho numa realidade palpável. Para isso ele teve que viver as duas faces: o vôo e a queda, o sonho e o pesadelo.

Santos Dumont começou a sua vida de aeronauta logo que chegou pela terceira vez a Paris, em 1898. Tinha feito os seus estudos básicos no Brasil e, num período de cerca de quatro anos, com um preceptor em Paris. Nunca teve uma educação superior formal e talvez isto tenha sido fundamental em sua carreira. Assim que chegou à capital francesa, influenciado pelos livros de Jules Verne e impressionado com o relato de uma expedição de balão rumo ao Pólo Norte, que acabou em tragédia em 1897, Santos Dumont logo começou investir na realização de seu sonho: voar. Em pouco tempo tornou-se balonista, voando os balões esféricos de hidrogênio. Suas primeiras descrições do vôo são bem próximas da de um sonho. Em 1898 realizou suas primeiras ascensões e sua impressão ficou marcada na memória. "Eu nunca me esquecerei do genuíno prazer da minha primeira ascensão em balão." Ele comenta, em seu livro *Os meus balões*, que o que mais chamou sua atenção foi o silêncio no ar e a ausência de vento. Depois da ordem tradicional "Larguem tudo!", o balão começou a subida e Santos Dumont descreveu o seu "sonho" ainda usando imagens poéticas:

"No mesmo instante, o vento deixou de soprar. Era como se o ar em volta de nós tivesse imobilizado. É que havíamos partido, e a corrente de ar que atravessávamos nos comunicava sua própria velocidade... Esse movimento imperceptível de marchar possuía um sabor infinitamente agradável. A ilusão é absoluta. Acreditar-se-ia, não que é o balão que se move, mas que é a terra que foge dele e se abaixa. No fundo do abismo que se cava sob nós, a mil e quinhentos metros, a terra, em lugar de parecer redonda como uma bola, apresentava

a forma côncava de um tigela, por efeito de um fenômeno de refração que faz o círculo do horizonte elevar-se continuamente aos olhos do aeronauta... Aldeias e bosques, prados e castelos desfilam como quadros movediços, em cima dos quais os apitos das locomotivas desferiam notas agudas e longínquas. Com os latidos dos cães, eram os únicos sons que chegavam ao alto. A voz humana não vai a essas solidões sem limite. As pessoas apresentavam o aspecto de formigas caminhando sobre linhas brancas, as estradas; as filas de casas assemelhavam-se a brinquedos de crianças. ... O som de um alegre carrilhão chegou aos

nossos ouvidos. Os sinos tocavam o "Ângelus" do meio-dia".

Mas à medida que o vôo vai ganhando realidade, sua descrição muda de tom. Torna-se mais técnica e mais sombria, como pode ser visto na descrição que faz de um vôo de balão livre, ainda em 1898.

"Por ocasião da partida, parecia haver muito pouco vento... Até mil metros tudo correu bem. A mil e quinhentos metros, ficamos quase estacionários. Largamos lastro e atingimos dois mil metros. Nesse momento, uma brisa vagabunda começou a empurrar-nos para o centro de Paris, abandonando-nos em cima do Louvre. Descemos e... tão-só encontramos calma. Produziu-se então uma coisa agradável. Em um céu azul, sem uma nuvem e todo banhado de sol, onde nos chegavam os longínquos latidos dos cães da cidade, a calma nos imobilizou!... A princípio rimo-nos do caso. Depois veio a fadiga. Por fim quase a inquietação... O pior era que perdíamos gás. Enquanto lentamente vagávamos para leste, hora a hora, um a um, os sacos de lastro se tinham esvaziado. ... nos vimos obrigados a atirar fora objetos de toda espécie: sacos para o lastro, cestos da comida, dois banquinhos





# SANTOS DUMONT: DEDELO, A REALIDADE DO VÔO

portáteis, duas Kodak, uma caixa de chapas fotográficas....Tenho sentido não só medo, mas até mesmo sofrimento e real desespero a bordo de uma balão esférico."

O sonho do vôo perde, aos poucos, seu caráter puramente onírico. Quando tenta realizar o primeiro vôo dirigido, em seu dirigível de número 1, em 20 de setembro de 1898, cai e sente o outro lado do vôo. Sua descrição do acidente já é técnica, embora ainda mantenha um pouco o seu lado de um sonhador. O seu dirigível apresentou uma falha nas válvulas e sua descida transformou-se em queda. "Tive a impressão de estar tudo acabado, pois a descida iniciada não podia mais ser interrompida pelos meios em uso..."

Em 8 de agosto de 1901, quando acabava de contornar a Torre Eiffel e se dirigia de volta ao campo de Saint Cloud, certo de que ganharia o maior prêmio da

somente, um problema técnico que deveria ser encarado tecnicamente. Santos Dumont já não comentava as sensações, mas descreveu o prazer de estar conseguindo ultrapassar um desafio. O balão é um instrumento, o vôo um meio.

Em 19 de outubro de 1901, quando, com o seu N-6, finalmente consegue ganhar o prêmio Deutsch, ele está mais preocupado em ver como sua aeronave funciona do que partilhar das sensações de estar flutuando no ar.

A partir de 1904, quando começou se dedicar ao vôo do mais pesado que o ar, o caráter onírico do vôo parece estar distante. O desafio era o que estava em jogo. A competição prevalecia. Tinha que ser o primeiro a voar. Não era um sonho, era uma disputa, embora motivada pelo sonho antigo. Em 23 de outubro de 1906, ao realizar um vôo de 60 metros com o 14bis e ganhar a taça Archdeacon, sua maior preocupação estava em tentar ultrapassar a sua própria marca. Seu investimento, emocional e intelectual, voltava-se para o aperfeiçoamento de um invento, o que justifica a sua enorme energia despendida neste período. Em 12 de novembro de 1906 realizou o primeiro vôo completo e homologado da história da aviação voando no seu 14bis. Mas ele não se sentia satisfeito: "Atualmente minha máquina é um aparelho bem grande, mas espero, nas futuras construções, diminuir o tamanho das asas até que elas não tenham mais de três ou quatro pés de comprimento, com largura de dois pés no máximo". Em um curto período de menos de um ano realizou mais cinco projetos. Estava motivado pela competição que animava os outros inventores e queria dar uma solução segura para o vôo do avião. Em menos de um ano mudou sua construção mental e chegou a uma solução nova com o Demoiselle. Atingia, assim, o seu objetivo.

Viu realizados os seus sonhos anteriores e, a partir de 1910, quando abandonou o campo de provas, trabalhou no sentido de mostrar que o avião era um novo instrumento seguro e prático e que contribuiria para a união entre

nações. De certa forma, um novo sonho o encorajava.

Os anos seguintes foram dedicados à divulgação do vôo e nesta direção trabalhou sem descanso. No fim da vida, a partir de meados da década de 1920, estava abalado e deprimido, mas mantinha-se consciente de seu estado. Internou-se em alguns sanatórios a fim de se tratar de um estado de melancolia e depressão. E começou a torturar-se ao assumir a responsabilidade das mortes causadas pelos aviões e dirigíveis. O seu sonho de voar, o seu pesadelo da queda e o seu racionalismo técnico cederam lugar ao desespero de derrota. Confundiu-se com o que inventou. Sofreu ao saber das notícias de acidentes e seu estado depressivo só se agravou até o seu suicídio em 23 de julho de 1932, pouco após completar 59 anos. Viveu o final de sua vida como Dédalo, que lastimava-se de ter inventado as asas que levaram a morte seu filho.

## BIBLIOGRAFIA SUGERIDA:

- HYPPÓLITO da Costa, F. Santos Dumont: história e iconografia. Rio de Janeiro: Incaer-Villa Rica, 1990.  
JORGE, F. As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1977.  
LINS DE BARROS, H. Santos Dumont e a invenção do vôo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.  
\_\_\_\_\_. Santos Dumont: o homem voa! Rio de Janeiro: Contraponto-Petrobrás, 2000.  
\_\_\_\_\_. Alberto Santos Dumont. Rio de Janeiro: Index e APC, 1986.  
NAPOLEÃO, A. Santos-Dumont e a conquista do ar. BH/RJ: Itatiaia Lacer, 1988.  
SANTOS DUMONT, A. Os Meus Balões. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.  
\_\_\_\_\_. 1918. O que eu vi, o que nós veremos. Petrópolis: Ed. Do Autor, 1918.  
\_\_\_\_\_. How I became aeronaut and um experiences with air-ships. McClure's Magazine V, XIX. (agosto), 1902.  
VILLARES, H. Dumont. Quem deu asas ao homem: Alberto Santos Dumont, sua vida e sua glória. Rio de Janeiro: MEC, 1957.

HENRIQUE LINS DE BARROS é doutor em Física e pesquisador titular do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Em 2001 recebeu a comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico e em 2002 a medalha Mérito Santos Dumont. Entre seus livros estão: Santos Dumont e a invenção do vôo (Jorge Zahar ed., 2003) e Santos Dumont: o homem voa! (Ed. Contraponto, 2000).

época, o prêmio Deutsch de La Meurthe, seu dirigível 5 entrou em pane. A queda já não tinha mais nada de sonho. Sua descrição é técnica e emocionada. Viu os cabos do balão serem cortados pela hélice e sabia estar vivendo um pesadelo. O balão cheio de hidrogênio podia explodir a qualquer momento. E, de fato, explodiu ao bater no telhado do Hotel Trocadero. Mas, para sua sorte, foi uma explosão fria, devido à pressão interna do gás, e o hidrogênio não entrou em combustão. O vôo já havia perdido o seu lado onírico. Era, tão



# QUEM TEM MEDO

## MARIA APARECIDA SILVA RIBEIRO

“-Tia, olha só, quando você abre a porta de uma casa suja, escura e abandonada, onde ninguém vai há muito tempo, você abre a porta e repentinamente acende a luz, o que você vai encontrar correndo pelo chão?”

- Baratas ...?

- É, baratas, muitas, correndo pelo chão, tudo doido, cada uma por um lado. E aí, tia, só tem duas coisas que você acaba fazendo.

- Uma é correr (risos).

- É, ou você corre, ou você sai pisando nelas todas. De medo, de nojo, sei lá, ou você fecha a porta pra nunca mais abrir ou você quer pisar nelas todas de uma vez.

- (Silêncio.)

- Pois é, tia, nós aqui dentro, menino infrator é tudo barata.”

O rapaz franzino, de olhos estreitos e fala gíngada, fazendo uso de uma construção alegórica bastante coerente, exibiu em um dos meus primeiros encontros com os internos do CRIAM<sup>1</sup> uma lógica implacável. Questionava, na verdade, as intenções de minha pesquisa, provocando-me do alto de sua experiência em entrevistas para jornalistas, pesquisadores de diversas áreas, técnicos e especialistas em (re)educação. O garoto não sabia que, naquele momento, junto com aquela versão remasterizada da metáfora kafkiana, era um desafio o que ele me lançava. A imagem de um menino-barata construída pela força de seu discurso irônico e provocador, me acompanharia ainda por muito tempo e acabaria orientando muitas das escolhas profissionais e acadêmicas que depois vim a praticar.

Quando resolvi investigar as práticas leitoras de adolescentes internos em centros de recuperação para menores infratores, no Estado do Rio de Janeiro, os CRIAMs, em agosto de 1998, buscava estabelecer conexões entre os produtos da cultura que aqueles

jovens consumiam – pela via do texto escrito, das letras de música, dos filmes a que assistiam – e a cultura que (re)produziam na forma de relatos, projeções, histórias compartilhadas, atitudes e visões de mundo. O que hoje – passados quase cinco anos desde meu último contato com aqueles jovens – me parece ser o objetivo mais imediato daquela empreitada (um tanto intuitiva e afoita demais, confesso) era o de colocar à prova certos conceitos com que lidava, academicamente, por ocasião do doutoramento na PUC – leitura, experiência, narração. Acho que o que primeiro busquei naqueles encontros, carregados de memórias e silêncios, de vivências quase nunca compartilhadas via relato, foram doses maciças de “realidade”. E acabei encontrando muito dos sonhos, pesadelos, visões do inferno e do paraíso, com que aqueles garotos, já tão velhos de tanta experiência degradante (ou desmoralizante, no dizer do filósofo Walter Benjamin), construíam seu arsenal para lidar com a porção de guerra que lhes cabia viver.

“Pisar nas baratas” equivalia ao julgamento apressado da opinião pública e do noticiário policial (“bandido bom é bandido morto”, não importava a idade). “Pisar nelas todas de uma vez” era diluir a complexidade dos problemas, considerando os indivíduos como massa amorfa e indesejável, dando-se por satisfeitos com a análise fria dos números de pesquisa. Cobrir com uma tarja preta os olhos do infrator equivalia a mascarar seu nome com uma sigla que nada queria dizer – no discurso jornalístico, aquele menino que se servira de uma argumentação em parábola, seria apenas um J.L.R. qualquer. Inibir sua fala e ignorar suas histórias seria o mesmo que “fechar a porta e nunca mais abrir”.

Feitos de sonhos, miragens e divagações, envoltos num discurso saturado de vida real, são os episódios que trago aqui. Pequenas histórias, quase banais, que escapam pelas frestas da casa velha, escura e abandonada. E que, em respeito a uma promessa tácita àquele

menino miúdo e irritadiço de minha primeira visita, divido com quem também queira vencer o medo de baratas.

### 1. A princesa prometida

Após ouvir alguns temas musicais do compositor escocês Mark Knopfler, especialmente compostos para o filme *A princesa prometida*<sup>2</sup>, conversamos sobre contos de fada. Perguntei sobre as histórias que conheciam e da ocasião em que haviam escutado essas histórias. Li para eles um conto de fadas. Ao final da história, tentaram respostas para um enigma proposto. Citei alguns elementos recorrentes nos contos de fada, seus personagens, seus conflitos, a magia e encantamentos típicos dessas histórias. Perguntei se, às vezes, se sentiam como heróis dos contos de fada. Alguns se disseram guerreiros a serviço de um rei, defendendo um reino.

Falamos sobre os inimigos. Um deles citou como adversário os “alemães”<sup>3</sup>. Um garoto magrinho de olhos muito vivos disse que, para ele, o Dragão, o Grande Mal era o Juiz da 2ª Vara de Infância e Adolescência. Perguntei se eles tinham alguma princesa. Um deles, com um ar um tanto debochado, disse que, lá fora, era sua namorada, mãe de seu filho. Ali, sua princesa era o Wanderley.

### 2. Visões do Paraíso

Distribuí, entre eles, folhas de papel e material de desenho, pedi que desenhassem aquilo que pediriam a uma fada madrinha, caso encontrassem uma.

Um rapaz alto e corpulento, com o rosto marcado por cicatrizes e aparentando mais que seus dezesseis anos, desenhava, compenetrado, em traçado infantil, uma pequena casa com uma chaminé, de onde saía uma fumacinha branca; uma árvore cheia de frutos vermelhos, de onde pendia um balanço com uma criança de pernas compridas e finas; um caminho margeado por flores, um sol amarelo que sorria.



# O DE BARATAS?

Um outro, pequeno e franzino, desenhava armas de fogo: fuzis, escopetas, metralhadoras, enquanto me perguntava, com um jeito de falar gingado e algo agressivo, se fuzil era com s ou z, se submetralhadora tinha ou não i. Arrancou alguns risos do grupo, no início. Depois, todos voltaram aos seus próprios trabalhos.

### 3. O Fantasma do Pai

Cena de abertura de Hamlet. Leitura do texto escrito. A cena é vista em produção norte-americana, com Mel Gibson, no papel título. Uma conversa no fundo da sala, interrompe o silêncio. Dois garotos divergem sobre a existência de fantasmas. Enquanto um acredita, o outro diz que fantasmas não passam de bobagens inventadas. Paro o filme. Peço que falem alto para o grupo todo ouvir. Alguns protestam, queriam que a fita continuasse. Então, o que duvidava da existência de fantasmas encerra a discussão com o raciocínio: "Tudo bem, acreditar, eu não acredito. Mas é claro que se fosse o fantasma do meu pai, como o do tal Hamlet, eu acreditaria. Meu pai nunca mentiria para mim."

### 4. Histórias para dormir

A versão cinematográfica de Hamlet, em sua opção por manter os diálogos originais da peça, acaba entediando alguns dos rapazes. Alguns preferem sair da sala, outros ficam e tentam entender o filme.

Em determinado momento da exibição, um dos rapazes, apelidado de Ovinho, (por sinal, o mais atento às discussões, embora não costumasse fazer uso da palavra em grupo, apenas individualmente, nos raros momentos em que pudemos conversar) levanta-se e sai da sala.

Fico um tanto decepcionada, já que ele era um dos que, pela expressão do seu rosto, demonstrava certo esforço em entender aquelas falas carregadas de construções poéticas e os conflitos daqueles seres tão estranhos ao grupo. Logo em seguida, ouço a porta ao lado abrir com estrondo e Ovinho adentra a sala de

recreação em que estávamos, carregando nas costas um colchonete, travesseiro e cobertor. Os adolescentes imediatamente olham para mim, como a perguntar se aquilo era permitido. Eu, entre espantada e satisfeita com o regresso de Ovinho, faço um gesto de assentimento. Todos se precipitam em direção à porta. E um deles me pede que aperte o botão do pause. Instantes depois, uns quinze meninos voltavam com suas camas improvisadas para assistirem ao resto da fita.

### 5. Sobre a função das fadas madrinhas

Um garoto, quieto e desconfiado, sentado no fundo da sala não desenhou nada. Estimulado a participar da atividade, começou a enrolar a folha de papel que havia recebido. Perguntei se não tinha nada a pedir à fada madrinha. Se não tinha nenhum desejo que quisesse realizar. Olhou para mim, sério, com o canudo de papel entre os dedos e disse que se pudesse mesmo pedir alguma coisa, um cigarro de maconha caía bem.

O grupo me encarou, atento à minha reação. Eu titubeei por alguns segundos e sorri, meio sem graça, para o menino. Respondi que, naquele caso, ele pedia muito à fada madrinha, era como se ele estivesse querendo dela sua varinha de condão. O grupo pareceu gostar da resposta. Alguns começaram a conversar em pequenos grupos. (...) Conversavam entre eles e interrompiam o assunto quando eu me aproximava.

As histórias contadas correspondiam, quase sempre, fragmentos de histórias vividas pelos adolescentes. Ainda que estas viessem modificadas pelas tintas de seus desejos. Sob a proteção dos contos de fadas, falavam de si muito mais generosamente, quase esquecidos da cautela que, em geral, permeava seu discurso. Era como se, naqueles momentos em que, aparentemente, analisavam o drama de

um ou outro personagem, eles próprios fossem também seres construídos pela ficção. Heróis e guerreiros saídos das histórias, imortais, atemporais, imunes às sanções da vida real. Porém, naqueles (raros) instantes em que "baixavam a guarda" de seus discursos, não eram, exclusivamente, suas fantasias o que a leitura das histórias liberava. Muitas vezes, era o que suas vidas tinham de mais realístico e contundente: o dia a dia no cárcere, a difícil adaptação a uma nova realidade, as restrições de toda ordem.

Os exercícios de leitura, por vezes, pareciam representar para aqueles jovens a única oportunidade de organizar, através do discurso, um pouco do caos a que suas curtas vidas se haviam reduzido. Assim, por suas palavras, passavam a ter, tal qual Hamlet, um



# QUEM TEM MEDO DE BARATAS?

# ENTRE SONHOS

(continuação)

pai de porte real que nunca lhes mentiria e que, alheio à morte física, clamava por justa vingança nascida das mãos do filho príncipe; uma princesa prometida, ideal mas quase inatingível em seu encantamento, e uma outra possível, parceira dos dramas e agonias de seu sofrimento real; a dupla identidade de adolescente que não deixou para trás a inocência pueril e as imagens de casinha feliz que nunca teve, e do bandidão perigoso, armado até os dentes, respeitado como nunca chegará a ser.

Como cantigas de ninar, as histórias que se lhes contavam despertavam sonhos e sono, num único movimento. Era como se, dormindo, as levassem para dentro de si, em busca de melhores pontos de vista. Era preciso ouvi-las como a acalantos, recuperando a época anterior ao momento em que deixaram de ser crianças para serem menores. Como se lá estivessem as chaves para entenderem seus próprios dramas, muito mais desesperadores do que o do jovem Hamlet. Era preciso descobrir, naqueles antigos contos, as palavras mágicas, o objeto maravilhoso, o verdadeiro condão que os desencantasse, liberando-os da carapaça suja e áspera com que, muitas vezes, se escondiam aqueles garotos disfarçados de baratas.

## NOTAS:

1. Centros de Recursos Integrados de Apoio ao Menor: unidades de atendimento a jovens em conflito com a lei dirigidas pela Secretaria de Estado da Justiça do Rio de Janeiro.

2. The Princess Bride, (A princesa prometida). Longa-metragem, EUA. Direção: Rob Reiner. 1987

3. "Alemão": giria para inimigo, adversário, cf. explicação dos próprios adolescentes.

MARIA APARECIDA SILVA RIBEIRO é professora e pesquisadora. Doutora em Letras pela PUC-RIO, leciona na Faculdade de Comunicação da Universidade Estácio de Sá.

## BARTOLOMEUCAMPOS DE QUEIRÓS

Quando ainda criança eu sonhava estar caindo em abismos profundos, intermináveis e insondáveis. Um frio tomava conta do meu corpo e a queda era tão real quanto o mundo. Sonhar era também sofrer. Acordava sobre a cama com o peito sufocado pelo grito contido e tudo era um grande alívio. Para explicar tais fatos, eles me diziam que eu estava crescendo, como se para crescer fosse preciso cair. Por outras vezes era aconselhável ter, como amigo, um grande Anjo-da-Guarda por perto, para proteger dos perigos durante as noites, quando a alma ganhava liberdade para visitar o universo inteiro. Sonhar era perder os limites. E ao acordar no meio do sonho, o medo de dormir de novo, e sonhar o mesmo sonho, não mais me permitia dormir. Assim acordado, pensando sobre os medos e assombros, eu continuava sonhando acordado. Sonhar era uma condenação que se recebia ao nascer e que valia por toda vida.

Passei a usar óculos para tornar o mundo mais claro. Não raras vezes passei a dormir com eles. Era uma tentativa vã e primária de encarar meus sonhos com mais lentes e proximidades para não deixá-los escapar pela noite adentro como se o sonhado pudesse ser ignorado, esquecido. Fixá-los e decifrar seus enigmas era tudo o que mais eu desejava. E mesmo que eles arranhassem meus olhos com o excesso da liberdade ou arrombassem meus ouvidos com seus segretos ruídos, meu desejo era sonhar sempre. Sonhar era uma pausa, um carinho sobre as tristezas, uma suposta esperança. Sonhar era um prenúncio de transformação.

Um tempo depois descobri que para sonhar nem era preciso dormir. A memória do cotidiano exigia sonhar. Chegava mesmo a duvidar sobre a existência do mundo. Bastava reparar sobre o dia a dia da terra e

seus habitantes para que me viesse o impulso de acariciar, amenizar, afagar esse lugar da real incoerência. E tudo só era possível sonhando. Mas meus gestos eram tímidos e me faltavam mãos para amá-los por inteiros.

Aos poucos e lentamente me vi descobrindo o sonhar como um grande remédio para suportar a dor do mundo. O sonho passou a ser um paliativo necessário. E por essa dor continua eu possuía um sonho contínuo. Se o sofrimento me levava ao sonho, o sonho me remetia ao real. Realidade e sonho eram gêmeos e agiam simultaneamente. Eles andavam de mãos dadas para que o desamparo diante da vida não nos trouxesse apenas o desânimo.

Hoje descubro que vivo em permanente estado de sonho. Acordo e durmo, com óculos ou sem óculos, entre sonhos. Cada esquina que dobro, cada praça que vejo, cada espaço que frequento, só é possível estar inteiro se o sonhar me acompanha. Em cada paisagem feita de injustiças e tristezas, fome e medo, ódio e guerra só o sonho me faz acreditar que tudo vai passar.

Quando pequeno e o silêncio me invadia, encolhido meu olhar atravessava o mundo por longo tempo. Eles, adultos, invadiam o meu sossego e me diziam para abandonar o sonho. Eu escutava o pedido mas já sabia que toda realidade pode ser alterada. É preciso apenas não se conformar com a superfície plana das coisas. Só o sonho nos dá o avesso, as costuras, a fortaleza dos pontos.

Agora ajeito os meus óculos e continuo meu percurso tendo o sonho como arma. Já não sei mais quando sonho. Eu me equilibro entre o fio do sonho e o gume da realidade. Tudo é real e possui vários sentidos. E o sonho, só o sonho me permite sonhar com outras realidades.

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS é escritor. Entre seus livros estão: Bichos são todos...bichos (Brasil), Coração não toma sol (FTD), Diário de classe (Moderna) e Flora (Miguelim).



# UM PRÊMIO ESPECIAL PARA A VOVÓ DOS LIVROS

## TATIANA BELINKY

Dia desses, refastelada na minha poltrona, com um livro no colo, me vi de repente naquela “zona crepuscular” que fica entre o sono e a vigília. E tive uma visão – ou teria sido um sonho? Não sei... O que sei é que apareceu diante de mim um velho bruxo benevolente, que me disse,

- Parabéns, Vovó dos Livros, você foi premiada na minha Loteria Bruxal. E o seu prêmio muito especial é a oportunidade única de ver realizados três desejos, por mais extravagantes que sejam. Pense bem no que vai pedir! Você tem três minutos para decidir – vou começar a contagem: um...

Mas ele nem teve tempo de contar até dois, quando sem hesitar eu respondi,

- Para mim basta um só, Vossa Bruxolência!

- Um só desejo? Quando você pode fazer três?! Como assim, Vovó dos Livros?

- Pois é. Para mim basta a realização de um velho sonho meu – um só! Ouça com atenção, Vossa Bruxolência!

E eu falei, alto e bom som:

- O meu único desejo é um grande e talvez insólito desejo. O que eu quero pedir é apenas isto: peço que me seja concedida – (e não precisa ser já, pode levar o tempo que for necessário, pode até demorar) – repito: peço que quando chegar a minha hora, me seja concedida a graça de uma boa morte!

- Morte! - espantou-se o bruxo - Que idéia esquisita! Ninguém escapa da morte, de qualquer jeito. Então por que desperdiçar um raro desejo, pedindo a morte?

- Eu não pedi “a morte”, ela virá de qualquer maneira, no seu devido tempo. O que eu pedi foi uma BOA MORTE! Isto é, uma morte

calma, tranqüila, em casa, sem dores físicas, sem longa agonia, sem sofrimento moral ou emocional, sem revolta. E também sem causar muita surpresa, nem muito susto aos outros. Que fiquem um pouco tristes, que até chorem um pouco... Afinal, eu ficaria frustrada se ninguém sentisse nada, ou pior ainda, se apenas sentissem alívio... Mas voltando ao meu desejo, o meu já meio antigo sonho, repito – o que eu peço é uma BOA MORTE, quando chegar a minha hora.



- Tudo bem, disse o bruxo, balançando a cabeça, meio perplexo. Esta parte eu até compreendo. Mas não existem outras coisas que você poderia desejar, Vovó dos Livros – pelo menos os outros dois desejos, anteriores a este, tão... tão definitivo? Confesso que eu não entendi. Sei de gente que ficaria até atrapalhada para escolher só três entre tantos desejos que podia manifestar – riqueza, juventude, sei lá o que mais... Você poderia me explicar por que pede tão pouco, Vovó dos Livros?

- Tão pouco!, exclamei, mas como, Vossa Bruxolência, tão velho, tão sábio, não entende, não sacou o que implica esse meu único desejo? Quer que eu explique?

- Explique, explique, pediu o bruxo. Estou curioso.

E eu tentei explicar.

- Veja, Vossa Bruxolência. Esse meu único desejo, aparentemente tão simples, é muito “mais por dentro do que por fora”. Nele expressos, nas três singelas palavrinhas “uma boa morte”, cabem “todos os outros desejos”, muitos mais do que apenas três. Porque, para eu pedir uma boa despedida desta passagem que é a vida, eu precisaria estar serena e tranqüila quanto a “tudo o mais”. Para poder partir e descansar em paz, eu precisaria ter certeza de um montão de coisas: a certeza que meus “entes queridos” sejam pessoas de bem, em paz consigo e com a vida, bons e úteis membros da comunidade, e que vivam em uma sociedade solidária e justa, em um mundo de paz e harmonia entre todos os povos! Uma BOA MORTE! Eu nem sei se mereço tanto!

- É, disse o bruxo, pensativo. Agora entendi. O seu único pedido é um só, mas é muito, muito grande, Vovó dos Livros! E não é fácil de realizar, mesmo para um bruxo velho e escolado como eu...

E foi aí que o telefone ao meu lado fez soar o seu toque ardido e eu abri os olhos, num sobressalto, sentindo uma velha e bem familiar pontada no lombo.

Aha!, pensei. Se está doendo é porque estou bem viva. Ainda não chegou a tal da minha hora...

TATIANA BELINKY é escritora. Entre seus livros estão: Mandaliques, O caçador valente e Um caldeirão de poemas.

\*MÁSCARA, ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM DE ODILON REDON, 1910



# SENHO

## MIRIAM SUTTER

Nos confins do mundo há uma caverna profunda e secreta, encravada em uma montanha. Uma silenciosa quietude reina nesse lugar inacessível aos raios do sol. Ali, em um doce convite ao sono, só se ouve o constante murmúrio das águas da nascente do Letes, o rio do esquecimento. À entrada da caverna, florescem tufos de papoulas e inúmeras ervas soporíferas, das quais a noite úmida colhe o torpor que espalha pelas terras mergulhadas em sombras. Bem no centro da caverna, entregue a um lânguido repouso, um pequenino deus, o Sono, está deitado em seu alto leito de ébano, adornado de negras cortinas. Em torno dele esvoaçam seus filhos, os Sonhos de múltiplas formas, tão numerosos quanto as espigas das searas, as folhas da floresta e os grãos de areia das praias. De lá ele os envia aos mortais enquanto dormem, e, dentre todos os seus filhos, é Morfeu o predileto.

É de Ovídio<sup>1</sup>, poeta latino do século I a.C., esta bela imagem mitopoética sobre o mundo onírico e seus gênios ou numes. Mas Ovídio não é uma voz solitária. Muito pelo contrário, dialoga com toda uma tradição mítica que vem desde os tempos de Homero. Mas não só com o passado dialoga Ovídio, pois a poesia de todos os tempos divide com os mitos e os sonhos o privilégio de pertencer à dimensão simbólica da experiência humana. Neste sentido, também os sonhos não se restringem à atividade onírica durante o sono. Nossas vivências de aspectos simbólicos da vida quando estamos acordados

também podem ser chamadas de sonhos. Ainda nesta perspectiva, também os mitos representam sonhos, mas sonhos de caráter transpessoal, por meio dos quais se expressam os grandes mistérios da existência humana. Um deles, nas palavras de Fernando Pessoa, é justamente "O sono! Este mistério entre dois dias ..."

Nos mitos, este mistério, como todos os outros, é explicado no âmbito do sagrado e do divino. O sono, por independe da vontade humana, é entendido como uma manifestação divina: ele é um ente divino, um nume, ou como diriam os gregos, um daímon. E os sonhos, seus filhos, são mensagens divinas transmitidas em forma de visões. Nos tempos míticos, nossos ancestrais não tinham sonhos, eles viam sonhos.

Em grego, sono se diz hípnos, palavra que nos legou hipnose, hipnótico, hipnotismo etc. Sonho, por sua vez, se diz óneiros, derivado de ónar. De óneiros nos provêm onírico, oniromancia etc. Mas na linguagem do mito, como já vimos, estas palavras ultrapassam a mera função lingüístico-referencial e tornam-se entes divinos: são Hípnos e seu filho Óneiros, membros de uma vasta família mítica.

Hípnos é um dos filhos de Nix, a Noite nascida de Caos. Nix gerou Hípnos juntamente com Tânatos, seu irmão gêmeo. Da mesma geração de Nix nasceram ainda as Deusas fiandeiras dos destinos (Moíras), o Engano (Apâte), a Discórdia (Éris), a Amizade e a Ternura (Philotes) ...<sup>2</sup>

Como se depreende dos nomes de seus "parentes", Hípnos é membro de uma família que circunscreve um campo de forças irresistíveis e sedutoras, mas também temíveis e obscuras. O mesmo vale para Hípnos, pois é uma divindade-limiar que se situa na interseção de dois mundos: o da vida/vigília e o da morte/sono. Por isso mesmo, Hípnos é irmão gêmeo de Tânatos, a morte. Em outras palavras, sendo o sono profundo uma espécie de morte-em-vida, Hípnos e Tânatos são as duas faces de uma mesma, mas sempre ambígua realidade: vida e morte, memória e esquecimento, consciência e inconsciência... Justamente por ser um mundo limítrofe entre o viver e o não viver, também é durante o sono que os mortos podem se comunicar com os vivos. Veja-se, por exemplo, a comovente passagem da Ilíada, em que o espectro ou a psiquê de Pátroclo aparece a Aquiles, durante o sono, reclamando do amigo que lhe cumprisse os ritos fúnebres.<sup>3</sup>

Se Tânatos geralmente não é personificado, Hípnos o é, talvez por ser mais íntimo dos homens. É um pequeno ser alado, muitas vezes chamado de deus-pássaro, quase sempre benigno, o mais plácido dos deuses, aquele que traz paz à alma, afugenta as preocupações e revitaliza o corpo cansado do trabalho diário. Mas seu aspecto tenebroso e temível também se faz presente, quando pousa sobre a cabeça e coração dos mortais, lançando-os em um sono paralisante que os precipita nos braços de seu irmão Tânatos<sup>4</sup>.

Pai dos Sonhos, como nos ensina Ovídio, o Sono possui incontável prole. Morfeu é o nome de seu filho mais famoso. Morfeu<sup>5</sup> é um nome derivado da palavra grega morphé, que significa forma, aparência. Este numen ou gênio do sonho, muitas vezes identificado com o próprio deus do Sono, só assume a



# SONHOS DA NOITE

forma de seres humanos. Ninguém como ele para tomar o rosto, a figura, as maneiras e a voz de quem deve representar e, assim metamorfoseado, apresentar-se aos mortais em sonhos. Como o fazia? Alado tal qual seu pai, Morfeu esvoaçava ágil e silenciosamente sobre qualquer ser humano, fazendo-o adormecer se ainda estivesse acordado, para então manifestar-se como sonho durante o sono.

Hípnos e Óneiros ou Sono e Morfeu. Estas poéticas imagens, longe de meras metáforas literárias, atestam a reverência sagrada com que gregos e também latinos concebiam o mistério do sono e dos sonhos. E foi esta reverência que os levou, de certa forma, a antecipar Freud. Na Grécia antiga, no santuário de Asclépio<sup>6</sup>, o deus da medicina, a cura total do paciente implicava a "nooterapia", isto é, a cura pela mente. Como não podia deixar de ser, esta não dispensava a interpretação dos sonhos, considerados manifestações divinas do próprio Asclépio. A pessoa doente dormia no santuário, e seus sonhos eram interpretados pelos sacerdotes que então lhe prescreviam o tratamento. Era a antiga mântica por incubação, ainda conhecida em tempos do império romano.

Não devemos, contudo, julgar os antigos uns crédulos ingênuos. Desde Homero distinguiram-se os sonhos verdadeiros (significativos) dos falsos (não significativos), como bem diz Penélope a Ulisses<sup>7</sup>. Mas é com o pensamento pré-socrático que vamos encontrar uma definição estranhamente moderna da experiência onírica. Referimo-nos a Heráclito, o filósofo-poeta, quando afirma<sup>8</sup> que durante o sono cada um de nós recolhe o mundo todo seu... E assim... eis-nos de volta a Pessoa:

"O sono! este mistério entre dois dias  
Que traz ao que não dorme  
À terra de aqui visões nuas, vazias,  
Num outro mundo enorme".<sup>9</sup>

## NOTAS:

1. OVIDIO. *Metamorfoses*. XI, 592 sqq.
2. Cf.: HESÍODO. *Teogonia*, v.211 sqq.
3. HOMERO. *Iliada*, 23, 95 sqq.
4. Vide VERGÍLIO. *Eneida*, 838 sqq., versos em que Vergílio narra a morte de Palinuro, o piloto da nau de Enéias, que foi vítima do deus Sono.
5. Morfeu, apesar de sua origem grega, é um nome usado e imortalizado por Ovidio (*Met.* XI, 635 sqq.). Os poetas gregos nunca empregaram este nome. Em grego, o sonho personificado chama-se Óneiros.
6. O santuário de Asclépio (Esculápio, em latim) situava-se em Epidauro e era um importante centro médico na Antiguidade.
7. *Odisséia*. 19,560 sqq.
8. Fragmento 2.
9. FERNANDO PESSOA. *Obras Completas. Poesias Coligidas*, 786.

MIRIAM SUTTER é professora da PUC-Rio, doutora em Língua e Literatura Latina.

## Vaidade

"Sonho que sou a Poetisa eleita,  
Aquele que diz tudo e tudo sabe,  
Que tem a inspiração pura e perfeita,  
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem clareza  
Para encher todo o mundo! E que deleita  
Mesmo aqueles que morrem de saudade!  
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo...  
Aquele de saber vasto e profundo,  
Aos pés de quem a terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,  
E quando mais no alto ando voando,  
Acordo do meu sonho...

E não sou nada!..."

FLORBELA ESPANCA 1894 - 1930. Poeta portuguesa, conhecida pela profunda tristeza de sua obra e vida.



A Dantes Editora publica  
os **sonhos** de Ana Miranda  
e as **sombras** de  
Hans Christian Andersen,  
Jack London,  
e Robert Louis Stevenson

21 25113480  
dantes@pluque.com.br





# COMO UM DRIBL

## RICARDO OITICICA

“O pior é que as tristezas voltam e não há outro Garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos preencha o sonho.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O sonho Garrincha é da mesma ordem do sonho Drummond: êxtase derivado de uma sensação estética. E agora? Já que a comparação me ocorreu, e antes que a crítica torça o nariz, o jeito é entrar em campo: o campo semântico “futebol & literatura». Entram comigo Nilton Santos, a Enciclopédia; a Academia do Palmeiras; Rubens, o “doutorem dribles e salames”, o filósofo Neném Prancha e por aí vai.

Bola pra João Cabral, ex-juvenil do Sport Club Recife: futebol é “dar aos pés astúcias de mãos”. Não é outro o sentido da gíria “caneta”. Com as suas, Garrincha escreveu certo por linhas tortas. E é pena também que não haja outro Drummond disponível (nem João Cabral, embora ainda ontem, na porta da universidade,

eu tenha avistado uns  
três ou quatro,  
não digo

disponíveis, mas em greve, o que não é a mesma coisa).

A admiração planetária pelo craque, mesmo analfabeto, é de fundo atávico: o craque é o triunfo do bípede, sua sofisticação. Comparem o rugby ao futebol e saberão do que falo. Quem realizou o sonho do *pithecanthropus erectus*? Ademir da Guia, Didi, Falcão. E o sonho do *homo habilis*? Zico, Mário Sérgio, Tostão. Finalmente, o homem que sabe tudo: Pelé. O futebol é codificado em 1863 para acrescentar um capítulo à teoria de 1859: a evolução da nossa espécie só se completa quando o homem transforma os pés em mãos. Darwin à parte, Deus criou o craque a sua imagem e semelhança. E descansou no domingo para vê-lo jogar.

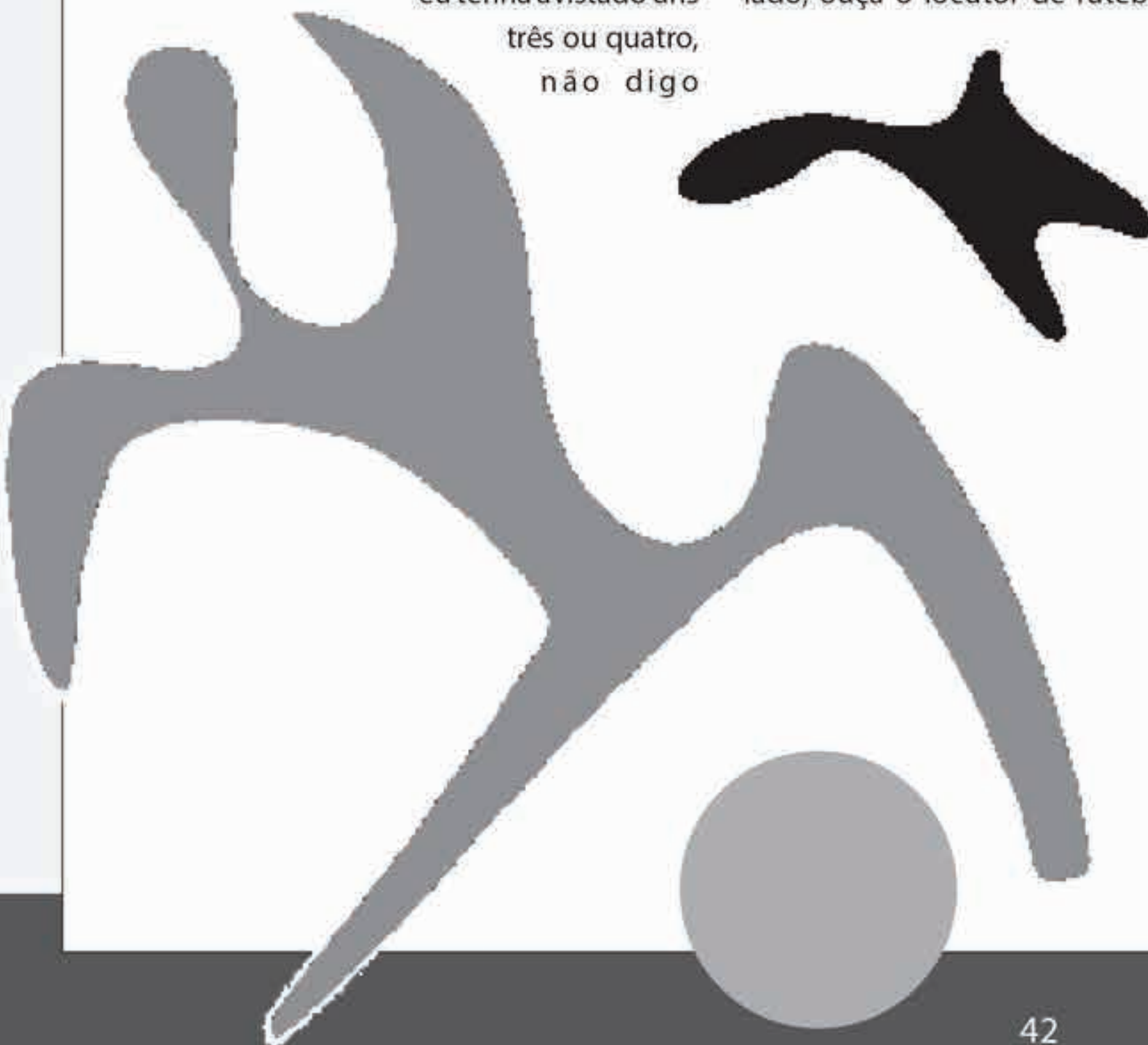
Quase me perco em devaneios: o fundamental é que o ano de 2003 marca os 70 de nascimento e os 20 da morte de Garrincha – como Maracanã, nome de passarinho. Nesse ano redondo, se alguém quiser entender a doce redundância do seu drible, sempre pro mesmo lado, ouça o locutor de futebol Ari Barroso

– “ah, esse coqueiro que dá côco”. E se quiser entender sua vida, cheia de obstáculos, ouça o hóspede do jogador Falcão no Hotel Majestic, Mário Quintana: “Todos esses que aí estão/ Atravancando o meu caminho,/ Eles passarão,/ Eu passarinho”.

Entre o primeiro drible e o último trago, Garrincha foi do sonho ao pesadelo como o herói a quem o destino pune exemplarmente: apreciem, mas não sejam Mané. A admiração das pessoas se converte então em terror e piedade. Sem conseguir embriagar a torcida, tornou-se um ébrio. Um amigo de farra contou para a imprensa o fim do craque: “Garrincha vinha bebendo direto há uma semana (...). Tomava conhaque, enxugava com cerveja” – não sei, mas esse conhaque botou a gente comovido como o diabo.

Manchete do *France Soir* na Copa da Suécia (1958): “O Brasil tem um Rei: Pelé”. Era um conto de fadas: a coroa cabia direitinho na cabeça do garoto pobre. Garrincha ria daquilo tudo. Quase não joga a Copa por chamar para o drible um jogador já batido, antes de fazer o gol num jogo preparatório. Entre a Copa do Mundo e as peladas de Pau Grande, sua terra, não havia diferença: “Que campeonato mais mixuruca, esse! Não tem nem retorno!”. E como um Bobo da Corte para o choroso Menino-Rei: “Bota a cabecinha no meu ombro e chora”.

Manchete do *Daily Mirror* na Copa do Chile (1962): “O maior jogador do mundo não é Pelé, é Garrincha”. Era a hora e a vez do Mané Matraga, chamado, então, de O Rei dos Reis (o que em pleno mês de junho lembrava os balões King of the Kings aqui do Brasil). A Bruxa rondava aquela Copa desde que uma distensão fez de Pelé “rei morto”. Mané, atendendo a um reclamo coletivo por “rei posto”, deixava a margem em direção ao centro do campo. A sucessão do futebol mundial estava em jogo. Na vacância do Rei, machucado logo no segundo jogo, Garrincha fez tudo o que se esperava de Pelé: gol de cabeça, com as duas pernas (uma de cada vez), passes de mágica.





# E DE GARRINCHA

Mais até que Pelé, que nunca foi artilheiro de Copa.

O que não se esperava do novo Rei era uma inversão carnavalesca das expectativas. Garrincha recusou a gaiola de ouro. Ele também sentia a necessidade de não deixar vago o trono. Só não encarava a tarefa como a substituição de um Rei em plena batalha, mas em plena folia, e em vez da primeira-dama entronizou a colombina Elza Soares, transformando os membros da Comissão Técnica, tecnicamente, em alcoviteiros.

Acabado o jogo final, as instituições foram ouvir de Garrincha o que poderia ser o fecho de ouro da gaiola de um canarinho (o Rei até hoje é escravo dessa gaiola). Foi pedido a Mané que desse um adeus ao microfone da rádio chilena: "adiós, micrófono". Cômico e trágico. Seria a despedida de Garrincha de seu governo provisório, a quarta-feira de cinzas do seu último carnaval mundial.

Sua coroação foi a de um anti-Napoleão: "Pára comisso, gente! Chegade fotografia... Não sou Miss nem nada! Se eu ainda fosse uma Marta Rocha... E que negócio é esse de Rei Mané? Que Rei sou eu?". E saía cantando a música de Francisco Alves, o Rei da Voz, "sem reinado e sem coroa".

Depois daquela Copa em que fez o mundo sonhar, o camisa 7 voltava à ponta, ao córner, ao botequim da esquina. Intertextualidade é isso: o lugar do Anjo das pernas tortas do poema de Vinícius era a zona de sombra do Poema de sete faces, de Drummond.

Vocês dirão: Garrincha não soube administrar o dinheiro. Ele bem que se protegeu sob o guarda-chuva do Banco Nacional, o mesmo que acabou de dar um calote federal em mim e na torcida do Flamengo. É Nelson Rodrigues quem narra o encontro entre Garrincha e o diretor do banco: "O Zé Luís trata o dinheiro do Garrincha como se fosse seu (...), com uma só frega, uma angustiosa ternura; Garrincha, por sua vez, "não tirava do banqueiro o seu doce olhar de cutia". Depois de caracterizar as personagens, Nelson conclui a crônica: "Cá embaixo, o Mané pára um momento e fala para o Sandro Moreira: 'Pergunta ao Zé Luís se quer fazer um



banco comigo! Ninguém achou graça e cada um seguiu seu caminho".

A última vez que a multidão viu Garrincha, ele estava num carro alegórico da Mangueira no Carnaval de 1980, ainda sonado depois de mais uma internação hospitalar. Um passista da bola entronizado num carro... de rodas. Outra coroação às avessas: no auge, a de um Rei Momo; na decadência, a de um Pierrô triste – o seu carnaval sem nenhuma alegria.

O triste fim de Mané Garrincha pode ser ilustrado por dois momentos do livro *Carnaval, de Bandeira*. O Poema de uma quarta-feira de cinzas seria o epílogo:

"Entre a turba grosseira e fútil  
Um Pierrot doloroso passa.

(...)

Nublada a vista em pranto inútil,  
Dolorosamente ele passa.

Veste-o uma túnica inconsútil,  
Feita de sonho e de desgraça."

A morte de Pã seria o epitáfio dessa força da natureza:

"(...) Apague o vento os tenuíssimos laivos  
Dos ágeis péssutis... Bosques, desencantai-vos...  
Fontes do ermo, chorai que é morto o grande  
Pã!..."

RICARDO OITICICA é doutor em Letras.



GARRINCHA NA FINAL BRASIL X TCHECOSLOVÁQUIA



# SONHOS DE UMA GERAÇÃO

## NINAREISSAROLDI

Dizem, tanto a voz do povo quanto as vozes mais iluminadas da razão, que sonhar é preciso. Quem sou eu para dizer o contrário. No entanto, por natureza do ofício, tenho por hábito não acatar nenhuma verdade em meu espírito antes de submetê-la a exame, como diria o filósofo Descartes.

Faço parte de uma geração para a qual a palavra sonho, a não ser no sentido de "sonho de consumo", praticamente saiu do vocabulário. Antes que alguém se revolte, devo declarar minha idade: 33 anos e meio. Quando nasci, meus pais temiam a ditadura sem perder, em nenhum momento, a ternura. Exerciam suas profissões com orgulho e ganhavam o suficiente não só para sustentarem-se como, eventualmente, para ajudar as próprias famílias ou os amigos em dificuldade.

Pergunto-me: quem, de minha geração, conseguiu sair de casa, casar, ter filhos ou estudar sem a ajuda destes pais que, "na sua vez", não precisaram de ninguém? Dizem os economistas que a classe média - é sempre dela que se fala nestes retratos de geração - perdeu muito de seu status nos últimos trinta anos. E nem precisaríamos

deles para observar isto. Só um expert da negação da realidade poderia contestar o fato de que, salvo honrosas exceções, somos mais pobres e temos perspectivas incrivelmente mais modestas do que nossos pais.

Não me esqueço de um amigo, ator de teatro e TV, comparando a situação dele e a da filha, pertencente a minha geração, em termos profissionais. De família humilde, ele fez a vida como ator na década de 70, ascendendo socialmente além do que sua origem permitiria supor. Pois bem, este mesmo senhor, que felizmente ainda vive dignamente de seu ofício, recuou assustado quando a filha lhe anunciou que faria teatro. Com a lucidez que só os batalhadores têm, ele resumiu em poucas frases o "apartheid social" no qual nossa geração foi criada: "Mas minha filha, isto agora é profissão de rico, você não vê a cara das pessoas na televisão, não tem ninguém mal que precise comprar o arroz com feijão de casa..."

Enquanto a juventude dos anos 60 e 70 arriscou a pele por seus sonhos, pondo em risco todo um modo bem estabelecido de viver e de se comportar, minha geração pode ser chamada de geração do medo. Muitos de nós, aliás, já experimentaram, em criança ou na adolescência, a vida "entre grades", nos nascentes condomínios da Barra. Estes serviram de laboratório da espécie individualista e consumista na qual nos tornamos.

Não sem razão, crescemos com medo da violência, do desemprego, da solidão. Atônitos, assistimos ao "boom" dos divórcios e separações, acontecimento que mudou para sempre a face da família de classe média urbana. Se uma certa liberação dos costumes fez-se necessária, pergunto-me se não se perdeu, ao mesmo tempo, muito do espírito de solidariedade com o esgarçamento das famílias. Não raro foi esse espírito o segredo dos casamentos aparentemente carentes e estagnados de nossos avós.

Quem sabe se a ansiedade com que procuramos o último modelo de computador ou de celular não é a mesma que anima nossa busca do "par perfeito"... Como parte da geração-saúde procuramos forjar um corpo, na medida do possível, tão perfeito quanto o do par que queremos.

Ao contrário da tecnologia e dos bens de consumo, as pessoas mudam devagar. Um amor, para ser vivido, requer tempo e paciência e, ao contrário do que fazemos com a televisão, não é possível "zapear" uma pessoa, encontrar seu melhor programa na hora em que nos cansamos do que está passando. É preciso um tempo para que os programas se sucedam uns aos outros. No amor, é preciso ser um expectador paciente, sem controle remoto na mão.

Como meus amigos mais lúcidos, temo que a previdência pública quebre antes da minha aposentadoria e, mesmo que isso não ocorra, o valor que me prometem não me permite aspirar a nada melhor do que a um lugar no asilo. Isto explica a presteza com que pago minha aposentadoria privada (e meu seguro-saúde, claro), o mais recente "sonho de consumo" da galera.

Para resumir e não cansar os leitores que insistiram em ler este artigo "dark", outra moda do povo que "se vira nos trinta", devo dizer que, embora as constatações acima sejam por si mesmas sombrias, há algo ainda pior envolvido nisto tudo, algo que pode nos conduzir ao fiasco como geração: o apego aos sonhos dos pais sem a disposição de conquista que os animava.

Pode-se alegar que, quando nascemos, havia mais utopias à disposição e a questão da sobrevivência não era tão incerta quanto agora. Sim, isto é verdade. Mas a palavra "utopia" significa exatamente um lugar ideal



AV. REBOUCAS  
preço 220

COMI  
DE VI  
preço

AV. NOSSA S. DE  
COPACABANA  
preço 60

AV. PRESIDENTE  
VARGAS  
preço 60

SORTE REVERES

LEBLON  
preço 100

FON





# GERAÇÃO SEM SONHOS

que não existe. Ela significa alguma coisa que precisa ser inventada e nos servir de norte, nos dar uma direção na condução de nossas vidas. A geração de nossos pais tinha à mão o socialismo, o anarquismo, o estado do bem-estar social, o comunismo, o banal sonho burguês “emprego estável, casa própria, filhos, empregada que ganha pouco, faz tudo e não reclama”... Até o mínimo, o anseio de estabilidade para desenvolver-se numa determinada carreira e formar uma família, nos foi tirado debaixo dos pés.

Para respaldar o que digo, cito aqui o sociólogo Richard Sennett, estudioso dos efeitos pessoais do trabalho no mundo contemporâneo. Em sua obra *A corrosão do caráter*, ele afirma que a própria noção de carreira, que sempre acompanhou aquilo que chamamos de “projeto de vida”, é ameaçada pelo mundo em que a rapidez e o planejamento de curto prazo foram elevados à categoria de virtude:

“Carreira, por exemplo, significava originalmente, na língua inglesa, uma estrada para carruagens, e, como acabava sendo aplicada ao trabalho, um canal para as atividades econômicas de alguém durante a vida inteira. O capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente empregados de um tipo de trabalho para outro”.<sup>1</sup>

Segundo Sennett, o mais difícil neste quadro não é obter a capacidade de mudar de emprego ou habilitação básica várias vezes ao longo da vida. A tecnologia em geral, e o computador em particular, estão aí para isto mesmo, para ampliar de modo antes impensável nossa capacidade de trabalho (a facilidade com que lidamos com as máquinas é motivo de inveja para as gerações anteriores, diga-se a nosso favor...). O que se esvai com a carreira e com o orgulho da profissão é aquilo que denominamos “caráter”, termo indissociável da experiência a longo prazo. O caráter de alguém é um perfil que obtemos de uma pessoa a partir de situações que põem em jogo a lealdade, a capacidade de

sustentar compromissos e projetos em comum, a possibilidade de renunciar a um prazer imediato em nome de uma causa futura. Tradicionalmente, designamos como “bom caráter” uma pessoa em quem se pode confiar, cuja atitude diante de determinadas circunstâncias somos capazes de prever e, como “mau caráter”, uma pessoa que muda de atitude ao sabor das circunstâncias e das vantagens que delas pode obter.

Influenciada por Sennett, tendo a pensar que a utopia de nossa geração será a conciliação das características constantes, que formam o bom caráter, com as pressões de um mundo imediatista. Será, apesar de tudo, manter planos de longo prazo numa economia voltada para o curto prazo. Acredito que só a insistência na construção de uma narrativa coerente de vida, para nós e para nossos filhos, poderá mudar os rumos da própria economia, novo totem da tribo globalizada. As instituições mais sólidas se desmancham no ar, é fato. Mas instituições são feitas de pessoas, e pessoas podem sempre, por mais difícil que seja, manter projetos em comum.

Embora quase tudo seja, em termos materiais ao menos, mais difícil para nós, não devemos deixar que a pobreza e as atribulações externas nos invadam e amesquinhem nossa alma. Se não temos grana para oferecer uma festa, façamos uma festa comunitária. Reconheçamos que, por nossa conta, será muito difícil comprarmos “nosso imóvel”, e banana para o sonho da casa própria! Não cedamos a tentação de fazer os pais ou os avós sustentarem um estilo de vida que, de fato, não conquistamos ainda. Sejamos capazes de extrair prazer e alegria de nossas realizações, ainda que sejam menores do que a imagem que fazíamos delas quando estávamos na escola.

O que mais desejo, para mim e para meus contemporâneos, é que não nos deixemos amargar pelo declínio do tipo de vida - mais segura e promissora - que experimentamos na casa de nossos pais. Ao contrário, espero que tenhamos força e criatividade para nos defendermos tanto da flexibilização de nossos direitos quanto de nossas convicções.

## NOTAS:

1. *A Corrosão do Caráter* — consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: editora Record, 1999, pág. 9.

NINA REIS SAROLDI é mestre em Filosofia pela PUC/Rio e doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.





# A CENA DA

## KARLERIKSCHOLLHAMMER

No conto O espelho, de Machado de Assis, o bruxo do Catete conta a estória do alferes que perde sua imagem refletida no espelho quando abandonado pelos escravos e pelos olhos de admiração da família. O relato é narrado por um personagem misterioso durante uma reunião de cavalheiros numa casa no morro de Santa Teresa. Além do elemento sobrenatural do espelho, a surpreendente virada da narração vem na última frase do conto: "Quando os outros voltaramasi, onarradortinha descido as escadas". Ou seja, enquanto o narrador estava contando sua história, seus ouvintes foram deixados num estado de semiconsciência, seduzidos e absorvidos pelo poder do relato e da imaginação. Sem deixar nenhuma pista explicativa sobre esse detalhe, Machado leva, assim, o conto para a literatura fantástica. Não só pela existência do "espelho social" misterioso, que perde o reflexo do alferes na ausência dos olhares de admiração, mas também pela equação entre o relato e um estado hipnótico de sonho que, por um lado, pode dar pistas para explicar a existência alegórica do espelho, sátira precisa da sociedade do Medalhão, mas, por outro, introduz um elemento estranho na descrição dos poderes do narrador, equivalente à hipnose e ao estado indefinido do sonho. O que nos interessa aqui é essa relação de afinidade entre a literatura e o sonho, que parece ser quase um lugar comum na nossa história literária, mas que nem sempre é devidamente explicada. Se interpretarmos a versão do próprio Machado, poderemos entender a metáfora do "espelho" como a compreensão da maneira que a experiência diurna e a realidade do sonho se interligam. Por um lado, existe a realidade da percepção e, por outro, a realidade da fantasia, muito menos confiável, invertida e quase sempre deslocada para outras imagens, sem ser por isso menos real. Na mitologia clássica, o sonho era visto como a possibilidade de um contato direto com

o reino adivinho das premonições e do destino já escrito. Assim, o sonho era entendido como um contato privilegiado com uma verdade superior escondida no caos da percepção diurna e fonte das fantasias e da imaginação, criadoras das obras de arte e, principalmente, da literatura. Em outras palavras, o sonho era a expressão de um reino paralelo, ora uma evasão do mundo real, ora uma revelação verdadeira. No cenário barroco de Calderón de la Barca, a peça La Vida es Sueño indica já no título a crítica das ilusões, dos valores superficiais e das aparências. Entretanto, esse título também significa que o sonho pode ter a realidade de uma vida em si, e que um lado reflete o outro simetricamente, como num espelho.

"¿Qué es la vida? Un frenesí.  
¿Qué es la vida? Una ilusión,  
una sombra, una ficción,  
y el mayor bien es pequeño;  
que toda la vida es sueño,  
y los sueños, sueños son."

Para Shakespeare, o sonho era a essência do homem ("The Thing I am" – a coisa que sou) ou, como explicita: "Somos feitos da mesma matéria de nossos sonhos." Em outras palavras, somos os nossos sonhos, somos representados por eles, e os nossos segredos são escondidos neles, até para nós mesmos, porém presentes e decifráveis. Por outro lado, o sonho também é nossa ilusão e desilusão, uma fuga do cotidiano e a manifestação mais concreta de nossos desejos não realizados. Na rica literatura fantástica ocidental, encontramos o sonho frequentemente interpretado como o domínio diabólico do mal e das tentações do desejo sexual. Um bom exemplo é dado pelo clássico de Jan Potocki, Manuscrito encontrado em Saragoça, em que o elemento fantástico é resultado da facilidade com que os personagens passam imperceptivelmente da vigília ao sonho e da consciência à fantasia. No contexto da literatura fantástica, o sonho é frequentemente

um pesadelo, uma ameaça da noite ou, como indica a palavra pesadelo em inglês e em francês – nightmare e cauchemar –, uma égua da noite que cavalga suas vítimas impiedosamente. Na palestra O pesadelo, recopilado no livro Sete Noites, Jorge Luis Borges propõe uma relação etimológica entre o sufixo mare e o termo alemão Märchen, que significa "conto de fada", sugerindo uma afinidade entre o pesadelo e a narrativa do relato tradicional.

Num conto do filósofo chinês Chuang Tzu, do ano 300 antes de Cristo, se diz: "Chuang Tzu sonha que é uma borboleta. Ao despertar ignorava se era Tzu que sonhava ou se era uma borboleta que estava sonhando que era Tzu". Essa versão é recriada por Jorge Luis Borges, para quem o sonho era a atividade estética mais antiga, cuja forma ele via como estranhamente dramática, uma vez que somos, no sonho, "como disse Addison, o teatro, as coisas, os atores, a fábula." Desta forma, a equivalência entre o sonho e a obra de arte e, principalmente, a literatura não era apenas o reflexo distorcido ou invertido, mas algo estrutural que se referia à maneira que os acontecimentos no sonho se conectam e se desenvolvem, que uma realidade é simbolizada por outra imagem e que o escondido ganha roupagens mais vivas e reais pela concretude necessária das cenas sonhadas. A questão vertiginosa colocada por Borges é: quem me sonha quando estou sonhando? Qual é o mundo para qual nossa realidade é um sonho, assim como o sonho é para nossa vigília? Ou, como escreve Lewis Carroll num fragmento de Através do espelho, chamado "O Sonho do Rei":

"Agora está sonhando. Com quem sonha?  
Você sabe?  
Ninguém sabe.  
Sonha com você. E se deixasse de sonhar, o que aconteceria com você?  
Não sei.  
Desapareceria. É uma figura de seu sonho. Se esse Rei se despertasse você se apagaria como uma vela."



# ESCRITURA

Entre os movimentos da vanguarda artística do início do século passado, o sonho ocupou um lugar central. Um caso importante é o dos surrealistas, para quem o sonho oferecia um caminho para sair da prisão da linguagem e do controle da consciência. A inspiração para o primeiro filme de Dalí e Buñuel - O cão andaluz - veio de um sonho de Dalí, o que evidencia que os artistas tentavam recriar no cinema um modo de narrar liberado da estrutura aristotélica do enredo com o mesmo potencial de liberação dos desejos censurados, que Freud encontrara nos sonhos. Desta forma, o sonho se converte para o surrealismo num ideal de criação capaz de liberar a arte e a literatura das linguagens e das formas estanques da tradição que só poderia ser atingido na eliminação das fronteiras entre vigília e sonho, entre consciência e imaginação.

A inspiração dos surrealistas veio de Sigmund Freud que, no livro A interpretação dos sonhos (1900), considerada sua principal obra, deu a versão científica mais importante desta compreensão dos sonhos, do seu significado e da sua atividade entre desejo e consciência. Para Freud, os sonhos representavam manifestações de desejos e estímulos ainda não reconhecidos pela consciência que apareciam travestidas em roupagens emprestadas que podiam ser analisadas como a chave do conhecimento e do reconhecimento de si no processo da psicanálise. Era fundamental para Freud que os sonhos conseguissem driblar os mecanismos de censura da consciência e da linguagem, permitindo que desejos proibidos se realizassem, ainda que deslocados para outras imagens. Assim, a atividade do sonho não era apenas a manifestação do desejo não realizável, mas a sua própria realização numa linguagem

de imagens e símbolos mais concreta do que a verbal. A abordagem de Freud teve uma

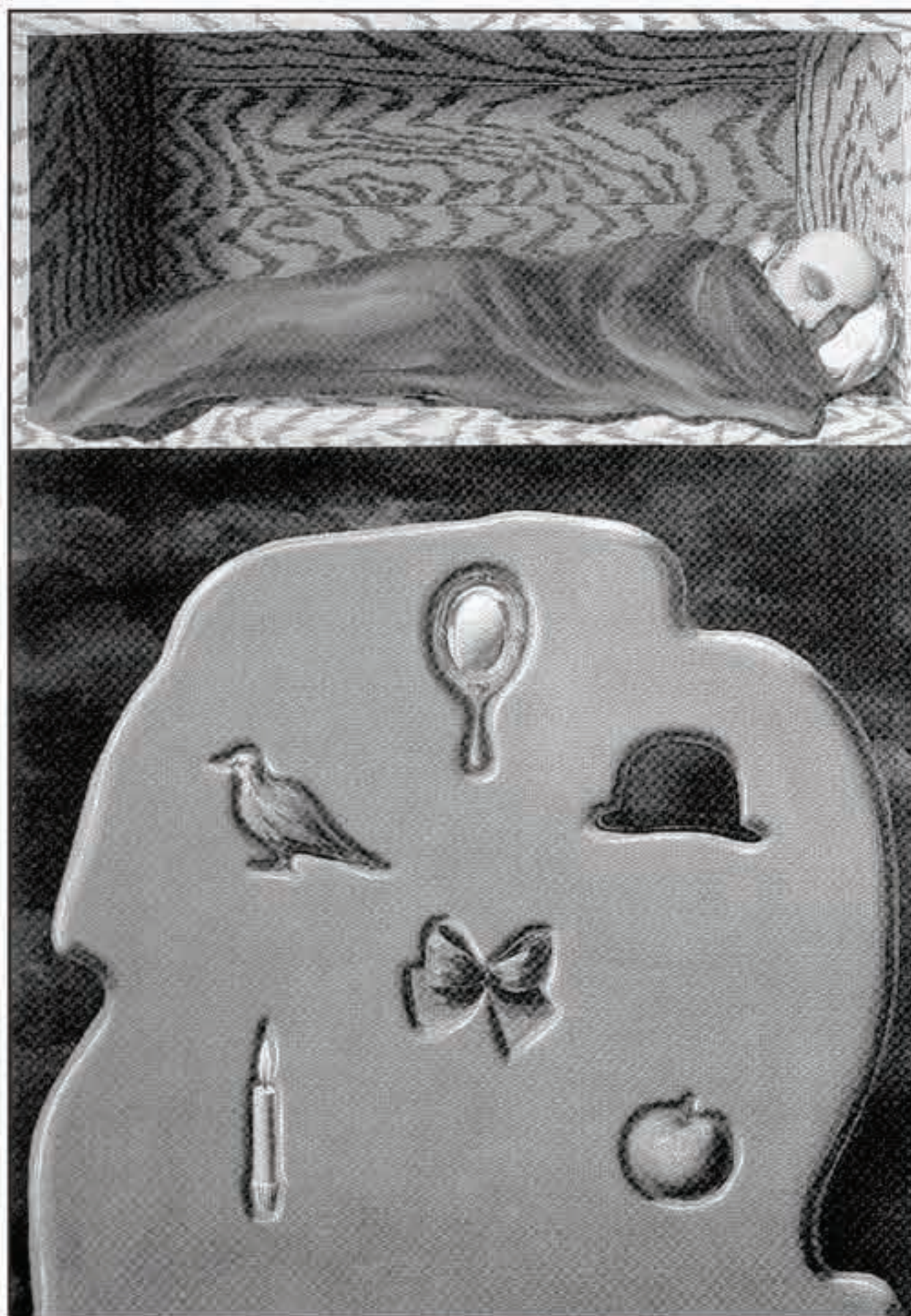
outra figurada e metafórica, e o deslocamento como o movimento de uma palavra a outra

por um processo metonímico de proximidade que se assemelha ao fluxo associativo das seqüências oníricas. O primeiro processo prevalecia, segundo Jakobson, na poesia, fazendo uma analogia entre os símbolos poéticos e as representações do sonho; e o segundo, na prosa, sugerindo que a seqüência das imagens no sonho, que para Freud refletia o caminho tortuoso do desejo desviado de seu objeto direto, se equivalesse aos caminhos das estruturas narrativas da prosa. Freud explicitou essa idéia numa carta a Wilhelm Fliess (6.12.1896) em que escreve:

“Como você sabe estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha se formado por um processo de estratificação: o mecanismo presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito de tempo em tempo, a um rearranjo, de acordo com as novas circunstâncias – a uma retranscrição. Assim, o que há de novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim a longo de diversas vezes, (e) que é registrada em vários tipos de indicações (signos)” (carta no. 52).

Desta forma, Freud permite não só a analogia direta entre o mecanismo psíquico, em atividade no sonho, e a cena da escrita, mas ele sublinha que o trabalho do sonho desloca imagens verbais para imagens mais concretas que aparecem no sonho em forma de imagens visuais ou de cenários dramáticos. Nesse ponto, Freud ofereceu uma base científica para os surrealistas e sua compreensão do sonho, da fantasia e da literatura e da arte como reflexos de uma realidade mais real e autêntica do que a realidade da nossa pobre percepção do mundo.

KARL ERIK SCHOLLHAMMER é Ph.d. em Letras e professor associado no Departamento de Letras da PUC-Rio.



"O DORMINHOCO DESCUIDADO", DE RENÉ MAGRITTE, 1927

importância ímpar para os estudos da literatura por dois motivos: porque permitia uma analogia entre a interpretação dos símbolos e das imagens nos sonhos e as criações imaginárias da literatura e porque se permitia uma relação entre o trabalho dos sonhos e o processo criativo da escrita literária. Freud definiu, por exemplo, dois processos básicos do trabalho dos sonhos: deslocamento e condensação. Mais tarde, Roman Jakobson sugeriu a equivalência entre esses dois processos e as figuras retóricas de metonímia e metáfora. Nessa perspectiva, a condensação podia ser entendida como a substituição de uma expressão literal por





# COMA CABEÇA

## ENTREVISTA

Sem retirar os pés do chão, o astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão dedica sua vida ao estudo do céu. Um céu que fascina a humanidade desde sua aurora e que agora olha mais de perto com as lentes da tecnologia dos Ícaros modernos. Mas o fundador do Museu de Astronomia e Ciências Afins também se rende ao sonho dos poetas e utópicos, e se mostra um eterno enamorado... do conhecimento.

LC: O espaço povoa os sonhos humanos desde os primórdios da civilização. Gregos, astecas, africanos..., todos criaram histórias e interpretações para sol, lua e estrelas. Por que a visão destas luzes no céu nos fascina tanto?

PROF. RONALDO ROGÉRIO: O interesse do homem pelo céu está ligado à própria idéia primitiva do geocentrismo, em que a Terra era colocada como centro, e em torno dela a região chamada corruptível, ou seja, mutável e, além da lua, a incorruptível, estável, como se fosse algo divino. A imaginação do homem estava muito ligada ao estudo do sol e das estrelas. O objetivo, podemos ver bem marcado nas construções piramidais que buscavam o sonho eterno do homem: a imortalidade. Como o céu teria esta imutabilidade, as pirâmides funcionariam como máquinas da eternidade. Na formação cristã ocidental, o céu já se confunde com a noção de Paraíso. O último integral desta esfera geocêntrica seria o Paraíso.

LC: Depois da chegada do homem à Lua muitos esperavam uma rápida conquista do espaço. Como está essa "conquista" hoje? E aqui no Brasil, como essas pesquisas evoluem? É sonho pensar em grandes missões espaciais brasileiras?

PROF. RONALDO ROGÉRIO: Houve uma interrupção da pesquisa interplanetária depois da chegada do homem à lua, porque esse fato na verdade foi consequência da Guerra Fria, do que eu

chamo da Terceira Guerra Mundial: uma disputa entre americanos e soviéticos pelo avanço tecnológico. Uma corrida que acabou com o que os americanos chamaram de Guerra nas Estrelas, e que provocou uma mudança de rota nas pesquisas com foco nos chamados ônibus espaciais que, na verdade, tinham um objetivo mais militar, uma demonstração do poderio da tecnologia bélica entre EUA e URSS. Na verdade, a chegada do homem à lua foi uma saída para a posição de inferioridade em que os americanos se encontravam, pois uma série de primeiras etapas foram obtidas pelos soviéticos: o primeiro satélite, o primeiro homem no espaço - Gagarin - e a primeira foto do lado oculto da lua. Então a corrida para chegar à lua se tornou uma corrida para demonstrar competência. As duas potências escolheram caminhos bem distintos: enquanto os EUA apostaram tudo em um só programa, o Apollo, aliás muito bem feito, a URSS sofreu divergências internas que se converteram em três projetos distintos, dos quais o que alcançou mais sucesso foi o que levou uma nave robô à lua e colheu amostras do solo. A tentativa soviética de levar um homem à lua fracassou. Durante muito tempo esse projeto foi negado pela URSS. Hoje, sabemos que ele existia e que falhou. Porém mais tarde os soviéticos tiveram um sucesso enorme em vários processos que se converteram no projeto da estação espacial. Pouca gente sabe, mas o núcleo da estação espacial internacional é o que seria o projeto da MIR II. Essa Guerra nas Estrelas foi muito dispendiosa e levou a pesquisas que renderam soluções não factíveis com as viagens espaciais.

Hoje, os EUA retomaram essas pesquisas de viagens e estão mandando vários objetos a Marte, mas aquela idéia de Von Braun<sup>1</sup> de chegar até 1983 ao planeta vermelho se perdeu, porque se perdeu o élan militar que orienta a pesquisa espacial.

No Brasil temos o sonho de chegar até a um meio de lançamento próprio, mas, infelizmente,

sempre houve do governo pouco empenho no incentivo às pesquisas espaciais. Podemos nos comparar com a Índia, que começou a pesquisa espacial em 1971, na mesma época que o Brasil, por iniciativa de Jânio Quadros. A Índia já tem seu lançador próprio e satélites construídos lá mesmo, satélites de telecomunicação, espionagem, cartografia. Nós estamos ainda em um estágio bem atrasado, e acredito que isto seja uma responsabilidade governamental, porque o espaço se transformou em um comércio. A empresa europeia Ariane, por exemplo, é financiada por bancos europeus e tomou conta de mais da metade do mercado de lançamento de satélites. Mas já sofre concorrência da Rússia, com os foguetes Próton<sup>2</sup>, e da China com o lançador Chang Zheng<sup>3</sup>. Tanto que mesmo empresas americanas e europeias estão lançando seus satélites nestes países. O Brasil deveria ter seus satélites e empresas de telecomunicações. Hoje, a tecnologia e a ciência fazem parte da base monetária, da riqueza de um país, portanto, sem ciência e tecnologia o sonho brasileiro está comprometido.

LC: "Ora, direis, ouvir estrelas" — o céu também inspira poetas, pintores, músicos e apaixonados. E sempre é usado como metáfora para quem vive longe da realidade, no "mundo da lua" ou com a cabeça nas nuvens. O cientista, então, também tem que ter alma de poeta para se dedicar ao estudo do espaço?

PROF. RONALDO ROGÉRIO: Não, na verdade o cientista até pode ter este lado, e quando o tem é muito interessante, porque se torna mais sensível, mais humano. Mas também pode ser realmente uma pessoa mais voltada para a pesquisa matemática, para a física. Muitos seguem o caminho da astronomia através desse viés romântico e, ao ter contato com a matemática, a física, a mecânica celeste e a astrofísica necessárias à astronomia, acabam se afastando e se perdendo. Por isso é que eu sempre digo que a base para alguém que sonha em ser astrônomo é ter um conhecimento muito



# ANAS ESTRELAS

grande de matemática, física e, atualmente, de informática. Mas a astronomia nunca vai perder este lado poético, porque realmente o céu é o cosmos, e o cosmos é uma das belezas maiores. Esta beleza só aumenta, tanto é que surgiu a arte espacial, usando as imagens dos satélites. As fotos tiradas pelo telescópio espacial Humbolt são de uma beleza artística enorme. A arte sai dentro de nós, de cada um, ela depende da personalidade das pessoas.

Mas voltando ao cientistas, existem os sonhadores eternos, como Kepler, que conseguiu estabelecer todas as leis do movimento do sistema planetário partindo até de seus próprios sonhos, mas sem perder um profundo aspecto matemático, como demonstro no último livro que escrevi sobre ele.

LC: Vamos divagar um pouco: o senhor já declarou sua crença na existência da vida em outros planetas. Será que estes seres teriam sonhos semelhantes aos nossos?

PROF. RONALDO ROGÉRIO: Eu não tenho dúvida nenhuma, nós vivemos de sonhos. E outros seres fora da Terra devem ter os mesmos sonhos que nós. Isto é inerente ao ser humano e outras espécies que tenham surgido. Afinal, animais também tem os seus sonhos. Todos nós temos aspectos de sonhos, a nossa vida é movida por idealismo e idealismo nada mais é que sonhos voltados para um único sonho especial, romântico, poético. Nós não conseguimos nos livrar deste aspecto, até os mais racionais, mais materialistas no fundo têm os seus sonhos. Aqueles que não acreditam na vida após a morte sonham, por exemplo, com justiça social, porque se não somos felizes neste mundo não o seremos em outro.

LC: Entre cientistas e escritores existe a habilidade de pensar o diferente, acreditar em

novas possibilidades. O senhor é um escritor, mas também é um leitor. Algum livro o marcou ou incentivou sua opção pela ciência?

PROF. RONALDO ROGÉRIO: Gosto de ensaios, e gosto muito de poesia. Os poetas que mais me atraem são o Carlos Drummond de Andrade, pela sua visão muito profunda dos sentimentos aliada a uma visão cósmica (até já escrevi sobre isto) e também o Dante Alighieri pela sua descrição do céu, pela astronomia geocêntrica que ele apresenta, encontrada também em Os Lusíadas, do Camões. E, recentemente, do Lopardi, que tem uma visão astronômica mais heliocêntrica, mais voltada para Copérnico. Já tenho todo um levantamento sobre a visão astronômica de Dante e de Lopardi, é só uma questão de tempo para escrever. Também gosto de alguns tipos de ficção-científica, porém sou muito exigente nesse gênero. Mas tem um livro que teve grande influência sobre mim: foi Viagem à aurora do mundo, do Érico Veríssimo, que narra uma viagem em uma máquina do tempo. Aquilo, um pouco antes da minha adolescência, teve uma certa influência sobre minha na escolha profissional, tanto que eu cheguei mesmo a me interessar por paleontologia e arqueologia. Depois, meu contato com a física e a matemática mostrou um caminho mais voltado para a astronomia. Eu gosto também de Euclides da Cunha, Machado de Assis, Eça de Queirós, além de poesia francesa, onde um de meus preferidos é Apollinaire.

LC: E hoje, quais são os sonhos que pode compartilhar conosco?

PROF. RONALDO ROGÉRIO: O meu sonho também é minha grande decepção, aquele que ainda não consegui ver realizado: eu acreditava que o Brasil seria uma grande potência, um país com maior justiça social. Esse foi o meu

grande sonho aos 25 anos. Era a época do desenvolvimento, da construção de Brasília, e eu achava que o Brasil iria deslanchar. Preocupava-me muito este grande desnível de salários, que observei melhor quando estive estudando fora, e vi que lá os maiores salários são sete vezes o valor do menor. Essa disparidade, essa falta de assistência social me deixa um pouco frustrado. Vejo algumas coisas mudarem, mas é muito difícil, somos muito marcados por uma grande diferença.

LC: Mas o senhor ainda acredita neste sonho?

PROF. RONALDO ROGÉRIO: Acredito. Apesar da frustração nesses últimos trinta anos, eu creio que isto possa ocorrer. Às vezes me sinto pessimista, mas outras, otimista, pois o que nos faz viver é este otimismo. Se não fosse isto, eu não estaria escrevendo livros de divulgação científica, porque acredito que escrevê-los, dividir o que conheço e aprendo através da astronomia, não teria nenhum sentido se eu não tivesse alguma crença. Atualmente minha luta é pela energia solar, uma forma de energia mais barata e limpa. Uma solução mais ecológica para o atual problema mundial de energia.

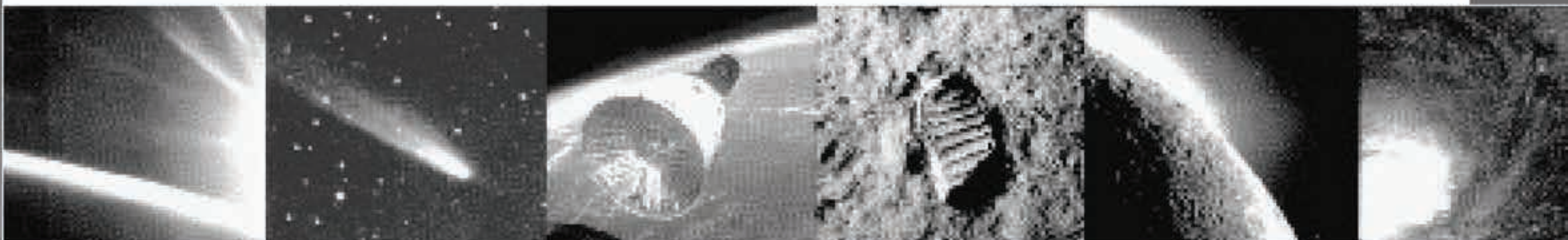
## NOTAS:

1. Werner Von Braun. Cientista alemão inventor das bombas V2 que, após a Segunda Guerra, foi um dos grandes nomes do programa espacial americano.

2. Os foguetes Próton foram utilizados para a maioria das missões espaciais soviéticas, como as estações Salyut, Mir e sondas espaciais. Atualmente são utilizados para colocar em órbita satélites geoestacionários.

3. Os lançamentos chineses possuem uma grande competitividade na tecnologia, adaptação ao mercado, segurança, preço e nível de serviço. Atualmente, os foguetes já têm a capacidade de transportar de 5,3 a 9,2 toneladas, podendo atender assim às diversas necessidades do mercado internacional.

ANA CLAUDIA MAIA





# A TOTAL INDISTI

## DAVID CURY

Em agosto de 2001, o Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, abria ao público a mostra Surrealismo, acerca do movimento literário e artístico cujo ciclo histórico, iniciado em 1924, havia terminado com a morte do seu principal teórico, o poeta e crítico francês André Breton (1896-1966). Vinte dias após a abertura da retrospectiva, o mundo assistiria aos ataques terroristas de 11 de setembro, em Nova York. Há quem tenha visto na colisão de aviões de carreira norte-americanos contra os 412 metros de altura do World Trade Center um momento essencialmente “magrittiano”, de absurdo irrefutável.

Para o surrealista belga René Magritte (1898-1967), que pintava aproximações incongruentes e correspondências insuspeitáveis entre objetos e lugares com realismo fotográfico, “coisas visíveis podem ser invisíveis”. Para nós, contudo, o desaparecimento do World Trade Center era mais inacreditável do que aceitável. A pulverização das torres gêmeas reatualizava, na consciência do telespectador contemporâneo, sua condição de refém da distância crescentemente turva entre o real e o fictício. A seqüência dos acontecimentos dados pela televisão, ao vivo, parecia gerar uma visibilidade duvidosa de si mesma. Quando a segunda torre foi atingida, a repetição do “acidente” enterrou a idéia de acaso ou fatalidade. Tudo havia sido excessivamente inesperado e improvável: a inteligência dos homicídios (as “armas” seqüestradas em território inimigo), a disposição suicida dos protagonistas (muçulmanos extremistas) e a vulnerabilidade dos senhores da história (os EUA). As imediatas implicações políticas do 11 de setembro reforçaram o erotismo “magrittiano” sugerido por suas imagens. Como num trocadilho visual, os desastres programados se converteram em cópulas

trágicas: falos horizontais ativos cruzaram com falos verticais passivos, sem possibilidade de fertilização; ou ainda, grupos radicais do Oriente Médio violaram sexualmente, até a morte, a inocência virginal do então intocável Império Americano.

Não só em Magritte há uma sobrecarga lasciva. As torres e arcadas pintadas pelo italiano Giorgio de Chirico (1888-1978) trazem também forte conotação sexual. Dispensado do serviço militar por “instabilidade mental”, De Chirico propôs ao observador uma experiência imagética abissal. São suas as perspectivas desertas, de luminosidade oblíqua e atmosfera alucinatória com estátuas e homens-manequins, em que símbolos e arquitetura têm presença incontestável mas fogem ao tempo e ao espaço que conhecemos. Antes e depois de tudo, um De Chirico é silêncio, ameaça, o rosto do nada — e o nada é o enigma constitutivo do homem, assombroso e imponderável. A técnica do espanhol Salvador Dalí (1904-1989) não é menos ilusionística do que a de Magritte ou de De Chirico, embora alcance resultados diametralmente opostos. Enquanto Magritte e De Chirico aumentam a verdade insuportável de que um sonho é algo inescrutável, as imagens assinadas por Dalí são, não raro, didáticas e moralistas. A pintura onírica não era, para ele, registro de matérias do subconsciente. Intérprete de suas próprias fobias e superstições, chamava o que fazia de “paranóia crítica”. Em inúmeras obras, fez descrições conscientes — e por isso mesmo duvidosas — de seu próprio estado psíquico (receio do sexo, da castração e dependência da automasturbação). Ou ainda, dramatizou casos clínicos estudados pelo neurologista alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) ou pelo austríaco Sigmund Freud (1856-1939), fundador da psicanálise. Mas surrealistas natos atuavam no sentido inverso de Freud. Concordavam que o sonho era o material por excelência de um estado mental sobre o qual não se podia ter controle. Mas enquanto, segundo eles, o autor de

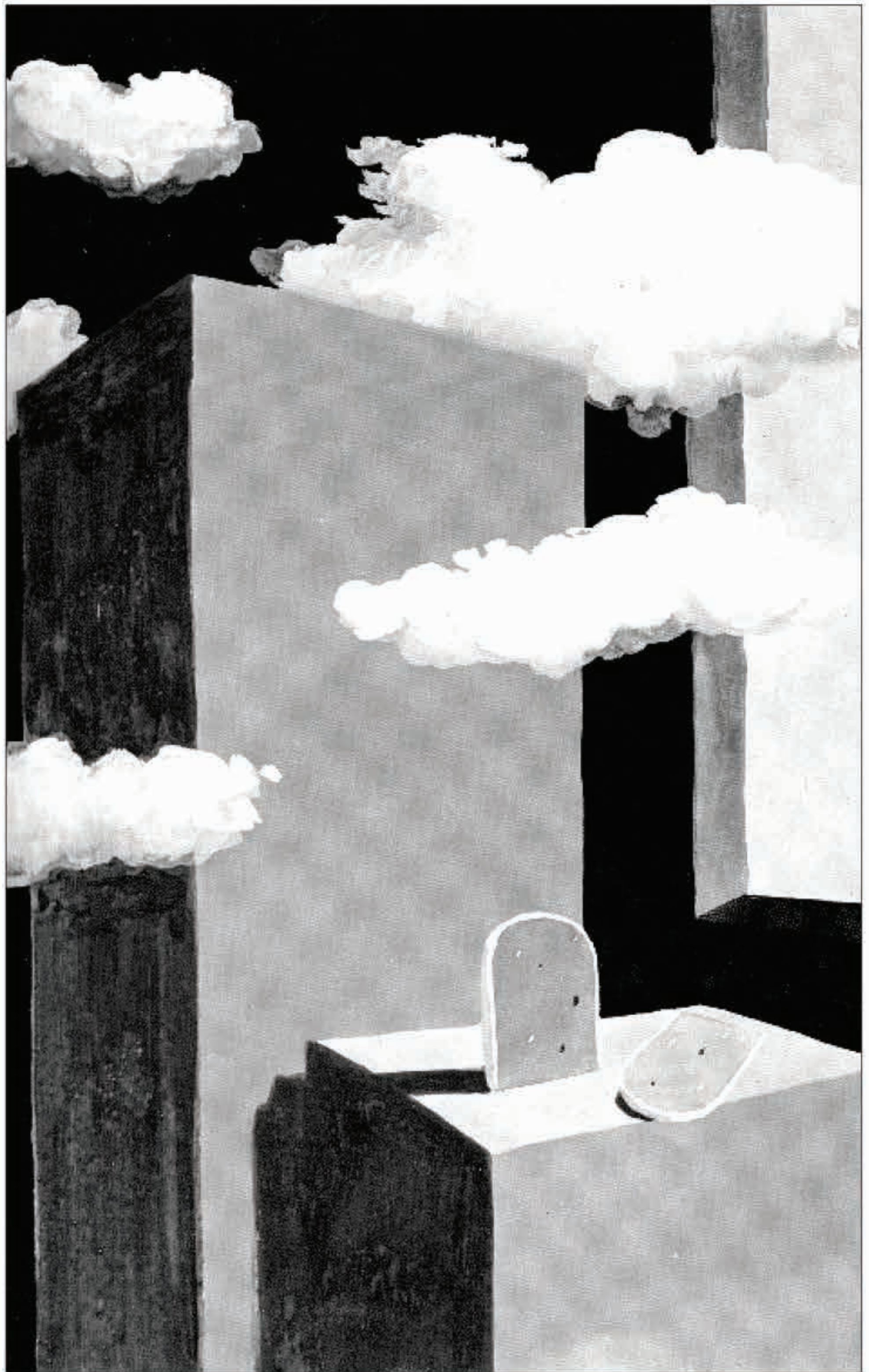
A interpretação dos sonhos (1900) ambicionava curar distúrbios mentais e emocionais, habilitando seus pacientes a funcionar num estado de “normalidade burguesa” (para usar a expressão do dadaísta romeno Tristan Tzara), os surrealistas, ao contrário, buscavam intensificar os conteúdos bombásticos de desejos obscuros, recalques inconfessáveis e dos institutos (as pulsões do sexo e da violência física). Se para Goya, gênio da pintura espanhola do século XVIII, “o sono da razão produz monstros”, para um surrealista de vocação esses monstros devem ser alimentados, enraivecidos e soltos no mundo.

De todas as práticas artísticas da primeira metade do século XX, de linhagem pessimista quanto ao relacionamento entre cultura e capitalismo, foi o surrealismo que instrumentalizou o descontrole da razão ou da consciência sobre a criação em arte — às vezes de modo paradoxalmente disciplinado. Entre 1916 e 1921, a mais niilista das vanguardas da arte moderna, o dadaísmo, denunciara a irracionalidade do modelo capitalista de Estado. Dos dadaístas, o surrealismo herdou a burguesia como inimigo. Mas não se tratava de fazer uma revolução sem armas, já que para o multiface espanhol Pablo Picasso (1881-1973), “uma pintura é uma arma de guerra”. A intenção explícita e pública dos surrealistas era a de épater le bourgeois (“chocar a burguesia”), ou pior, a de ridicularizar tudo o que tinha uma função na vida consciente. Contra a existência produzida em linha de montagem industrial, a “desmontagem” do sonho, esse agente reordenador de partes do real, infrator de mentalidades treinadas, desmistificador voraz da lógica e do sentido. O surrealista é um arauto do escândalo, empreendedor de absurdos, um amplificador da confusão entre o que vemos e o que pensamos ver. Ele apaga as fronteiras entre o reconhecível e o inexplicável, desfazendo respostas em perguntas. Sua contribuição à humanidade é o total descrédito daquilo que se convencionou chamar realidade.



# INVENÇÃO DE TUDO

Escavadores da psique humana, muitas das primeiras experiências surrealistas foram quimicamente induzidas. Os franceses Louis Aragón (1897-1982), Paul Éluard (1895-1952), René Crevel (1900-35), Robert Desnos (1900-45) e o alemão Max Ernst (1891-1976) fizeram uso de drogas e hipnotismo por volta de 1922. Todavia, no Manifesto Surrealista redigido por Breton e datado de 1924, o surrealismo é definido como uma atividade natural, desprovida de auxiliares artificiais. O mais conhecido dos métodos “limpos” de solicitação do inconsciente desenvolvidos pelos surrealistas foi denominado automatismo psíquico e consistia em criar sem cálculo. O ato artístico deveria ser espontâneo, arbitrário, não planejado. Rejeitava-se a habilidade manual e seus efeitos colaterais (o gosto comprometido com o status quo, o gesto domesticado). Em lugar do intelectualismo — Breton condenava obras “ressecadas” pelo cérebro —, se atirava no visto e no não visto, incorporando o imprevisto e o acaso. O francês Jean Arp (1887-1966) rasgava desenhos, lançava os fragmentos ao chão e obtinha padrões aleatórios intitulados de colagens casuais. As morfologias que Arp produziu ao longo dos anos 20 se prestam a mutações transitórias: seios surgem de botões; o garfo, de uma mão. Em 1921, o pintor e fotógrafo norte-americano Man Ray (1890-1977) desenvolve a técnica do rayograph, que consistia no repouso de objetos sobre papel fotossensível e posterior exposição à luz. O resultado é um híbrido de negativo fotográfico e amostras materiais (fios elétrico, algodão, papel), lembrando um arranjo cubista. O francês André Masson (1896-1987) articulava, nos desenhos automatistas (1923-1924), teias de linhas “nervosas” conforme o movimento dispersivo da tinta sobre o papel, sem uma idéia consciente de tema ou assunto. Max Ernst, por sua vez, trabalhava com indução quase psicótica: mantinha o olhar fixo até que sua mente escavasse imagens de um submundo psíquico. Em 1925, inventa o frottage; continua



"BEM AVENTURADA", DE RENÉ MAGRITTE, 1939 / DETALHE



# A TOTAL INDISTINÇÃO DE TUDO (continuação)

continuaçãoespécie de coleta de texturas feita a partir da fricção de um lápis sobre folha de papel em contato com uma superfície qualquer (piso, tábua). O espanhol Juan Miró (1893-1983), por sua vez, lançava tintas sobre a tela durante “surto” provocado pela inanição que impunha a si mesmo. Assim como o surrealismo semi-abstrato de Masson e do pintor chileno Roberto Matta (1912-2002), as pinturas de Miró são metáforas de processos oníricos freqüentemente recalcados por tabus. Em Campo arado (1923-24), há fusão de figuras reconhecíveis, fantasias infantis e itens da arte popular da Catalunha, onde nasceu. As remissões às criaturas fantasmagóricas (meios-homens, meios-animais) do pintor holandês Hieronymus Bosch (1450?-1516) não são casuais. Ilustrador dos pavores coletivos da Idade Média, Bosch defendia que as realizações em pintura foram conquistadas para apresentar ao olho, de maneira admissível, aquilo que ele não conseguia ver.

O surrealismo só deixaria de ser um movimento centrado em Paris no final dos anos 30. Devido à 2ª Grande Guerra, surrealistas históricos como Breton, Dalí, Ernst, Matta e o pintor francês Yves Tanguy (1900-55), entre outros, migram para os Estados Unidos da América. Vivendo em Nova York, e mantendo um relacionamento não só artístico com o papa da anti-arte Marcel Duchamp, a mineira Maria Martins (1900-1973) se torna um notável exemplo de surrealismo tardio. Fascinada por lendas e mitos do Brasil, ao modo do “Cobra Norato” (1931) do poeta modernista Raul Bopp, ela realiza mostra individual intitulada Amazônia na Galeria Valentine, em 1943, com esculturas de formas brutas — beirando o monstruoso — dotadas de sensualidade instintiva. Antes de Martins, não se pode falar de um surrealismo brasileiro mas de contatos entre artistas nascidos no Brasil e aquele movimento. O fluminense Flávio de Carvalho (1899-1973) nos deu A inferioridade de Deus, um óleo sobre tela de 1931 cuja estranheza não

pode ser investigada. A fase antropofágica da paulista Tarsila do Amaral (1890-1973) tem seu “momento surrealista” com Urutu (óleo sobre tela, 1928). A cena traz uma percepção alternada entre abstração e figuração: um ovo e uma serpente numa reserva mítica? A obra do paraense Ismael Nery (1900-1934) é marcada por um jogo de duplos. Há ambivalência sexual e morbidez, um viés para o mundo concreto e outro para a metafísica. A partida entre esses dois pólos é, não raro, convertida em triângulo existencial com o observador, acirrando ainda mais os efeitos do espelho sem fundo que o artista constrói por pinceladas escamosas e baixa luminosidade. O homem não é o outro nem no outro, com o outro ou para o outro. É uma metade trágica, fadada à incompletude. O pintor pernambucano Cícero Dias (1907-2003) tem como matriz principal as cenas lírico-expressionistas do russo Marc Chagall (1887-1985), cujos “vãos” oníricos têm acento nostálgico, remetendo à infância do artista e ao folclore de sua terra natal. Em aquarelas sobre papel como Sonho de prostituta (1930), Mulher nadando (1930) e Amo (1933), entre outras, Dias climatiza a equação chagalliana pelo uso de paleta tropical, a água em lugar do céu, e personagens de olhos fechados — o sonho sonha?

Quando, no pós-guerra, o Mercado assume o lugar do Estado, o que passa a caracterizar a cultura no Ocidente é a transformação do choque em hábito. Depois da revolução sexual e do monitoramento contínuo do comportamento humano por câmeras (os reality shows consentidos ou não), nada mais surpreende. Quase tudo o que poderia atacar o establishment vira moda dos que têm ou não dinheiro, e desaparece com a mesma rapidez com que veio a público. Enquanto forjam o homem globalizado por diluição das identidades locais, as máquinas ideológicas e tecnológicas do Mercado digerem as negatividades que gera — à exceção, talvez, do terrorismo, como no caso do 11 de setembro. A meu ver, a

tentativa dos surrealistas de atingir um ponto da mente no qual vida e morte (o existente e o incogitável) deixem de ser percebidas como contraditórias parece se atualizar, de forma hedionda, no padrão virtual das nações do Primeiro Mundo. O tiro de misericórdia foi dado pela biogenética, recentemente. Com a clonagem humana, a total indistinção de tudo é, agora, tecnicamente possível.

DAVID CURY é artista plástico.

“Entre o sono e sonho,  
Entre mim e o que em mim  
É o quem eu me suponho  
Corre um rio sem fim.  
Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo o rio tem.  
Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.  
É quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre -  
Esse rio sem fim”.

FERNANDO PESSOA, 1888 - 1935. Considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, escrevia também em outros idiomas como francês e inglês.



# CAMA-DE-GATO

## JASON PRADO

Maria tinha um sonho.

Como todas suas amigas de roda e colegas de rua e as que tinham vindo antes e, quem sabe, as que viriam depois.

Sonhava com um homem mágico — mais um vulto indistinto que um rosto aberto — de porte altivo, gestos suaves e vontade de ferro. Forte o bastante pra lhe dar seu nome.

No seu sonho, Marcelo — este era o nome do homem com quem sonhava, mas poderia se chamar qualquer coisa, até mesmo José, porque pra ela seria apenas seu homem — a encontraria por acaso, num esbarrão no elevador ou no balcão de uma padaria. Sua gentileza, atenção delicada e gestos envolventes lhe diriam que este seria seu homem.

Ficaria sem voz, é claro, e baixaria os olhos. Num sorriso recatado de menina-moça, mas não perderia nada daquela revelação divina, com o rosto tomando forma, a boca se insculpindo carnuda, os ombros largos e másculos...

Seria preciso encorajá-lo um pouco, para que sua casta timidez não o impedisse de avançar para a colheita tardia de seu corpo já possuído.

Naquele momento ela saberia que Marcelo chegara, como vento sem aviso que arreganha as portas. E a faria mulher.

Sonhava com o aconchego de seu peito — teria pêlos no peito? — onde poria a cabeça todas as noites para encontrar a paz, sentindo seus dedos rijos pousados em sua cintura, no abraço instintivo de seu sono tranquilo.

E Maria sonhava.

Sonhava enquanto esperava os clientes, quando vagava nas ruas, quando voltava pra casa cansada, quando lavava o pecado, quando acordava moída e quando pranteava o desengano.

Cláudio também tinha um sonho.

Escondido, é claro, porque aquilo não era de se falar.

Mário ia cair. Tava velho, cara. Tinha que sair da frente.

E se ele não desse o bote, o Caçapa daria. Ou qualquer um que fosse macho e tivesse um ferro; e ele ia junto, porque ninguém ia deixar que se criasse.

O tempo tava passando. Ia fazer 22 — tava na sua vez. Mário ia morrer e ele ia fazer a hora.

Cláudio sonhava com as cabritinhas selvagens.

Só iam falar dele. Pensava em como iriam chegar, nas saias levadas subindo, nas bocas pedindo amor, no medo que as faria tremer e em como iriam suar pra tirar seu prazer. Gostava de ver dor nos seus rostos.

Em troca, ia embuchar todas elas. Muitos filhos. Não é disso que mulher gosta? E dar boa vida, se não enchessem o saco.

Sonhava com os otários pagando pra comprar a poeira malhada. Com a grana entrando pra ele mandar ver umas armas pesadas, daquelas que metem respeito em polícia.

Sonhava em tirar sua mãe da favela.

Aliás, sonhava em sair da favela, ter um carrão de resposta, um “romi tiat” e um dia, quem sabe, andar de avião, ser um cara importante.

Era um sonho, mas não era difícil — Mário já tava morto — só faltava enterrar.

Rose vivia um sonho.

O cara tava na dela.

A maior sorte. A zinha dele sumiu e ela tava lá. Como é que se larga um cara desses?

Ela é que não ia largar.

Pô, o cara era demais, aí. Todo mundo se arregava dele. E não é só porque era dono da parada, mas porque ele era...

Ele era um sonho!

Pronto, o Mário era um sonho.

A boate era dele e as meninas também. O apartamento na praia. E os carros, cara, quanto carrão, era só pegar...

Rose tava com sorte.

Foi sorte fazer a cabeça do pai pra estudar no Rio. Aquela vida horrível em casa. Estaria até hoje lavando chão do banheiro, com aqueles velhos amigos de seu pai passando a mão nas suas pernas, apertando seus seios, babando seu pescoço... Será que seu pai não via isso?

Mas agora estava tudo beleza. O Mário era louco por ela.

Já tinha um apê na Barra e um carrão legal. Mandava nas meninas, ganhava comissão, tinha mesada, vida de madame e não fazia mais michê. De dia ia pra praia, azarava um garotão sarado e ficava. De tarde ia pro Mall fazer compras e recrutar “mão de obra”. De noite fazia as festas e arrumava programa pras garotas. Como era fácil...

E aí vinha o Mário — era só agradar. Tinha que fazer sofrer um pouco, porque homem não pode achar que tá dominando, masseagradasse, aí tinha vida de princesa...

Paulo tinha um pesadelo.

Desde que a filha se fora, suas cartas vinham cada vez mais vazias. Telefone? Não dava notícias.

Pedira ao Tião pra ir no endereço, só pra saber que não estava mais lá. Fazia tempo.

Não que tivesse morrido, ou presa na cama de um hospital. Tinha saído. Ido embora!

Não podia ser. Ele fizera tudo por ela. Depois que sua mãe se fora, cuidara dela com todo carinho. Escondera dela o destempero e abandono da mãe. Deixou namoradas pra lhe fazer companhia. Trocou de trabalho pra vigiar os seus passos. Fazia bico pra comprar seus vestidos. Suspirava feliz com seu crescimento e vivia encantado com sua ternura e beleza.

Tinha sido melhor ir pro Rio. Aqui era mimada por todos. Muitos presentes, muita atenção, muito colo. Lá, pelo menos, ia enfrentar a vida de outra forma. E talvez estudasse. Talvez acabasse doutora.

Mas tinha deixado a pensão.

Por que não telefonava?

Por que não pedia dinheiro?

continua



# CAMA-D

Será que era verdade aquela história do Tião? Sua filhota era cafetina e mulher de bandido?

Era um pesadelo. Tinha que ser. Onde está você, Rosalva?

Mário vivia um pesadelo.

Cara safo, macho, resolvido, cheio de mulher — e tinha que se amarrar naquela vadia?

Parecia otário. Todo dia acordava jurando ela de morte e dormia jurando amor.

Meio-dia e limpava a pistola. Meia-noite e limpava a carteira.

Meio-dia e ela estava na praia: o sol lambendo seu corpo, a carne derretendo na areia, os cabelos escorrendo nos ombros e aquele biquíni cavado.

Não dava outra. Tinha sempre um cara. Um papo. Sorriso, cutuca. Dedo no rosto, mão no pescoço, dedo no lábio, mão na cintura. Sorriso, toalha na mão, mão na mão e pé na estrada.

Pro apartamento que ele emprestou pra ela! Tinha que matar a vadia.

Chorava calado. Não era possível! Ninguém disse: ele sabia.

Tinha que dar um jeito. Aquilo ia acabar com ele. Tava enfraquecendo. Se vazasse e o chamassem de corno, tava morto. Ninguém respeita corno. Ia cair na roda, porque quem manda não pode ser corno.

Mas toda noite ela vinha com a fala macia. Que era só dele. Com ele fazia gostoso. Cuidava das coisas dele, ficava bonita pro desejo dele, tomava conta das meninas pra ele e até dizia que não se importava se ele tivesse outras mulheres. Por que ele era assim?

— Vem aqui, amorzinho, deixa de bobagem.

E lá ia ele, feito mané. Corno manso, dando boa vida à vadia.

Que pesadelo, cara. Tinha que acabar.

Maria nem acreditava. Parecia até sonho. Mas a Dirleine não precisava mentir. As meninas daquela boate só faziam programa

de bacana. Tinham carro, roupa de shopping e jóias. Deviam faturar aí uns cincão por mês. Com essa grana não ia ficar velha no ramo.

Já, já ia atrás de Marcelo. Seu homem. Agora tinha que apressar — se atrasasse perdia a vaga.

O coração de Paulo batia forte. A loucura só piorava. O Tião tinha sido um escroto contando aqueles detalhes. Sua filha, dona de bordel?

Pelo menos não estava na merda, mas tinha que viver em pecado, metida com bandido, prostitutas, bebidas e droga? Precisava falar com ela. Sexo, bandido e dinheiro? Tinha que salvar sua vida. Crime e pecado? Tinha que salvar sua alma.

Por que, Deus? Que castigo era esse?

Mário nunca esteve tão calmo. Resignado na dor do ciúme, dava passos miúdos mas firmes. Pensava no perfume de Rose. O cheiro doce de fêmea na carne macia. E via a montanha de bocas que passavam ali, todo dia. Pensando bem, nem doía tanto assim. Era com ele que queria ficar. A vida era dele. Quem falasse alguma coisa ia pra vala mesmo, pra que esquentar? Azar.

Ia vê-la mais cedo porque aquele era dia de entrega. Entrega especial.

Junto com as pedras vinha um arsenal do capeta. Muito pesado. Assim que testasse ia com Cláudio e Caçapa tomar a boca do Marrom. Na madrugada, que é a hora do bote. Rapidinho e ficar absoluto na parada.

Tava na hora de dar um empurrão no Cláudio e tirar o Caçapa da cola. Ele andava esquisitão e aquilo tava cheirando a defunto.

De repente, na guerra, ia entregar ele pro Cláudio.

Tinha sido uma boa idéia pedir pra Rose arrumar uma potrinha pra ele. O cara obrava o dia inteiro, na dele, tomando conta dos negócios pra ele crescer. Não namorava ninguém! Como é que pode?

Pensando bem, tava tudo na boa. Só ia

dar ele naquele negócio. Como isso era bom. Gostoso como o cheiro da Rose. Ela ia ficar louca com aquele colar...

Caminhava pro seu destino. Calmo. Manso e feliz.

Rose gostou de Maria.

Tinha futuro a garota. Meio brega, umas roupas estranhas, mas pelo menos não usava aqueles perfumes nojentos. Com grana melhorava na certa. Era bonita. Ia ganhar um troco com ela. Pena ter que entregar logo pro Cláudio, aquele animal. Fazer o quê? Não tinha escolha. Tomara que não a marcasse.

Olhava seu corpo nu desfilando na frente do armário aberto — como era bonita — e se distraía com seu deslumbramento com as roupas de festa.

Assustou-se quando a porta se abriu num estrondo e dois homens entraram embolados.

Pensou logo em Mário e no perigo que sua vida trazia.

Refazendo-se do susto reconheceu o segurança. Viu com clareza a arma enfiada no seu pescoço, apontando pra cima e a cabeça torcida pelo braço do outro.

Gritou. Gritou gelada ao reconhecer o seu pai.

As pernas sumiram junto com o grito e arriou na cadeira. A dor da vergonha cobriu seu rosto com as mãos.

O choro brotou convulsivo e o corpo dobrou, os cabelos lisos roçando nas pernas.

Paulo afrouxou o braço e o segurança tentou agarrá-lo. Os pés se arrastaram no chão, o cano apertou seu pescoço e o click rompeu o silêncio.

Maria gritou de terror, o corpo enterrado no armário, cobrindo o pudor com os vestidos.

Rose abriu os olhos e encarou os dois homens. Pediu calma com as mãos e pariu num gemido o perdão que implorava: — Pai?

O segurança entendeu o roteiro e seu corpo todo arriou.



# DE-GATO

(continuação)

Paulo tinha ódio nos olhos, mas o rosto era de assombro.

Repetiu o nome da filha até que a pressão voltasse ao normal. Agora, sua figura selvagem encarnava um homem desfeito. Não tinha forças pros braços, nem tinha forças pras pernas. Trocou seu equilíbrio e foi projetando pra frente, até cair de joelhos aos pés de Rosalva. Afogou o pranto em seu colo e a arma saiu de seus dedos, seguindo seu rumo, deslizando até encostar em Maria, que se abaixou pra pegar.

O segurança entrou no banheiro, balançando a cabeça. Meio ajeitava o pescoço, meio negava o que vira.

Mário subia as escadas feliz. Acabara o sonho mau e estava realizando seus planos.

Logo atrás vinha Cláudio sonhando com seu futuro. Tinha que ser ali. E junto, de quebra, ia aquela cadela. O sinal tava dado: o meganha cumprira o combinado e saíra do pé da escada. Mário nem tinha notado. Ia varar os dois com a nove — um tiro pra dois presuntos.

Mário entra na cena e seu mundo desaba. O que aquela vadia tava fazendo com aquele homem no camarim?

Cego, nem viu as lágrimas. Só o rosto de Paulo enterrado nas coxas de Rose, que segurava sua cabeça com as mãos, num gesto obsceno de entrega e prazer.

Aquilo não tinha perdão.

Buscou a máquina nas costas e, mais rápido que os palavrões que xingou, meteu os dois. Um foi nos peitos de Rose, que morreu engasgada sorrindo pra ele. Dois ele cravou nas costas de Paulo, que nem soube de nada.

Maria se encheu de pavor. Briga na zona e ela ali vendo um estranho matar a mulher e o pai dela. Teve medo de ser a testemunha idiota.

Contraíu os músculos e sentiu o metal duro nas mãos. Sem saber nem porque, gritou e apertou o gatilho. Cedeu à histeria e chorou.

Não viu Mário sair do chão, com o balaço

explodindo seu olho.

Chorava descontrolada com o rosto coberto e o corpo pelado.

Cláudio não acreditou no que viu: estava entrando num sonho. Com o ferro na mão, nem precisou fazer Mário e ainda era o herói.

Quem era aquela vadia que chorava pelada? Tinha que ter cuidado com aquela máquina na sua mão. Que tiro!

Cutucou Mário com o pé, mas nem precisava. Metade da sua cabeça tava escorrendo pela parede.

Rose e o cara com ela nem respiravam. Parecia que dormiam um sono sem sonhos.

Viu o meganha sair do banheiro com a arma na mão e entender que ele, agora, era o chefe. Caminhou devagar até a magrela com a arma e, com mãos firmes e dóceis, segurou-a num abraço. Para não assustá-la, dizia: — Calma, já passou.

Maria acordou lentamente do ataque de nervos.

Só via aquele homem gentil a envolvendo em seus braços. Sentia seu hálito doce quando pedia por calma e gostava do que sua pele dizia, do contato com seu corpo suado.

Um arrepio lhe disse que ali estava o Marcelo e passou a sonhar.

O pesadelo estava só começando.

JASON PRADO é jornalista e escritor bissexto.



# DE OLHOS ABERTOS E DE OLHOS FECHADOS A GRADIVA DE

ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS

“Perseguir a quimera  
escavar o tempo  
mover o existente.  
Às tontas e  
sob cinzas.  
Mas ao sol”.

Freud havia escrito *A interpretação dos sonhos* por volta de sete anos antes de ter entrado em contato com a novela *Gradiva*, uma fantasia pompeiana, de Wilhelm Jensen. Aquele inaugural livro de Freud permitira-lhe – após análises amplamente detalhadas, valendo-se de exemplos os mais diversos – chegar à fórmula, para ele definitiva, de “ser o sonho a realização do desejo”. Portanto, algo de “essencial” visava o sonhador a atingir, e assim, pela via do sonho, nesse estado de necessários entrega e repouso, obtinha-o.

Faz-se o sonho – dirá Freud – da recolha de imagens, situações, acontecimentos, partes de lembranças e toda espécie de materiais, próximos ou distantes, que sirvam, para que lá, na penumbra engenhosa da mente, se unam em um todo organizado, embora sob formas singulares e muitas vezes ilegíveis. Isso, caso se observe o sonho da perspectiva do que, com Freud, se firma pelo nome de o “consciente”. Será o sonho, no entanto, tido como perfeitamente lógico e legível, caso se valha o intérprete das ferramentas de análise, bem como dos conhecimentos acerca das regras gerais dos produtos psíquicos fabricados por (tal como entende e define) o inconsciente.

Sob a vigência desses valores já construídos, Freud passa a dedicar-se ao exame de sonhos não propriamente sonhados por seres humanos e sim por personagens de ficção, aqueles entes de papel e letra nascidos da arte dos “escritores imaginativos”. Partirá Freud da pergunta se haveria nesses sonhos os mesmos mecanismos que encontrara nos casos estudados. E, também, se estariam dirigidos a igual objetivo, isto é, à consecução do desejo.

Para responder, decide Freud investigar os sonhos presentes na referida novela de Jensen, publicada quatro anos antes (1903) do admirável texto freudiano: *Delírios e sonhos na Gradiva* de Jensen (1907).

Freud processa sua criação crítica, para além do objeto de análise, construindo uma rede sofisticada a unir ensaio e invento. Reconstrói a narrativa tradicional e romântica de Jensen, soltando os elos enfraquecedores, a seqüencialidade banalizante, gerando cápsulas de sentidos, verdadeiras estruturas algébricas. Põe no



RELEVO DE POMPÉIA, CONHECIDO COMO “GRADIVA”, QUE FREUD TINHA EM SEU CONSULTÓRIO  
NUMA REPRODUÇÃO EM GESSO. O ORIGINAL ENCONTRA-SE NO MUSEU DO VATICANO.



# OS FECHADOS E FREUD

coração do já agora outro-livro, o de Freud, um diferido narrador a reger o de Jensen, suplantando-o na destreza de trabalhar com a arte decepada da escritura, gestando novas relações, tanto sintáticas quanto rítmicas. Cria Freud uma obra – literária em senso alto – capaz de alertar para o fato de a Clínica constituir-se como ato de amor e de, ainda, refazer a história da percepção, indicando a existência das múltiplas modelagens do sonhar: as oriundas dos que mantêm os olhos abertos, deliradores ou imaginativos em geral; e dos que as fazem de olhos fechados, os sonhantes e as variedades de.

A bela história então recontada por Freud refere-se ao afeto, surgido na infância entre Norbert Hanold e sua vizinha e companheira Zoe Bertgand, que, com o passar do tempo, será por Norbert soterrado em agudo esquecimento. Tão agudo a ponto de não lembrar nem da menina, sua amiga, nem dela já adulta a viver ali, bem à sua frente. Norbert, tornado arqueólogo, encarcera-se nos estudos e já não tem olhar para nada que seja da ordem do vivo. Será, pois, por intermédio do inanimado que a paixão em Norbert começa a ressurgir sob os golpes dos distúrbios do entendimento: tendo visto em Roma uma estátua em relevo a representar uma mulher que caminha sobre pedras, impressiona-se demasiadamente, trazendo para casa uma réplica perfeita da escultura. A análise obsedante que Norbert faz da réplica adquirida leva-o a concentrar-se no fato de a mulher representada ter um modo de andar surpreendente – o pé, a posição do pé, o movimento, a quase dança. Norbert, por tal linha de interesse, passa à pesquisa sobre se existiria na realidade, na vida enfim, aquela forma de andar. Do imóvel, o afeto brota. Sobre ele lança-se a força do movimento. Do duro, passa à inquietude da flexibilidade; do amortecido ao vibrar. À vida, portanto (por ser sempre mais forte). E ao uso dela.

Sob o impacto dessa energia vital, Norbert segue a pulsão que o levará a Pompéia, onde

encontra aquela que reconhece como sendo a figura do relevo – a sua Gradiva, como ele próprio havia designado, em virtude do sentido recôndito do nome: “a jovem que avança”, termo provindo de Mars Gradivus, o deus guerreiro. Eis ali aquela que o levará à guerra consigo mesmo, à bélica e saudável relação entre realidade e sonho. À feliz luta na qual os limites entre o-que-é e o-que-não-é tornam-se duvidosos. Passa-se para o tremor e para as delícias do não-saber. Em razão do delírio, qual denomina Freud, rompem-se as fronteiras das convenções do: isto é isto. Norbert não sabe e não pode e não quer distinguir se aquela há, houve, se vive ou redivive, se ilusão, se concreta existência. Prevalece a paixão (que vem de passivo atuante) como sonho – sonho acordado, passividade móvel e imprescindível. Na paixão tudo é póli: raios de signos que não só se cruzam nos sonhos dos que dormem, como também, e principalmente, nos dos que desejam.

Pompéia é a metáfora mais contundente dessa semântica sonar, pois vive após o dilúvio, liga-se à memória e ao esquecimento, com seus ardentes vestígios: lembranças, silêncios, ruídos e retornos.

Aos poucos Freud retraça a rede de fatos, sonhos e pensamentos. Une Norbert a Zoe (sua carnal Gradiva agora reencontrada), percebendo nela a função de terapeuta amorosa. Por ser amada e amar, sabe ler a variedade significativa do Livro-Norbert. Entender, acolher. E conduzir, por afeição e técnica, à alegria do para sempre multiplicar-se. Que envolve reconhecer, esquecer, tocar, e sonhar, sonhar. Mais que Jensen, brilha, na literatura de Freud, Schnitzler (de olhos fechados e vivos). E – mais ainda – Shakespeare: o sonho de um sonho de um sonho.

ROBERTO CORRÊA DOS SANTOS é professor dos cursos de pós-graduação da Faculdade de Letras da PUC-Rio.



## CIÚME

O MONSTRO DE OLHOS VERDES  
É O TEMA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
DOS CADERNOS DE

LEITURASCOMPARTILHADAS

ASSINE • ADQUIRA  
AS EDIÇÕES ANTERIORES

TEL / FAX (21) 2245-7108

[ASSINATURA@LEIABRASIL.ORG.BR](mailto:ASSINATURA@LEIABRASIL.ORG.BR)

[WWW.LEIABRASIL.ORG.BR](http://WWW.LEIABRASIL.ORG.BR)



# O SONHO A

## ITALO MORICONI

"O sonho acabou quem não dormiu no sleeping bag nem sequer sonhou..."

GILBERTO GIL, 1971

O verso de Gil, como se sabe, vem da frase de John Lennon que marcou uma definição de época. A frase foi enunciada pelo já então ex-beatle em fins de 1970, numa famosa entrevista para o jornal Rolling Stone, posteriormente publicada em livro pela editora inglesa Verso. Na entrevista, a frase dizia respeito sobretudo à vida pessoal do próprio Lennon, que passava pela virada brusca dos 30 anos. Através da adesão à terapia primal (liberar-se dos próprios fantasmas literalmente gritando e uivando), através da opção por um relacionamento total (simultaneamente afetivo e de colaboração artística) com Yoko Ono, Lennon deixava de vez os amigos, os rapazes da banda que abalara a década que abalara o século. Dizia bye-bye às ilusões da juventude. Da sua juventude. Que não era só sua.

A juventude de John Lennon e de seus colegas Beatles era mito vivo, era símbolo feito carne da juventude do mundo todo. Aquela juventude revolucionária dos anos 60. Uma juventude daquelas. Por isso, a frase foi imediatamente repercutida e traduzida em escala global como uma espécie de senha, passível de adquirir sentidos mais gerais, a um tempo mais plurais e mais singulares. Naquele momento, predominou a interpretação imediatamente óbvia — o sonho da revolução hippie se esfumava no ar. Mas desde então, para as pessoas atentas no debate cultural, "o sonho acabou" tornou-se uma expressão que, com seu tanto de irônico, indica o momento de reconhecimento do fim das ilusões revolucionárias. Quaisquer que sejam estas.

Por um lado, "o sonho acabou" fala do momento na vida em que abandonamos

ações e iniciativas coletivas voltadas para a transformação do mundo e as substituímos pelo projeto de transformação interior, pessoal. Na trajetória de Lennon, esse projeto existiu na razão direta de sua descoberta definitiva do amor a dois com aquela mulher oriental que tanto desconforto causara entre os rapazes da banda. Por outro lado, o momento do sonho acabou é o momento de "cair na real". De abandonar utopias, inclusive as que são alimentadas pelo consumo de drogas, e assumir uma postura mais prática na vida, o que no caso de Lennon ficava meio engraçado: pode haver algo mais prático do que ganhar rios de dinheiro graças a um talento e a uma capacidade carismática excepcional? Dinheiro e espetáculo rimando com vontade de mudar o mundo.

No caso específico dos Beatles, assim como no de seus rivais complementares Rolling Stones, a vivência da revolução tinha portanto estado paradoxalmente associada ao som benfazejo da caixa registradora, trazendo frutos bem concretos, bem reais, do ponto de vista meramente material, egoísta. Na entrevista, Lennon afirmara: "não estou falando apenas que os Beatles acabaram (...) estou falando dessa coisa

degeneração. O sonho acabou e eu pessoalmente preciso descer à chamada realidade". Porém, como já observaram inúmeros analistas da cultura pop, para Lennon, assim como para muitos e muitas ao redor do mundo, o sonho ainda continuaria anos 70 adentro. A parceria com Yoko traduziu-se por intensa atividade midiática do casal em favor da paz no mundo. Pode-se dizer que, nos anos 70, Lennon apenas redefiniu o modo pelo qual se situava dentro do sonho. Na verdade, tornou-se mais militante e menos egoísta que nos tempos dos Beatles. Quando um sonho acaba, logo começa outro?

Não há dúvida de que, dentre todos os demais componentes das duas principais bandas inglesas dos anos 60, Lennon era o mais inquieto, o mais inadaptado, era quem tinha os pés mais irremediavelmente fincados no espírito revolucionário. Por isso foi difícil não ver o seu fim como quase típico de um mártir, na medida em que foi um fim tão prematuro. Sonhadores incorrigíveis morrem mais cedo? Para muitos e muitas, foi a morte de Lennon em 1980, e não sua frase de 1970, que marcou o fim efetivo da era revolucionária inaugurada pelos hippies e pela contracultura pop dos anos 60.



FOTOGRAFIA DE IAIN MACMILLAN, 1969. ENCARTE DO ÁLBUM "ABBEY ROAD" / DIVULGAÇÃO



# ACABOU

DIVULGAÇÃO



Com efeito, a década de 80 já foi uma década de yuppies, de capitalismo triunfante, mais de cultura acadêmica que de contracultura. Foi a década em que sumiram de cena os chamados remanescentes dos anos 60.

Isso nos coloca de chofre uma questão: afinal de contas, quando foi mesmo que o sonho acabou? Na década passada, a última de um século por excelência experimental, ninguém no debate cultural tinha mais qualquer dúvida sobre o fato de que a era dos sonhos utópicos estava mesmo encerrada. Depois da frase de Lennon e de seu desaparecimento físico, um grande acontecimento político, de vastíssimas proporções, veio a ocupar esse espaço imaginário do sonho acabado. Refiro-me à queda do Muro de Berlim, em 1989, logo seguida pelo desmoronamento do império soviético, isso tudo dentro de um processo histórico em que, ao longo dos anos 80 e 90, a própria esquerda social-democrata cor-de-rosa, seguindo uma vocação centenária, adotava aspectos centrais da visão econômica liberal. Hoje a social-democracia é pouco mais que uma variante do liberalismo, é um tipo de liberalismo sem o “pega pra capar” do capitalismo puro, um liberalismo “com preocupações sociais”.

A queda do Muro e o neopragmatismo da social-democracia estilo Terceira Via foram apenas a última pedra retirada do sonho monumental do socialismo comunista. Desde

os anos 50 e principalmente desde 1968 (invasão da antiga Tcheco-Eslováquia pela União Soviética), qualquer pessoa politicamente informada, mesmo de esquerda, sabia que o sonho comunista tinha virado um pesadelo. Na verdade, o sonho libertário da contracultura dos anos 60 já surgira como proposta alternativa à promessa não cumprida pelo coletivismo soviético. Quando um sonho acaba, logo aparece outro. E quando o sonho acaba em pesadelo? Também o sonho hippie acabou muitas vezes em pesadelo para quem foi fundo demais nas drogas, na loucura, no sexo liberado.

Hoje os autodeclarados liberais que comandam a maior nação do mundo acalentam um novo sonho e este sonho é um pesadelo. Ao contrário dos hippies, que queriam transformar o mundo sem violência, os novos sonhadores dizem que vão implantar a democracia a ferro e fogo. O ferro e fogo da guerra, começando pelo Oriente Médio. São os purificadores. “Quando será que esse sonho mau vai acabar?” - perguntava Paulo Coelho, com razão, pouco antes dos bombardeios do Iraque. O sonho estava ficando real demais.

Nos dias de hoje, é preciso saber sonhar melhor, talvez lucidamente, para acordar do pesadelo.

ITALO MORICONI é poeta e professor de Literatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Autor de *Léu*, *A cidade e as ruas* e *Quase sertão*, organizou antologias como *Os cem melhores poemas brasileiros do século*.

JOHN LENNON, FOTOGRAFIA DE RICHARD AVEDON, 1968.  
ENCARTE DO ÁLBUM “#1” / DIVULGAÇÃO



# COMPARTILHANDO LEITURAS NO SESC



**SESC**  
RIO DE JANEIRO

## ENCONTROS QUE FAZEM SENTIDO

DEBATES IMAGENS PALAVRAS MÚSICA INSTALAÇÕES

A CADA TEMA UMA REVISTA EM MOVIMENTO PARTICIPE!

LEITURAS COMPARTILHADAS (IN)FORMAÇÃO PARA AGENTES DE LEITURA



**DIFERENÇAS**

AGOSTO (12,13)



**MARES**

SETEMBRO (10,11)



**MEDO**

OUTUBRO (08,09)



**DESEJO**

NOVEMBRO (12,13)



**LIXO**

DEZEMBRO (03,04)

ARTE SESC R. MARQUES DE ABRANTES 99 FLAMENGO EXEMPLARES DA REVISTA INCLUIDOS  
INSCRIÇÕES GRATUITAS (21) 2245-7108 EVENTOS@LEIABRASIL.ORG.BRVAGAS LIMITADAS